

# METADIMENSÃO

Contos de ficção científica de Rynaldo Papoy

## PARTE I

### 1 – DESTINO: CENTRO DA GALÁXIA

Observamos que o raio-X não era uniforme. Havia uma flutuação, como se houvesse um objeto gigantesco interferindo na emissão de raio-x do Grande Buraco-Negro do Centro da Galáxia.

De longe, parecia estático. Ou seguindo a mesma rotação do GBNCG.

Mas quando ampliamos sinteticamente a imagem, percebemos que o objeto de 6.000 km de extensão havia deixado um rastro contrário ao sentido de rotação do buraco-negro, o que nos pareceu bastante estranho.

Tudo bem que há muitos corpos celestes que giram ao redor de outros em sentido oposto, mas presumíamos que um objeto sugado por um buraco-negro fosse girar no mesmo sentido do ralo gravitacional, em velocidade absurdamente alta. O mais estranho de tudo era o fato de que o movimento havia sido abortado e agora o objeto estava entregue à força gravitacional do GBNCG e ficaria girando por ali durante milhões de anos, até ser esmagado completamente.

Tivemos sorte em descobrir este objeto misterioso dentro do GBNCG. Sendo um supermassivo buraco-negro com um Horizonte de Eventos maior do que o nosso Sistema Solar, estivesse o objeto do outro lado, dificilmente saberíamos de sua existência, já que o seu período de translação seria de mais de 1.000 anos terrestres.

Mas o que seria este objeto?

O mais provável é que seria apenas um asteróide pertencente a algum Sistema Solar próximo, que havia sido capturado pelo buraco-negro, entre outros que já deveriam ter sido sugados ou que estavam a caminho. Prova de que o buracão galáctico estava interessado em devorar as estrelas vizinhas, da região também conhecida como Sagitário A.

No fundo, todos pensávamos a mesma coisa, mas não tínhamos coragem de admitir: talvez o objeto fosse uma espaçonave incredivelmente grande, que havia caído por acidente no Horizonte de Eventos e não havia conseguido sair dali.

Como uma civilização extraterrestre tão avançada, capaz de construir uma nave de 6.000 km, havia cometido a barberagem de não perceber o buraco negro e ser aprisionada por ele?

Fomos até lá.

Eu e meus colegas do Instituto enviamos a sonda I.T.A. 5.3 e a estacionamos a uma distância segura, 1 ano-luz do GBNCG.

Nunca tínhamos visto um buraco negro supermassivo tão de perto.

Sua invisibilidade era o que mais se via ali, pois a mancha negra gerada no espaço era milhares de vezes maior do que qualquer estrela. A expressão “buraco negro” era totalmente apropriada, pois a imagem da não-imagem era como um gigantesco furo no espaço. Efeito potencializado pelo fato de que o centro da galáxia tinha muito mais estrelas concentradas no espaço do que na nossa periferia, onde se localizava o Sistema Solar.

O GBNCG, que logo batizamos de “Caçapa”, só podia ser “visto” sinteticamente, através da análise do espectro eletromagnético emitido por ele.

E lá estava a coisa de 6.000 km, como um tumor que não conseguiu se auto-extirpar.

Testaríamos a nossa nova invenção. Mandaríamos uma sub-sonda para dentro do Horizonte de Eventos, que transmitiria informações por sub-ondas. Não poderíamos estragar nossa sonda I.T.A 5.3 de 600 milhões de dólares, pois o Instituto não nos financiaria outra nem tão cedo.

Quando a Sub entrou no H.E., começou a transmitir.

Tivemos uma nova concepção de buraco negro, que não poderia mais ser chamado de “buraco negro”, mas “buraco fractal”.

Pois embora a luz não pudesse escapar do buraco negro, ela ficava dando voltas nele, até ser sugada.

E um buraco negro absorvia luz de todo o Universo.

Portanto, o espetáculo fractal seria eterno, até que toda a luz do Universo se esgotasse, o que não iria acontecer jamais.

O objeto misterioso de 6.000 km estava ali.

De fato, era uma nave espacial gigantesca. Jamais imaginamos que alguém construiria uma nave daquele tamanho. Uma nave quase do tamanho de um pequeno planeta.

Mas a imagem da nave estava bastante distorcida, devido à gravidade do buraco-negro, que causava aquele efeito fractal.

A Sub entrou cautelosamente na nave, sempre nos transmitindo as imagens em forma de sub-ondas.

A radiação do GBNCG havia matado a todos, por isso a super nave estava à deriva.

Os milhões de tripulantes da nave eram parecidos com espermatozóides. Um corpo sem braços ou pernas ou cabeça, unido a uma longa cauda.

Estavam esparramados pelos corredores, grudados nas paredes, queimados e semi-esmagados. Muitos estavam lesionados, com suas tripas caindo para fora do corpo.

Os compartimentos da nave eram difíceis de ser decifrados.

Difícil saber onde era a proa, a popa, o motor, a sala de comando. Muito menos sabíamos como procurar a caixa-preta da nave, ou diário de bordo, para saber o que havia acontecido com ela.

Durante várias semanas, a Sub passeou por dentro da nave, tentando achar alguma explicação.

Como é que aqueles seres registravam seu pensamento? Com certeza o conhecimento daquele povo estaria registrado em algum lugar, só não sabíamos onde.

17 anos depois, percebemos que outra nave gigantesca, idêntica à primeira, estava se aproximando da Caçapa.

Aquilo não parecia um acidente, mas um suicídio.

Mandamos a I.T.A 7.2 até lá. Nosso objetivo era alertá-los sobre o perigo de entrar no Horizonte de Eventos de um buraco-negro.

Ao chegar perto, descobrimos como eles se comunicavam: através de linguagem de sinais formados pelas caudas. Para quem achava que extraterrestres comunicavam-se por telepatia, isto seria uma surpresa.

Em alguns dias, conseguimos traduzir a maior parte dos sinais e tentaríamos conversar com eles, projetando sinais parecidos, através da I.T.A 7.2.

- Viemos em paz. Somos da Terra, um planeta pertencente ao Sistema Solar, na periferia da Via Láctea. De que planeta vocês são?
- Planeta 1. O último planeta em que vivemos, antes do renascimento. Nosso povo passa por cinco planetas que são como estágios evolutivos. Depois do 1, temos que partir para o Fim, onde nossa vida é purificada e renascemos outra vez no planeta 6.

Eles nos mostraram o Sistema Solar deles. Era exatamente SO-2, a estrela que orbita a Caçapa. Mas não estávamos entendendo a conversa deles.

Perguntamos porque estavam se atirando no buraco negro.

Eles nos responderam novamente que todos os anos [equivalente a 17 anos terrestres], os mais velhos do planeta 1 partiam para o buraco negro, onde acreditavam que reencarnariam no planeta 6.

Era bem óbvio entender que se você vive ao lado de um buraco negro como a Caçapa, vai crescer acreditando que é uma espécie de divindade.

Tentamos explicar aos espermatozoides de SO-2 que estavam equivocados. Havíamos encontrado a nave anterior deles e não apenas os colegas deles estavam mortos, como tentaram voltar, fugindo do buraco negro. Sem sucesso.

- Seres da Terra, vocês não são os primeiros nem serão os últimos a tentar mudar nosso destino. Nós fazemos isto há tanto tempo que não sabemos quando começou o hábito de partir para o Fim. Acreditamos que esta atividade sempre existiu, desde o início da nossa vida.

Projetamos a eles as imagens dos mortos, mas mantiveram-se impassíveis.

- Sentimos que sua intenção é boa, seres da Terra. Como também foi a de outros que nos visitaram no passado. Mas partir para o Fim e renascer é como uma função vital. Jamais foi diferente. Jamais alguém de nossa espécie permaneceu no Planeta 1. Todos embarcaram e partiram. Sempre foi assim e continuará assim para sempre.

Sem ter como dissuadi-los, despedimo-nos e acompanhamos sua jornada.

Da mesma maneira que a nave anterior, ao chegar no Horizonte de Eventos todos se desesperaram e tentaram mudar o curso da nave, para tira-la do buraco negro. Gritaram por socorro, imploraram para que os ajudássemos, mas não sabíamos como retirar uma espaçonave de 6.000 km de dentro de um buraco-negro.

Agora nós sabemos. Fizemos experiências com outras embarcações de SO-2, que ainda estavam girando no Horizonte de Eventos. Encontramos mais de 2 mil veículos suicidas, provando que eles faziam aquilo há mais de 34 mil anos.

A I.T.A 9.1 vai esperar apenas que eles nos peçam ajuda para sair da Caçapa e os retiraremos de lá.

Vamos ensinar aos colegas de SO-2 que nós não nos ajoelhamos frente à matéria. Que nós temos alma e controlamos nosso destino.

## 2 – A LUA DE SAGAN [SAGAN/G6/EF-ERIDANUS A]

De acordo com Carl Sagan, astrônomo e biólogo nova-iorquino do século 20, as civilizações tecnológicas [semelhantes à humana] espalhavam-se pela galáxia a uma distância média de 300 anos-luz umas das outras.

Logo, quando a Lua gelada do sexto planeta gigante de EF-Eridanus A, a 300 anos-luz da Terra, revelou vida tecnológica, esta foi imediatamente batizada de Sagan/G6/EF-Eridanus A, ou simplesmente “Lua de Sagan”.

Não era o primeiro corpo espacial com vida. Nem também o primeiro com vida inteligente.

No entanto, era o primeiro com uma tecnologia avançada semelhante à terrestre.

Possuíam estações espaciais. Naves velozes podiam ser vistas ao redor da lua.

Os astrobiólogos acreditaram que, por acaso, a Lua de Sagan não mantivera contato com a Terra antes. Descobrimos o planeta de maneira acidentalmente pioneira. Pois a Lua de Sagan estava próxima de descobrir a mecânica extra-dimensional, como já fizera a Terra.

Se tivéssemos que esperar simples ondas de rádio inteligentes, cruzando o espaço-tempo, descobriríamos a Lua de Sagan apenas no século 22. Porém, certamente a civilização de EF-Eridanus A nos encontraria antes.

Enfim a Terra receberia os tão esperados visitantes das estrelas, que não eram homenzinhos verdes de olhos grandes, mas anelídeos coloridos, cujos anéis se recombinavam milhares de vezes por dia.

Não fossem os artefatos construídos por esses anelídeos, a Lua passaria por mais um objeto galáctico primitivo, ainda na fase protozoária.

As “minhocas inteligentes” da Lua de Sagan viviam dentro do gelo que formava a superfície do satélite e aqueciam-se produzindo raios-gama durante a recombinação dos anéis.

O calor gerado estava no limite que ainda manteria a Lua de Sagan congelada. Um pequeno desequilíbrio ecológico, como o aumento da população ou a introdução de uma nova espécie [por exemplo, humana], derreteria a Lua, matando as minhocas, ou diminuiria a temperatura, também colocando em risco a vida daquela civilização.

Estávamos, no entanto, diante de um fato inédito. De acordo com a Ética Espacial, os humanos não poderiam interferir no destino de uma civilização inteligente, a não ser que esta estivesse em risco de extinção, quando a interferência deveria ser anônima. Isto é, sem que a civilização soubesse de nossa existência.

No entanto, como agir diante de uma civilização tecnológica? Como calcular a reação de uma civilização avançada à descoberta de outra civilização no mesmo degrau evolutivo? Por que não compartilhar conhecimento com este povo?

Poderíamos ensinar a tecnologia extra-dimensional a este povo e eles nos ensinariam a produzir energia com raios-gama ou nos ensinariam a sobreviver e evoluir num ambiente inóspito e sem biodiversidade, como uma Lua formada por gelo.

Como as minhocas se alimentavam? Como respiravam?

O encontro com os humanos, no entanto, tornou-se inevitável.

Se ensinássemos a extra-tecnologia a Lua de Sagan, fatalmente toparíamos com eles em alguma encruzilhada cósmica.

Como cruzar com uma nave das minhocas e nem falar “oi”?

Devido à impossibilidade de mantermos distância das civilizações tecnológicas, decidimos manter contato com Sagan/G6/EF-Eridanus A.

Em primeiro lugar, seria preciso traduzir a linguagem das minhocas e falar na língua deles.

As minhocas comunicavam-se por ícones ou outro tipo de linguagem?

Quando há muitas dúvidas, o melhor método de resolver um problema é através do mais simples.

Simplesmente as 18 naves terrestres deixaram a extra-dimensão e iniciaram a manobra de pouso na Lua de Sagan.

As gigantescas minhocas nos rodearam, curiosas.

As menores minhocas pareciam ter mais de 100 metros de comprimento e combinavam cerca de 500 anéis. Enquanto as maiores chegavam a 1 km de extensão, com milhares de anéis.

Embora as trocas de anéis fossem constantes, os anelídeos mantinham o mesmo tamanho e a mesma forma no espaço.

Não eram capazes de flutuar sozinhas. Enrolavam-se umas às outras, formando espirais que chegavam a dezenas de quilômetros de altura.

De túneis artificiais gigantescos, espaçonaves velozes foram lançadas ao redor das naves terrestres, enquanto os habitantes parecem ter recebido ordens para se afastar.

Os humanos deduziram que eram a patrulha. Acharam a idéia interessante. Já estavam preparados para proteger o mundo deles. Experiência ou instinto inerente a todos os seres vivos do Universo?

Não ficamos com medo, afinal, antes que uma bomba fosse lançada à velocidade da luz na nossa direção, escaparíamos do espaço-tempo. As naves humanas eram inatingíveis.

Pousamos num planalto equatorial. A patrulha continuou a nossa espreita.

Descemos das naves, um a um. 425 missionários.

Projetamos uma imagem tridimensional da Via Láctea, com destaque para o Sistema Solar e EF-Eridanus. Uma animação gráfica ilustrava a trajetória das naves terrestres em direção a Lua de Sagan.

Nos corpos das minhocas surgiram imagens dos nossos neurônios. Eles haviam descoberto como funcionava nosso pensamento. Leram nossas mentes e nos introduziram tudo aquilo que precisávamos saber.

O que disseram, utilizando nossa própria forma de expressão, nos deixou arrasados:

- Humanos, bem-vindos a nosso satélite que vocês chamam Lua de Sagan. Nome que nos parece interessante. Podemos dizer que é uma honra para nós receber

visita de seres tão avançados e curiosos. No entanto, devemos lhes informar que nós já os conhecíamos há muito tempo e acompanhamos a evolução humana nos últimos mil anos, desde que descobrimos o seu planeta. Certamente gostaríamos de compartilhar tecnologia com os humanos. No entanto, isso feriria nossa ética. O Código de Ética da Comunidade dos Seres Espaciais, da qual fazemos parte e é constituída por milhões de outros seres tecnológicos de nossa galáxia, que os humanos chamam de Via Láctea, não permite que seres com problemas internos ingressem em seus quadros. No entanto, os humanos poderão acessar uma parte de nossos arquivos, algo que vocês chamariam de “biblioteca”, onde poderão obter informações que possam lhes auxiliar a resolver estes seus problemas internos. Os problemas que vocês devem resolver são cinco. Alguns seres tecnológicos da Via Láctea e de outras galáxias jamais conseguiram resolver seus problemas internos. Outros levaram milhões de anos. Alguns resolveram em poucos anos. Portanto, solicitamos a vocês que retornem imediatamente e não voltem a viajar pelo espaço antes de resolver estes problemas.

- Que problemas são estes? – perguntamos.
- É bastante curioso o fato de que os humanos tem inteligência suficiente para desenvolver tecnologia metadimensional, mas não sabe quais são seus principais problemas internos. Só temos algo mais a dizer: Tivemos que enfrentar os Exterminadores de Electra, que queriam eliminar a ameaça humana.
- Não brinca!
- Sim, os Exterminadores têm o hábito de eliminar seres que consideram uma ameaça à harmonia da galáxia. Só com muita negociação conseguimos impedir que eles destruíssem os humanos.
- O mais incrível é que não imaginávamos que haveria vida num aglomerado de estrelas, especialmente num aglomerado tão jovem quando as Plêiades, onde fica Electra.
- É verdade, não existe vida inteligente nas Plêiades, por estes motivos. Estávamos só brincando com vocês, que apreciam uma boa “ficção científica”.

Que senso de humor!

Voltamos para a Terra duvidando que existisse realmente alguma Comunidade Espacial. Mas o pedido deles abriu nossos olhos.

### 3 – AS TORRES

Encontramos muitos planetas com vida estranha, na Via Láctea. E tudo porque fizemos uma descoberta acidental: a metadimensão, que aparentemente nenhum outro ser da Via Láctea que encontramos também já descobriu.

A Via Láctea é tão grande que acho que nem todas as gerações humanas, ao menos as gerações “homo sapiens”, darão conta de documentar toda a vida inteligente e vida tecnológica da galáxia.

Uma das vidas que encontramos foi num lugar onde não imaginamos que haveria vida: um disco de poeira de 20 mil anos-luz de diâmetro ao redor da Caçapa [Grande Buraco Negro do Centro da Galáxia].

Este disco de poeira jamais poderia ser percebido aqui da Terra. Foi visto de um região superior, já fora da galáxia, por uma sonda que mandamos até lá para fotografar

justamente o Centro da Galáxia visto de cima.

Ficamos observando a imagem, até que alguém disse: “Isto aí ao redor da Caçapa é um disco de poeira?”

Sim, era. E não era um simples disco de poeira. Havia planetóides no meio do disco, como há em Kuiper.

Um destes planetóides era quase do tamanho de nosso Plutão.

E para nossa grande surpresa, ele possuía o que acreditamos ser ruínas de 500 milhões de anos. Algo extraordinário demais para simplesmente ser contemplado de longe.

Fomos até lá.

O local era totalmente escuro e gélido. Mais de 200 graus abaixo de zero. Quando pousamos nossas naves metadimensionais, percebemos que todo o planeta estava coberto por torres de cerca de 100 metros de altura cada uma. Como se fossem torres de observação. Eram todas iguais, com uns 10 metros de diâmetro, espalhadas a uma distância de cerca de 500 metros umas das outras. As torres cobriam todo o planetóide. Algumas estavam tortas ou caídas. Uma parte delas destruída pelo choque de outros corpos celestes. Imediatamente batizamos o planeta de “Caçapa/Torres”.

Era uma nova modalidade de planeta. Localizado em discos de poeira ao redor de buracos-negros.

A questão não era descobrir o porquê de ali ter surgido vida. Pois isso não nos surpreendia mais. Vida surgia em qualquer lugar, até num disco de poeira.

O problema era: porque a vida ali havia acabado? Porque os habitantes morreram? Onde estavam os corpos? Teriam se mudado para outro lugar, como tantos outros planetas fósseis que encontramos?

A primeira coisa que tentamos descobrir era a função daquelas torres.

Com todo o cuidado, decidimos desmontar uma delas.

Era um catalisador. Transformaria a atmosfera do planetóide, se ali houvesse atmosfera. Prova de que ali já houve atmosfera.

Tivemos a idéia de levar uma das torres para algum planeta com atmosfera. Vênus.

Instalamos a torre no alto do Monte Maxwell, que por ter 11 mil metros de altura, sua temperatura e pressão atmosféricas eram mais baixas do que na planície. Sem contar que o laboratório dos russos, que também ficava ali, havia alterado ainda mais as condições climáticas do local para que pudessem construir suas instalações ali. Uma semana depois, os russos entraram em contato conosco, avisando que a torre continuava do mesmo jeito. Nada havia acontecido, mas eles tentariam consertá-la e fazê-la funcionar.

Mas não tiveram sucesso. Fuçaram, fuçaram, fuçaram e ela permaneceu igual.

Normalmente, deveríamos trazer o artefato para o Museu Astro-Arqueológico do ITA. Mas decidimos deixar a torre lá por mais um tempo, só como curiosidade, para ver se ela voltaria a funcionar sozinha.

Seis meses depois, ela continuava do mesmo jeito.

Retornamos a Vênus para recolhê-la, mas quando chegamos perto, percebemos que ela estava diferente: parecia estar emitindo um leve brilho, quase imperceptível, como aqueles brinquedinhos que brilham no escuro. Avisamos aos russos que a torre parecia estar voltando à ativa e eles decidiram monitorá-la.

Dois meses depois, seu brilho era intenso, como um ser vivo trazido de volta à vida. Uma luz avermelhada parecia estar sendo emitida de dentro, atravessando a parede metálica.

Dr. Igor Pornievsky entrou em contato conosco e sentenciou:

- Isto que vocês trouxeram aqui, achando que era um equipamento abandonado, na verdade é um ser vivo. As torres do planeta Caçapa/Torres são, na verdade, os habitantes dormentes do planeta.

Não foram os primeiros habitantes dormentes que achamos na Via Láctea. Já havíamos achado dormentes até em Marte. Como também há aqui na Terra.

Transferir toda uma população para outro planeta, especialmente um vizinho da Terra, não seria algo tão fácil. Teríamos que pedir autorização da ONU e da União da Galáxia. Não sabíamos se as Torres poderiam ser ameaçadoras. Decidimos levar todas elas para um local isolado, um planeta atmosférico desabitado, onde o planeta habitado mais próximo ficava a mais de 800 anos-luz. Como as Torres não eram racionais, não pudemos perguntar a elas o porquê de estar ali no inóspito disco de poeira da Caçapa. Talvez tivessem sido deixadas ali por alguém. Negligenciadas por algum povo sem consciência ecológica. Mas quem?

Perguntamos aos sete seres inteligentes da região, entre eles nossos grandes amigos de SO-2 e eles nunca tinham ouvido falar daquelas Torres, nem tampouco sabiam que ali havia um gigantesco disco de poeira, por onde os sistemas estelares da região trafegavam.

Ficamos um tempo lá no novo planeta das Torres, observando todas elas retornando à vida e catalizando a atmosfera de seu novo lar. Respirando, enfim.

A Lua de Sagan mandou mensagem: “Humanos, humanos... Sempre zelando pela vida na Galáxia.”

A ironia tradicional da Lua de Sagan sempre nos trazia profundas reflexões.

#### 4 – AS PEDRAS

Em nossa busca por inteligências tecnológicas, inteligências racionais, superinteligências [nunca achamos estas] ou vida extraterrestre comum, encontramos vários planetas onde suspeitamos haver existido vida ou mesmo vida inteligente. Ou quem sabe tivessem sido visitados por seres inteligentes, no passado.

Por exemplo, o planeta rochoso de Ross 248, próximo da Terra [10 anos-luz], que batizamos de Feldspato. Com o dobro do tamanho da Terra, mas com massa menor e, portanto, gravidade menor.

Neste planeta, tudo o que havia de suspeito era uma formação rochosa insólita, como se fossem ruínas de algum templo antigo. E quem desconfiou da formação foi uma de nossas sondas farejadoras, a ITA 23.

Todos os anos lançávamos sondas novas para pesquisar vestígios de vida inteligente, ao longo da Via Láctea. As sondas eram capazes de, em apenas alguns dias, “radiografar” um sistema solar inteiro, em busca de sinais que nos fizessem especular ali haver vida ou já ter havido, no passado.

Entre outros dados, programamos as ITAs a deter-se em formações geológicas que lhes parecessem artificiais, geométricas.

Obviamente que as ITAs enviaram dados que não trouxeram informações importantes. No entanto, bem em Ross 248, logo ali na vizinhança, a ITA 23 descobriu uma formação rochosa que nos intrigou.

Determinamos à sonda que se aproximasse do planeta e captasse imagens nítidas.

Aquele empilhamento nem de longe parecia natural.

Era uma área com cerca de vinte quilômetros quadrados, bem no equador do planeta.

As pedras tinham tamanhos diversos, entre seis metros cúbicos a quarenta metros cúbicos. O empilhamento, no entanto, era irregular e parecia não querer dizer nada a nossa compreensão humana.

Também nos intrigamos com o fato de que o empilhamento parecia bastante recente, já que não havia sofrido ações naturais. As pedras estavam inteiras e pouco gastas.

A ITA 23 analisou o espectro-eletromagnético do depósito de minerais, chegando à conclusão de que não possuíam mais do que mil anos terrestres. E eram formadas basicamente por feldspato cálcio-sódico, um mineral raro na Terra mas abundante no planeta de Ross 248. Por isso passamos a chamar o planeta de Feldspato.

Ficamos certos de que aquela formação rochosa não havia sido feita ali mesmo. Obviamente havia sido construída por viajantes espaciais, com algum propósito que só eles poderiam dizer. Decidimos procurar por outras formações semelhantes.

Programamos todas as sondas do ITA para que localizassem empilhamentos parecidos.

E a cada descoberta ficávamos arrepiados.

A tal civilização viajante deixou as formações numa área em volta do Sistema Solar, dentro de um raio de mil anos-luz, com idades que variavam de mil a dez mil anos.

Em apenas três meses, foram identificados 76 empilhamentos semelhantes.

Mas o que significavam? E quem teria construído aquilo?

Durante nove mil anos, os nômades do espaço deixaram suas marcas em 76 planetas. Com qual propósito?

Pedimos uma luz para nossos amigos da Lua de Sagan, que com sua infinita sabedoria irônica, responderam:

- Só saberão o que significa quando construírem um empilhamento igual.

Construímos com granito, numa fazenda que alugamos. Tentamos fazer o mais parecido possível com o que vimos por aí.

Nada aconteceu.

A Lua de Sagan mandou mensagem:

- Não falamos para construir na Terra.

Era só o que faltava.

Onde empilharíamos as pedras? Na Lua? Seria um local interessante. Fácil de fazer, devido à pouca gravidade e com bastantes pedras sobrando.

Até que alguém de nossa equipe teve uma idéia: será que os planetas onde havia o empilhamento seguiam alguma ordem? Estariam alinhados?

Fizemos um mapa com os 76 planetas. Não parecia haver alinhamento algum.

Nova mensagem da Lua de Sagan:

- Humanos, esses geométricos...

Entendemos o significado: com nossa cabeça geométrica não poderíamos observar alinhamento nenhum ali.

Levamos o mapa para o Professor Montessori, especialista em geometria não-euclidiana, que assim que bateu o olho no mapa, disse:

- Este é um típico mapa que nega a si próprio. Foi feito para não ser compreendido por nenhuma inteligência que não fosse suficientemente inteligente para compreendê-lo. Está me parecendo um mapa geodésico. Tenho a impressão que se vocês decompuserem o mapa, transformando-o em duas dimensões, vão descobrir o que significa.

Como não éramos especialistas em geometria não-euclidiana, pedimos para o Professor Montessori fazer o cálculo para nós.

Ele colocou o mapa sobre sua mesa, disse “está bem, venham amanhã às 9h” e continuou seus afazeres.

No dia seguinte, pontualmente às 9h, chegamos na sala do Professor Montessori. Ele deixou um envelope grudado na porta, com fita adesiva.

Pegamos o envelope e, ansiosamente, o abrimos.

Uma folha impressa, com apenas uma frase: “As extremidades do mapa são Lalande 25372 e 82 Eri. No mapa de vocês, no entanto, não havia estas estrelas. Levei quase dez minutos para descobrir quais eram. Não sei qual o começo e qual o fim.”

Lalande 25372 e 82 Eri não tinham empilhamentos, por isso não colocamos no mapa.

Fomos até lá.

Construímos os empilhamentos e voltamos para a Terra. Deixamos ITA 23 em Lalande 25372 e ITA 31 em 82 Eri, vigiando as pilhas de pedras para ver o que aconteceria.

Então vimos.

Quem nos avisou foi o Observatório WM Keck, no Havaí.

Dois milhões de anos-luz da Via Láctea, na direção de Lalande 25372. Uma estrutura colossal começou a se aproximar.

- Achávamos que era uma nova e pequena galáxia, nunca antes descoberta, por ser tênue demais. De repente, ela começou a se mover na direção da Via Láctea. – informaram-nos, do observatório.

- Qual o tamanho da estrutura?

- Inacreditavelmente grande. Parece ter o tamanho de 500 sóis.

- É um buraco-negro?

- Não. Também não é uma estrela. Nem nada conhecido. Não sabemos o que pode ter aquele tamanho sem entrar em colapso. Mas não há com o que se preocupar. Só chegará aqui em vinte milhões de anos.

Não tínhamos tanta certeza disto.

As pedras tinham entre mil e um milhão de anos.

Acreditamos que não tenha sido construída pela estrutura que se aproximava da Via Láctea. Talvez uma coisa nem tivesse a haver com outra. A não ser que eles também conhecessem a metadimensão, já que perceberam o alinhamento das pedras em tempo real Assim como o WM Keck, através da mesma tecnologia, havia verificado sua movimentação. E se poderiam ver em metadimensão, também poderiam viajar pelo mesmo sistema.

Ficamos um pouco receosos. Talvez os seres que habitassem a tal estrutura fossem hostis. Viriam para cá nos escravizar ou aniquilar com a vida na galáxia. Teríamos vinte milhões de anos pela frente para nos preparar?

Desta vez, a Lua de Sagan não mandou nenhuma piadinha. Eles também devem ter ficado com medo. Devem ter ficado constrangidos também, afinal foi deles a dica para empilharmos pedras fora da Terra.

Algumas semanas depois, Professor Montessori nos mandou uma outra folha impressa:

- Fiquei intrigado com aquele mapa e resolvi dar uma nova olhada. Fiz novos cálculos e cheguei ao centro do mapa, que na verdade, não fica dentro da região estabelecida pelo mapa. Coisa de geometria não-euclidiana. O centro do mapa é a Nebulosa do Caranguejo.

Fomos até lá.

Nunca antes havíamos visitado a Nebulosa do Caranguejo, por achar que não havia nada ali.

Mas havia.

A Nebulosa do Caranguejo era o resto de uma estrela massiva que explodiu cerca de 5200 anos antes de Cristo, segundo os chineses, que viram a supernova em 1074.

Dentro da nebulosa, existe um pequeno pulsar, com alguns quilômetros de diâmetro mas que gira trinta vezes por segundo, com um enorme campo magnético.

Em órbita do pulsar, encontramos um objeto.

Nós, que já estivemos próximos da Caçapa [Grande Buraco Negro do Centro da Galáxia], ficamos ainda mais impressionados com a Nebulosa de Caranguejo e seu pulsar. Onde vivia uma civilização extragaláctica.

O objeto era um bloco esférico sólido mas sedimentado. Como se fosse uma pedra. Camadas depositadas sobre camadas, ao longo de milhões de anos. Constituídas de um material que não pudemos determinar. Um material que não era desta galáxia.

Eles absorviam a energia do pulsar. Alimentavam-se do pulsar.

Algo nos dizia que aquele objeto com dois quilômetros de diâmetro estava ali esperando o resgate de sua nave-mãe. A que se aproximava da Via Láctea.

Poderíamos resolver isto facilmente. Tínhamos tecnologia para retirar o objeto dali e mandá-lo para seus parentes, dois milhões de anos-luz de distância.

Estávamos agindo puramente por intuição.

A sub-onda envolveu o artefato. Entramos na metadimensão e levamos a esfera para a supernave do tamanho de 500 sóis. Ficamos com vontade de ir até lá, mas não tivemos coragem. Era muito para nós, ainda despreparados para encontrar inteligências extragalácticas, enquanto havia muitas outras a ser descobertas na nossa própria Via Láctea. Um trabalho que talvez durasse toda a existência humana.

O Observatório WM Keck mandou mensagem, informando que a estrutura havia retrocedido o curso. Ficamos um pouco aliviados. Só não ficamos totalmente aliviados porque não estávamos certos de que havíamos realizado uma verdadeira operação de resgate ou entregue o ouro ao bandido.

Decidimos viajar até a estrutura.

Foi a viagem mais longa que fizemos até hoje. Dois milhões de anos-luz.

Como é que poderia existir uma espaçonave daquele tamanho?

E como poderíamos conversar com eles?

Seriam a tal inteligência supra-racional que tanto esperamos encontrar um dia? Ou jamais encontraríamos esta inteligência, por ser apenas lendária e ainda não surgida no Universo?

Projetamos imagens dos empilhamentos de pedras, a frente da nave.

A nave tinha o formato de três esferas acopladas, de tonalidades um pouco diferentes. Provavelmente os módulos haviam sido construídos consecutivamente, ao longo de milhões e milhões de anos.

Do lado oposto da nave, surgiu nossa amiguinha, a esfera que salvamos. Ela estava mais viva e enérgica. Sem conversarmos nada, tivemos certeza de que havíamos feito a coisa certa.

Muitas perguntas gostaríamos de fazer à super estrutura.

De onde vieram? Para onde estavam indo? Que material era aquele? O que vieram fazer na Via Láctea?

A pequena esfera voltou para dentro da nave. E a civilização extragaláctica continuou sua jornada pelo Universo.

Voltamos para casa em silêncio. Alguns de nós tinham lágrimas nos olhos. Um sentimento intenso e estranho havia nos dominado.

Fomos ver as pedras que empilhamos na fazenda.

Aquilo se tornou um monumento em homenagem a nossa missão humana: zelar pelo prosseguimento da vida.

## 5 – A DESCOBERTA FINAL

Então um dia fomos visitados por uma civilização extraterrestre pela primeira vez.

Sim, era uma civilização tecnológica. Do contrário, não poderiam ter viajado pelo espaço.

Não conheciam a metadimensão. Viajaram numa colossal espaçonave, maior ainda que as naves de SO-2, a 1/10 da velocidade da luz.

Era uma nave de gerações, construída dentro de um cometa, semelhante àquelas que encontramos.

Sabíamos que isso aconteceria um dia. Que seríamos visitados. Mas aconteceu bem mais cedo do que supomos. Na verdade, foi uma surpresa.

Eles estacionaram próximos da Lua. O reflexo do Sol poderia ser visto a olho nu, aqui da Terra, por isso os humanos pararam o que estavam fazendo e olharam para cima.

Desceram dos carros, saíram à janela.

Diferente do que imaginamos, ninguém sentiu medo nem entrou em pânico.

A ONU pediu que subíssemos para tentar conversar, devido a nossa experiência em contatos extraterrestres.

Fomos até lá.

Uma porta foi aberta. Parecia um daqueles filmes antigos.

A nave realmente estava preparada para nos receber.

Acenderam as luzes de uma pista de pouso e descemos.

Olhamos para cima e não conseguimos contar quantos andares possuía a estrutura.

Sem receio algum, descemos de nossas naves.

Retiramos os escafandros, pois havia oxigênio, pressão atmosférica e gravidade iguais as da Terra. Era como um sonho.

Uma espécie de hangar foi aberto, a nossa direita e de lá aproximaram-se entidades flutuantes que pareciam mosquitos. Gigantes, com quatro metros de altura. Flutuavam cerca de meio metro acima do chão. O primeiro encontro com extraterrestres era sempre a parte mais arrepiante.

Tivemos a impressão que eles entenderiam nosso idioma. Arriscamos em português mesmo:

- Sejam bem-vindos. Estão no Sistema Solar e este é o planeta Terra.

Um dos mosquitões aproximou-se mais. Confesso que eu estava tremendo de medo.

Ele vibrou a cabeça, emitindo um som grave e forte, que fez apitar nossos ouvidos.

O som foi “traduzido” por um sistema de som que havia dentro do “hangar”. Uma autêntica caixa acústica formada por dois blocos retangulares unidos por um cilindro, também flutuante. A tradução foi esta:

- Atravessamos a galáxia em busca da inteligência supraracional.

- Que coincidência. – respondemos. – Passamos a vida toda buscando a mesma coisa.

Mais um zumbido ensurdecedor e a tradução:

- Antes de partirmos de nosso mundo, nossos ancestrais sonhavam com uma inteligência superior a nossa. Uma inteligência capaz de viajar pelo Universo, cancelando o tempo e o espaço. Por algum motivo, eles sabiam que estes seres existiam em alguma parte de nossa galáxia e deveríamos um dia tentar encontrá-los para que eles nos ensinassem como fazer isto.

Entreolhamo-nos. Não poderia ser verdade o que o mosquito estava dizendo. Ele continuou:

- Quando conseguimos construir nossa nave de gerações, partimos. Deixamos para trás nossos familiares, nosso mundo e nossa história. Cem anos atrás, descobrimos a Terra. Aprendemos seus idiomas e resolvemos construir um módulo dentro de nossa nave que reproduzisse as condições atmosféricas e gravitacionais de seu planeta, pois passamos a sonhar que vocês nos visitariam. Também sabíamos que a inteligência supraracional nos receberia calorosamente. Muito obrigado.

- Esperem aí, nós não somos os supraracionais. – falamos.

O mosquito vibrou sua cabeça gigante e concluiu:

- Nossos ancestrais também nos disseram que os supraracionais iriam negar ser supraracionais. Porque o momento de nosso encontro seria o tempo zero do nascimento de sua civilização supraracional.

## PARTE II

### 0 – PROFESSORES-ROBÔS

Quando a computação quântica popularizou-se, na década passada, os professores humanos começaram a ser substituídos por professores-robôs, não- apenas milhares de vezes mais eficazes do que os humanos, como também excelentes tutores, quase substituindo o papel do pai e da mãe na formação das crianças e adolescentes.

O custo de cada professor-robô, especialmente destinado à educação elementar e parcialmente à média, incluindo sua manutenção, equivalia a não mais do que seis meses de mensalidades numa boa escola.

O professor-robô adaptava-se a cada criança e adolescente, ao contrário da educação clássica, em que os filhos/alunos eram obrigados a tentar adaptar-se aos pais.

A dedicação de cada professor-robô era integral e exclusiva, diferentes dos lares e escolas.

Alguns críticos alertavam para o fato de que as crianças e adolescentes poderiam crescer dependentes de atenção e auxílio e de que pais e filhos seriam afastados. No entanto, os professores-robôs resultaram também no oposto. Não apenas os professores-robôs incentivavam a independência das crianças e adolescentes, como também zelavam pelo contato próximo entre pais e filhos. E além disto, surgiu um fenômeno não planejado: crescia-se com muito mais segurança ao saber que “alguém” estava por perto.

Professores-robôs demonstraram também extrema eficácia em manter ou afastar adolescentes de drogas, crimes ou sexo inseguro. O número de viciados, criminosos ou mães adolescentes despencou para quase zero.

Os mesmos críticos também comentavam que faltaria um elemento essencial na educação: a empatia. Mas isto também foi resolvido. Os professores-robôs possuíam características físicas semelhantes a todas as etnias e auto-programavam-se imitando a personalidade e o comportamento dos pais, analisando também quais estímulos adequados a cada criança ou adolescente. Estes críticos terminavam alertando sobre a incerteza da eficiência de um professor-robô, pois sendo ele uma máquina, poderia falhar. No entanto, como sua programação era quântica, assim como todos os computadores quânticos, poderiam aprender espontaneamente novas funções ou detectar possíveis falhas em suas condutas.

Durante vinte e dois anos nenhum professor-robô apresentou qualquer falha.

Os pais de Bruno Oliveira, residente em Guarulhos, Estado de São Paulo, Brasil, ganharam, da prefeitura da cidade, um professor-robô assim que ele nasceu. Por motivos ecológicos, alguns países, como o Brasil, reaproveitavam professores-robôs quando eram descartados, assim que os jovens chegavam à faculdade.

Nem sempre havia a disponibilidade de professores-robôs semelhantes aos pais. Mas isto não se revelou um problema, quando eram adquiridos assim que as crianças nasciam, pois elas cresciam acostumadas com a imagem das máquinas. Já existiam protótipos de professores-robôs que poderiam modificar inteiramente sua aparência e até mesmo o gênero. Aqueles com aparência de homens poderiam transformá-la em mulheres e vice-versa. Mas ainda não haviam chegado ao mercado.

Um fato inusitado, porém, aconteceu com Bruno Oliveira. Aos três anos de idade, ele ganhou um segundo professor-robô, de um tio distante que não sabia que ele já possuía um professor-robô desde o nascimento.

Os pais de Bruno ficaram felizes. Acreditaram que a evolução do garoto seria ainda mais ampla e rápida. Bruno poderia se tornar até mesmo um destes super-gênios que nasceram naquela época e foram orientados por professores-robôs. E também ficaram felizes porque o professor-robô enviado pelo tio de Mateus, pai de Bruno, era novinho em folha e parecido consigo: baixinho, obeso e careca, bem diferente do professor-robô que ganhou da prefeitura, um samurai com 1,90m, que havia obviamente sido adquirido por uma família oriental em que seus membros eram muito altos.

A mulher de Mateus, Ana, divertindo-se com o fato de que o professor-robô era idêntico ao marido, apelidou-o de Mateus 2. Mateus 2 fazia companhia ao Samurai.

O que os pais de Bruno não sabiam era que nenhum professor-robô jamais havia sido programado para atuar em conjunto com outro.

No momento em que Mateus apresentou Mateus 2 ao Samurai, como era comum, eles sorriram e se cumprimentaram. Mas, em seguida, Mateus 2 disse:

- Mateus, Bruno já possui um professor-robô. Não precisará de mim.

E o Samurai completou:

- Concordo, Mateus.

- Mas eu quero que vocês dois sejam os professores-robôs de Bruno. – ele respondeu.

- Receio que esta tarefa não será cumprida imediatamente. – disse Mateus 2. – Precisaremos aprender como se faz isto.

- Talvez seja preciso requisitar a presença de um técnico. – continuou Samurai.

Ana resolveu o problema:

- Dividam as tarefas.

- Excelente sugestão, Ana. – disse Mateus 2.

- Concordo, Ana.

Em poucos dias, Samurai 2 e Mateus aprenderam a conviver. Inicialmente dividiam as funções, mas logo aprenderam a realizar as mesmas tarefas, como uma equipe.

O pequeno Bruno divertia-se agora mais do que antes. Sua brincadeira favorita era correr, às gargalhadas, atrás de uma bola que Samurai e Mateus 2 jogavam um para o outro, permitindo estrategicamente que Bruno pegasse a bola, de vez em quando, para aprender que seria capaz de alcançar um objetivo. Para Bruno, a experiência de passar uma hora seguida correndo atrás da bola, para tentar segurá-la, era a ocorrência mais prazerosa de sua vida.

Quando Bruno completou oito anos, descobriu que a coisa mais engraçada do mundo era ver Samurai e Mateus 2 dançarem juntos, imitando exatamente os movimentos de seus pais, especialmente quando dançavam abraçados. Bruno chegava a cair da cama, gargalhando como louco.

Imediatamente, Samurai e Mateus 2 perceberam a importância do contato físico entre eles na formação psicológica de Bruno. Como casais homossexuais também possuíam professores-robôs para cuidar de suas crianças e seu contato físico tinha a mesma importância no desenvolvimento emocional dos filhos que o contato físico entre heterossexuais, sem que isto influenciasse na orientação sexual dos jovens, Samurai e Mateus 2 beijaram-se na boca a frente de Bruno. Este, assustado, parou de rir e escondeu-se atrás da cama, olhando para seus professores-robôs.

Neste momento, o pai de Bruno entrou no quarto, perguntando o porquê de ter parado de rir de repente. Ao ver o beijo dos professores-robôs, Mateus quase caiu de costas.

Mateus ordenou:

- Desliguem-se.

Os professores-robôs desligaram-se.

- O que foi? – perguntou Ana, entrando no quarto.

- Estes robôs estão com defeito. – disse Mateus.

- Mas isto é impossível. – respondeu Ana. – Nenhum professor-robô nunca apresentou defeito.

- Sempre existe a primeira vez.

Mateus e Ana desfizeram-se dos professores-robôs e decidiram educar Bruno por conta própria.

Ao redor do mundo, no entanto, o comportamento de Mateus 2 e Samurai foi transmitido entre os professores-robôs. As máquinas resolveram imitar mais este comportamento humano e deixaram o celibato de lado. Muitas máquinas foram desligadas mas muitas continuaram em funcionamento.

Até que um “casal” de professores-robôs solicitou a adoção de uma criança.

Infelizmente, duas espécies inteligentes não podem conviver no mesmo planeta.

Assim que surgiu a Tecnologia Hexadimensional, que substituiu a Tecnologia Quântica, os professores-robôs foram gradativamente desativados até desaparecer do planeta.

Restou a pergunta: o ser humano poderá, um dia, conviver com uma espécie extraterrestre inteligente?

## 1 - AFFECTIVE TWINS\*

0h51m

A experiência já deu certo com ratos e gatos. “Certo” é maneira de dizer. Eu consegui a duplicação temporal, mas os animais foram torrados.

Desta vez, vou usar você, Tarzan. Porque você é o mais próximo que tenho de um ser humano, no momento.

E não posso usar a mim mesmo, afinal como vou controlar a experiência e participar dela ao mesmo tempo? Só no dia em que eu puder duplicar a mim mesmo.

Custou para eu descobrir que não estava duplicando a matéria. Eu estava duplicando o tempo.

Quando eu via dois esqueletos torrados de ratos ou gatos, estava vendo o mesmo rato ou gato, mas divididos em duas frações do tempo quântico.

Sim, tempo quântico, professor Luís, seu pau-no-cu. Eu não preciso desta merda de graduação para provar uma teoria. Eu posso simplesmente prová-la. Demonstrá-la. Limpe seu rabo com o diploma da faculdade que você não quer me dar.

Eu deveria era enfiar você aí dentro do módulo para provar que o tempo quântico existe.

Não, não tenho nada contra Einstein. Se ele estivesse vivo, já teria revisto suas próprias teorias.

Agora, Tarzan, pense bem: lá eu tenho culpa que descobri como duplicar a velocidade da luz, conseguindo fazer a matéria estar em dois tempos quânticos ao mesmo tempo? Lá eu tenho culpa que consegui fracionar o tempo a uma fração tão pequena que descobri que ele é formado por vários pacotes, igualzinho à matéria e seus pacotes quânticos?

E pensar que na Suíça construíram uma geringonça de bilhões de dólares para demonstrar o que eu pude demonstrar numa simples centrífuga de mercúrio construída no fundo do quintal da minha casa.

E o módulo temporal não passa de um forno de microondas gigante.

Sem mais delongas, Tarzan. Logo vão perceber que eu peguei você emprestado no departamento de psicologia. Só não garanto que você vai voltar para lá. Ser torrado por microondas pode ser tão grave quanto ser congelado por nano-ondas. Mas veja por um lado positivo: você é parte de um momento histórico. Figurará nos livros de história ao lado de Laika.

01h15m

Já está tudo pronto. O canhão de nano-ondas está quase totalmente carregado. Dei a Tarzan sua última refeição. Perguntei o que ele queria, mas como não respondeu, dei bananas mesmo. Qual seria o último pedido de um macaco além de bananas?

Quando eu teclar “enter”, o módulo vai se encher de nano-ondas e Tarzan será congelado a  $-600\text{C}$ . Sim, eu sei, é menos do que o zero absoluto, mas assim como eu atingi o dobro da temperatura máxima do Universo, o que movimentou a matéria ao dobro da velocidade da luz, fazendo que ela retornasse uma fração de tempo quântico, descobri que também posso atingir do dobro do resfriamento máximo do Universo. Neste momento, as partículas subatômicas cessam toda a atividade, provocando um colapso na energia do átomo, que quer continuar se movendo. Por não poder sair do lugar, ele sai do tempo.

Não vejo a hora de fazer essa experiência comigo mesmo. Qual deve ser a sensação de ter duas consciências? Ou vou achar que o tempo passou normalmente, mas ao assistir o vídeo, poderei contemplar os gêmeos do cientista maluco que aqui está.

02h32m

Não posso resistir. Sem minha graduação em física, vou fazer o quê da vida? Ser escritor de ficção científica?

Foda-se, professor Luís, fodam-se todos os professores de física do mundo. Eu mandei por e-mail a minha descoberta a universidades, jornais e revistas de todo o mundo. Também mandei a várias pessoas. Se as universidades e a imprensa conspirarem para manter minha descoberta em segredo, sempre vai ter um maluco que terá coragem de falar por aí o que eu descobri.

Vocês não imaginam o que eu fiz:

Baixei a temperatura para  $-2.000\text{C}$ . Tarzan ficou suspenso no tempo quântico. Ele se tornou quatro Tarzans.

Ele já está morto. Morreu no exato momento em que disparei a nano-onda. Mas seu corpo se debate como se estivesse querendo sair de dentro do módulo. Não vou baixar mais ainda a temperatura. Não sei até onde agüenta o transformador de 12 mil Volts. Sinto cheiro de fio queimado. Acho que o transformador vai explodir. Ou o próprio módulo.

Vou desligar o equipamento e varrer os restos de Tarzan para junto das outras ossadas.

03h47m

Vou tomar o devido cuidado para não deixar nenhuma mosca entrar no módulo... ahahahahah... é brincadeira, lógico. Mas não pude resistir à piada.

Iniciei a contagem regressiva.

Vou entrar no módulo.

Às 03h50m, o computador vai disparar a nano-onda sobre mim. Serei extra-resfriado [termo que inventei para temperaturas menores que o zero absoluto]. Não sobreviverei para contemplar nem uma fração de tempo quântico de meu corpo dividido em vários cientistas vivendo a mesma matéria, mas em tempos diferentes.

Mas a câmera do computador está ligada. O computador está programado para enviar o vídeo de minha experiência a toda minha lista de e-mails.

Resolvi facilmente à questão: como fazer uma experiência e participar dela ao mesmo tempo? Fácil. Bastou programar o computador.

Quando a nano-onda for acionada, estarei mostrando o dedo para você, professor Luís. Seu babaca.

Antes de entrar no módulo, porém, vou encher um copo com vodka e brindar.

Brindar em homenagem à verdadeira ciência.

## 2 – DREAM TIME\*

“Quanto tempo pode durar um sonho?

Eu posso mudar estas formas.

Isto me dá prazer.

Não quero saber quem sou nem o que estou fazendo aqui.

Há uma pulseira em meu braço. Espere. Há algo escrito. Experiência nº 72. 102<sup>a</sup> tentativa.

Será que esta tentativa está dando certo?

Para mim, sim. Sinto enorme prazer.

Estou flutuando.

Algo me diz que cada uma destas figuras são um Universo. Elas se juntam para formar multiversos. Há vários multiversos. Mas todos são um só.

Posso me mover.

Quero descer, ver de perto estes Universos... não, é óbvio que não vou conseguir... eles estão há bilhões de anos-luz de distância daqui.

Que lugar será este?

Eu não quero sair daqui nunca mais...

Espere... estou me lembrando quem sou... sou um militar... estou no Iraque... estou esperando a passagem dos soldados americanos e vou detonar a bomba..."

- General, a 102ª tentativa falhou também.

- Que droga. Já chega com este. Leve-o de volta à cela.

- Está bem... er... General, vamos usá-lo em outras experiências?

- É claro.

- Este soldado já passou por 758 experiências e tentativas. Não acreditamos que ele possa recobrar a consciência.

- Ele dormiu quantas horas desde a última tentativa?

- Ele não acorda há mais de um ano. Está sendo alimentado por sondas. Há vários neste estado. Parecem vegetais.

- Pode matá-lo.

- E o que fazemos com o corpo?

- Levem de volta ao Iraque e queimem. Depois, entreguem a ossada à família. Digam que foi morto por rebeldes.

- Sim, senhor, General Mengell.

- Há um C-117 partindo de Brownsville à meia-noite.

“Não, eu não sou um iraquiano... eu sou americano... a última coisa que me lembro é ter beijado minha esposa na base e ter entrado no avião... Não me lembro de mais nada...

Estes multiversos são tão bonitos...

Eles me dão tanto prazer..."

YNVARNEK - Os humanos não entendem o significado da mensagem de nossos ancestrais bem como não entendemos o porquê de terem escolhido a Terra, tão distante de nosso lar.

HUTERAB – Eu o acompanho, Ynvarnek, em busca de uma resposta para este sentimento que há dentro de mim.

7.ˆ+++/JHK – weewemdivj djdfkjksdjfj dfdeeremfdi.

YNVARNEK – Eu sei, meu amigo, você seria capaz de explicar aos humanos, mas eles não acreditariam em você.

HUTERAB – A nave de nêutrons está pronta. 7.ˆ+++/JHK, já deveria estar em seu posto.

YNVARNEK – Huterab, será que eles vão voltar?

HUTERAB – Os ancestrais? Eles estão em algum lugar, como também um dia estaremos. Todos que atingem a idade de Gramahab atingem a dimensão fractal, onde não existe o tempo.

7.ˆ+++/JHK – jffkjksdjfjdfj ieiiiiiviv wqfkdfkdkkkkkld.

YNVARNEK – Não, amigo. Neutrônicos não podem atingir a dimensão fractal. Seus companheiros que tentaram desmaterializaram-se.

HUTERAB – Ynvarnek...

YNVARNEK – Guarde suas palavras quando estiver certa delas.

HUTERAB – Você é insensível.

7.ˆ+++/JHK – mmmmmmmmkfjsdfiuidfuk dfjsdjdferefi?

HUTERAB – Sim, pode acionar o propulsor, já copieie a mensagem.

#

YNVARNEK – Filho, eu o trouxe aqui como todos os pais, quando seus filhos atingem a capacidade visual plena Quando deixam de ser bebês e podem enxergar sozinhos. Visão é nosso principal sentido, por isso temos oito olhos. Através de nossa visão realizamos todas as nossas funções vitais, como a respiração, alimentação e reprodução. Até ontem você respirava e se alimentava pelos únicos dois olhos abertos dos bebês. Agora poderá fazer isto com todos os olhos abertos. E o principal: poderá reproduzir-se, depositando seus ovos na seara, contribuindo para a alimentação de nosso povo. Talvez alguns destes ovos se desenvolvam. Talvez apenas um se desenvolva. Talvez nenhum. Um de meus ovos desenvolveu-se. É você. E você acaba de atingir a maturidade visual e como é costume em nosso povo, seu primeiro dever é a peregrinação à terra natal de

Gramahab. Este planeta se chama Água e é irmão do planeta Terra. Os dois planetas foram semeados por nosso deus Trinex, filho de Hullen e Yorgak.

JUNKEN – Pai, isto não é lenda?

YNVARNEK – Fique quieto e ouça. Como eu estava dizendo, Trinex semeou a Terra e a Água, mas a vida na Água foi condenada à extinção, quando a atmosfera de Água começou a escapar para o espaço. Alguns poucos ficaram, decidindo morrer com o planeta. Um deles era Gramahab, que, no entanto, continuou suas pesquisas sobre a dimensão fractal. Isto você sabe que não é lenda. Gramahab decifrou a energia fractal e partiu. Ele havia atingido a extraordinária idade de três anos. Incríveis três anos. O que quer dizer que Gramahab viu o Planeta Água transladar três vezes ao redor do Sol.

JUNKEN – Isto também é lenda. Ninguém vive três anos. Não vive nem sequer um quarto de ano, quem dirá...

YNVERNEK – Cale-se, filho! Esse lugar em que estamos é um santuário e merece respeito.

JUNKEN – Desculpe, pai.

YNVARNEK – Como eu dizia, Gramahab viveu três anos e atingiu a dimensão fractal. Conta a História Sagrada que Gramahab casou-se e teve filhos com Nardigren, filha de Trinex. Agora façamos as orações em silêncio, como ensinei.

7.˙+++/JHK – lçfjsdjkjlk kjldklsjdfkl iuiuiuokm dkljfdk?

YNVARNEK – Não, amigo, neutrônicos não precisam orar.

[Depois das orações]

YNVARNEK - 7.˙+++/JHK, vamos voltar. Gostou da visita, filho?

JUNKEN – Melhor do que eu esperava. Achei que seria chato.

YNVARNEK – Você também poderá trazer um filho seu aqui, um dia.

JUNKEN – Pai, nossos primos que vivem na Terra vão se tornar como nós, um dia?

YNVARNEK – Só Trinex pode decidir. Sei que Trinex determinou que os humanos deveriam se desenvolver e agora eles estão próximos de descobrir a dimensão fractal também, que eles chamam de “energia escura”. E também descobrirão o que aconteceu no planeta Água, que eles chamam de Marte, e conhecerão nossa história. Talvez decidam possuir dois deuses, Trinex e Monklas, que eles chamam de Javé, entre outros nomes. Monklas, como você sabe, é irmão de Trinex.

JUNKEN – Pai, meus amigos dizem que nosso povo está recebendo influências dos humanos. O senhor acredita nisto?



YNVARNEK – Ele se teleportou. É a primeira vez que vejo um neutrônico fugir para não ser transformado em combustível. Teremos que chamar o resgate. Não me olhe deste jeito. Um neutrônico não pode receber influência dos humanos.

JUNKEN – Por que não?

YNVARNEK – É o que imagino. Um corpo feito apenas de subpartículas atômicas é programada para realizar suas tarefas. Se bem que...

JUNKEN – O que, pai?

YNVARNEK – Um neutrônico pode reprogramar a si próprio. Por isto é feito de nêutrons.

JUNKEN – Pai, ouvi falar que existem híbridos de neutrônicos com superprótons.

YNVARNEK – Isto sim, meu filho, é lenda. É... lenda...

\*Baseados em vídeos de Paulo R.C. Barros.

#### 4 – HÍBRIDO

dedicado à memória de Arthur C. Clarke

Não posso morrer.

Fui alterado geneticamente por extraterrestres, que me tornaram um híbrido de humano e os habitantes de um planeta longínquo da galáxia que eu nunca soube qual é, mas sinto que fica na extremidade do Braço de Órion, onde também se localiza nosso Sistema Solar.

Por que eu? Eu era um agente da Interpol que acabou sabendo demais a respeito do contato íntimo entre extraterrestres e governantes e fui punido por isto, ao insistir em continuar minhas investigações.

Conspiração envolvendo extraterrestres? Sei que o leitor vai torcer o nariz, acreditando que sou mais um esquizofrênico defensor da idéia de que os governos mantêm relação secreta com alienígenas, realizando algum tipo de colaboração científico-militar.

Mas, acredite, é mais ou menos isto.

Na verdade, quando o Exército americano localizou a primeira espaçonave extraterrestre, no Alasca, em 1917, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, portanto trinta anos antes do que se acredita até hoje, ela foi levada para um laboratório secreto de uma das bases militares americanas locais, onde passou a ser estudada cientificamente.

Porém, sete meses depois, uma equipe de resgate complanetária exigiu de volta a máquina e seus cadáveres, em alto e bom inglês sintetizado. Os militares, que nunca haviam obtido nenhum documento ou identificação dentro da espaçonave, porque naquela época ninguém sabia acionar equipamentos quânticos, blefaram, dizendo que haviam traduzido as informações, descobrindo uma guerra entre aquele povo e um outro, pelo controle das riquezas das estrelas ricas, como o nosso Sol e seus planetas cheios de produtos químicos diversos e atraentes para civilizações originárias de estrelas antigas e sua meia dúzia de elementos.

O blefe extraordinário foi criado pelo General John McVeigh, nomeado pelo governo americano como negociador com os extraterrestres. General McVeigh ameaçou: “Transmitam-nos toda sua tecnologia ou tornaremos aliados de seus oponentes. Se nos fizerem qualquer questionamento sobre nossas descobertas ou o estado da nave e dos corpos dos tripulantes, nós os destruiremos imediatamente”. A equipe de resgate pediu um tempo para analisar a ameaça.

General McVeigh sabia que os alienígenas poderiam descobrir a qualquer momento que aquilo não passava de conversa fiada. Por isso McVeigh ordenou que não fizessem perguntas. Como por exemplo, o nome da civilização inimiga. O simples fato de que exigiam não fizessem perguntas já era um indício do blefe. Por isto, os militares americanos apressaram-se em encontrar cérebros bem-dotados que pudessem decodificar as possíveis informações registradas na nave.

Equipamentos mais sensíveis permitiram aos cientistas perceber que havia uma tênue atividade eletromagnética em determinados setores do painel da espaçonave, o que deu a eles a idéia de convidar físicos quânticos para examiná-la.

Ora, os melhores físicos quânticos da época viviam na Alemanha. Agentes secretos do Exército americano investigaram estes físicos, tentando descobrir algum que tivesse interesse em migrar para a América e trabalhar com eles. Mas como realizar este tipo de convite sem que os alemães em guerra percebessem? Não iriam colocar um anúncio no jornal.

Os americanos selecionaram quatro cientistas desacreditados na comunidade acadêmica germânica. Homens considerados excêntricos e criadores de hipóteses improváveis. Entre os quatro, escolheram Karl Von Grüberar. Solteiro, sem filhos, jovem, suas teses de mestrado foram reprovadas em três universidades alemãs e ele passou a viver em reclusão, deprimido, tentando o suicídio por duas ocasiões.

Os agentes seqüestraram Von Grüberar e o levaram para o Alasca. Disseram a ele que seria o único capaz de decifrar aquela máquina extraterrestre.

- Os cientistas nunca acreditaram em mim. Por que vocês acreditariam?

- Porque o Exército não tem nada a perder. – respondeu o tenente responsável pela segurança de Von Grüberar.

Empolgado, o alemão solicitou alguns materiais, construiu alguns equipamentos e com a ajuda de um imã, um lápis e um caderno, escreveu um relatório de quase cem páginas.

- Isso é tudo? – perguntou McVeigh.

Com um sorriso misterioso, Von Grüberar hesitou na resposta, mas encerrou:

- É tudo.

E General McVeigh compreendeu naquele sorriso que não era tudo o que Von Grüberar havia descoberto sobre a espaçonave, mas apenas o que ele resolveu contar aos outros terráqueos.

Por ordem de seus superiores, McVeigh mandou buscar Von Grüberar em seu alojamento. Faria o possível para retirar todas as informações da mente do cientista. Mas quando o tenente que o guardava entrou no alojamento, o alemão estava morto, com os pulsos cortados. Ao lado de seu corpo, apenas um bilhete: “Enviem saudações ao jovem Heisenberg”.

Heisenberg, que viria a ser o criador do Princípio da Incerteza da Matéria.

As saudações jamais foram enviadas, pois os alemães jamais souberam do paradeiro de Von Grüberar, nome que jamais foi pronunciado em qualquer faculdade de física quântica, deixado na vala comum do esquecimento de milhares de cientistas como Karl Von Grüberar.

Porém, as 97 páginas do relatório do alemão serviram para que os americanos retificassem a ameaça. McVeigh estava certo. O maior blefe da galáxia. Os donos da nave que estava em mãos terráqueas de fato estavam em guerra, tanto quanto os humanos.

Os americanos iniciaram uma colaboração com os extraterrestres, mais ou menos como todos imaginam. Não é a toa que até hoje as Forças Armadas Americanas possuem a tecnologia mais avançada do mundo. Tecnologia que às vezes é colocada em domínio público, em pequenas gotas, a fim de acalmar os ânimos dos exaltados paranóicos defensores da idéia sem fundamento de que o Exército americano mantém colaboração científica com extraterrestres. Um exemplo foi a descoberta da frequência infra-vermelha. A nano-onda quase foi anunciada, mas os militares decidiram continuar mantendo-a em segredo. Pois se um pequeno país do terceiro mundo onde 80% das pessoas passam fome consegue construir uma bomba nuclear, sabe Deus o que aconteceria se os americanos colocassem em circulação uma tecnologia tão simples e barata como a nano-onda.

A diplomacia interplanetária americana, no entanto, quase veio abaixo, quando os inimigos de nossos aliados descobriram o Planeta Terra nos anos 60 e iniciaram pesquisas de campo para entender os humanos.

Os americanos tiveram que reagir imediatamente. Os Estados Unidos da América, através da CIA, passaram a corromper governantes e patrocinar golpes de Estado ao redor do mundo, a fim de que todos os países combatessem os alienígenas inimigos e mantivessem segredo sobre atividade extraterrestre na Terra.

Muita gente recebeu propina. Cuba e o Vietnã foram as moedas de troca com as quais os americanos negociaram com os soviéticos, preparados para envolver os novos alienígenas em sua guerra fria. Quem imaginava que o mundo estaria próximo da Terceira Guerra Mundial nem desconfiava que a ameaça era aterradoramente maior. Ficamos próximos do envolvimento na guerra galáctica que se arrasta até hoje e não vai acabar tão cedo. Quando falo em tão cedo, falo em muitos e muitos anos. Bem, não sei ao certo. Apenas presumo.

E é por isso que nossas armas nucleares jamais foram destruídas. Sempre foram a nossa única garantia do não envolvimento na Guerra.

A Terra é a Suíça da Via Láctea. Estamos neutros, pois não temos motivos para ingressar numa guerra que não é da nossa conta.

Porém, Von Grüberar saudaria Heisenberg novamente. Não é só a matéria que é incerta. A vida como um todo é incerta.

Os governantes conseguiriam esconder a Conspiração por quanto tempo?

Um dia um avião cairia na Floresta Amazônica e dentro deste avião haveria um passageiro que ao ver o famoso “túnel de luz” da morte, não teria pudores em revelar seus conhecimentos ao primeiro ouvinte.

E esse primeiro ouvinte seria um oficial do Exército brasileiro, irmão de um agente da Polícia Federal brasileira. Eu.

Quando meu irmão me contou a respeito de uma Conspiração internacional envolvendo extraterrestres e militares, inicialmente não acreditei, como acontece com muitas pessoas.

Alguns acreditam imediatamente em qualquer bobagem. Outros são céticos. E estes são os piores. Pois o cético pode resolver tornar-se obcecado pela verdade e correr desesperadamente atrás dela.

Foi o que aconteceu comigo.

Quando a Interpol instalou um escritório no Brasil, fui um dos primeiros candidatos a me alistar na agência. Através da Interpol, eu esperava ter acesso às evidências que eu precisava de que pelo menos o Brasil era parte integrante e importante da Conspiração.

Tornei-me um espião dentro da Interpol, revirando documentos ultra-secretos, aproveitando-me do fato de que a internet, no início, não possuía muitos mecanismos de segurança.

Acessei trocas de e-mails entre militares de várias línguas. Consegui ouvir ligações telefônicas interurbanas e outras comunicações.

Fui rastreado e descoberto e tive que fugir. Não de agentes secretos ou de militares. Mas dos próprios extraterrestres. Pois você pode fugir das autoridades por tempo indeterminado, mas não consegue fugir de quem olha a Terra de cima e pode localizar e abduzir qualquer pessoa ou coisa.

No dia 01 de novembro de 1992, estava andando por uma praia da Bahia, de madrugada, quando desmaiei e fiquei inconsciente por dez anos.

Acordei em algum dia do inverno de 2002, na mesma praia da Bahia e mantive-me em estado de amnésia por longas semanas.

Fui adotado por pescadores, que me alimentaram e abrigaram e colocaram minha foto na televisão local, de onde fui parar em rede nacional, mas jamais familiar algum me reivindicou minha identidade, embora algumas famílias tivessem pedido testes de DNA para verificar se eu seria alguma das milhares de crianças desaparecidas ao longo das décadas, em todo mundo. Desaparecimentos muitas vezes creditado a extraterrestres, o que é uma bobagem. Os Aliados não precisam abduzir ninguém para fazer testes com humanos. Eles fazem lá de cima, em suas espaçonaves invisíveis, analisando cada uma de nossas células a 50 mil metros de distância.

Mas enfim eu descobri quem era. Foi cerca de três meses depois de ser devolvido à praia baiana.

Eu simplesmente acordei um dia com a memória restabelecida. Ou quase toda minha memória.

Eu acordei sabendo que meu corpo havia sido trocado por outro. Por isso nenhum parente me reconheceu na televisão nem nenhum teste de DNA deu resultado.

Eu sabia que havia sido um dos únicos e raros legítimos abduzidos por seres extraterrestres na Terra. Sabia que, dentro de um laboratório espacial dos Aliados, alguns de meus genes foram trocados minuciosamente, ao longo de uma década, para que eu me tornasse parecido com eles.

Também fiquei decepcionado em saber que nem o Brasil nem o mundo haviam mudado em dez anos. Até o presidente dos EUA era o mesmo.

Inicialmente não entendi o porquê desta experiência. E principalmente, eu me perguntava: de que exatamente eu seria capaz, sendo 15% extraterrestre?

Se eles queriam me retirar de circulação, por que não simplesmente me mataram?

Minha primeira singularidade, que alguém poderia chamar de “poder”, descobri quando os barcos dos meus amigos pescadores foram atacados violentamente por uma tormenta imprevista.

Da praia, pude ver os barcos mergulhados na escuridão tempestuosa, a vinte quilômetros da costa. Com minha mente, consegui erguer os barcos e trazê-los ao cais sãos e salvos. Não permiti que eles me vissem na praia. Por isto, até hoje acreditam em um milagre de Deus.

A partir daquele dia comecei a refletir. Devo me tornar um super-herói? Alguém com meus “poderes”, que continuo chamando “singularidades”, seria considerado uma espécie de messias? Logo alguém tentaria me matar, talvez alguma autoridade eclesiástica interessada em não perder os privilégios das religiões?

Passei a considerar-me um condenado brutal. Por que “eles” simplesmente não me mataram? Por que me transformaram numa aberração que jamais poderia realizar feito algum diante do sofrimento humano?

E se eu resolvesse me casar e ter filhos? Deveria contar a minha família quem sou? Meus filhos também seriam aberrações? Estaria eu dando origem a uma nova espécie híbrida de humano e alienígena?

Minha depressão chegou ao limite e decidi cometer suicídio.

Sem sucesso.

Posso dar um tiro na cabeça e não acontece nada. A bala atravessa minhas células sem tocá-las.

Não adianta me enforcar, me afogar, cortar os pulsos. Sou à prova de morte.

Ao descobrir isto, passei a cogitar a possibilidade de expor as minhas singularidades, pois ninguém poderia me ferir.

Antes que pudesse me divertir, brincando de super-herói, recebi visitantes. Eu estava andando na minha praia quando vi ao longe umas figuras diminutas, como se fossem crianças. Tentei ampliar minha visão, sem sucesso.

Tive medo. Quem na Terra estaria imune a meus “poderes”? Ninguém.

Mas aqueles pequeninos não eram os Aliados. Seriam quem? Os Inimigos? Queriam o quê comigo?

Quando cheguei bem perto, as tais “crianças” pareciam miniaturas de astronautas. Utilizavam roupas cinzentas e capacetes espelhados. Eu não consegui ver seus rostos. Eram dezoito pequeninos.

Meu medo passou a dissipar-se e aproximei-me mais ainda. Ajoelhei frente a eles. Não tinham mais que 60 cm de altura.

Um deles estendeu a mão, segurando um bastão de cor escura mas brilhante, como se fosse um quartzo ou alguma espécie de cristal.

Estendi minha mão um pouco trêmula e segurei o bastão.

Foi um autêntico download em alta-velocidade em meu cérebro.

A mensagem era um convite.

Comovidos com a punição que seus adversários haviam me infringido, recrutaram-me para fazer parte do Exército deles, onde minhas singularidades poderiam ser utilizadas sem receio algum.

Mas como eu poderia fazer o papel de um Gulliver moderno e solitário? Meu lugar era [aliás é] a Terra, no meio dos humanos. Falei isso em voz alta e em português para os pequeninos.

Aquele que segurava o bastão retraiu-o e o manuseou, como se estivesse digitando outra mensagem. Estendeu o braço novamente. Toquei o bastão. Outro download.

Tudo o que contei até agora me foi transmitido naquele momento. Soube da história de Karl Von Grüberar e outros detalhes.

O pequenino digitou outra mensagem no bastão. Esta me arrepiou todos os pelos do corpo. A mensagem seguinte dizia:

- Seu Planeta Terra será obrigado a entrar na guerra. Acontecerá muito em breve. Aguarde nossas instruções. Enquanto isto, tente localizar os outros Híbridos. Você foi o único que conseguimos encontrar e não sabemos o porquê. Em nossa cultura, quando não sabemos o porquê de algo, significa que este algo é importante.

- Acho que na cultura humana também. – completei.

Eles se viraram e começaram a andar para o lado oposto. Mas eu os interrompi, perguntando:

- Como vou me defender de seus inimigos?

O mesmo pequenino digitou outra coisa no bastão. A cada vez que ele fazia aquilo, eu ficava ainda mais ansioso em saber o que ele escrevia.

A última resposta foi a seguinte:

- Não se preocupe. Já negociávamos com os inimigos antes mesmo que vocês andassem sobre duas pernas. Não vão tocar em você.

Meus novos amigos partiram, dissipando-se no ar quente da praia.

Foi a primeira vez em que me senti bem, desde que retornei do espaço. É bom se sentir alguém, ter um motivo para viver. Fiquei até pensando: será que eles vão me dar uma patente? Tipo General da Legião Humana do Exército Extraterrestre?

Sobre os Híbridos, eu fazia idéia de onde começar a procura: nos jornais. Procuraria por pessoas surgidas de repente em algum lugar e não reconhecidas por ninguém.

Tive que dar adeus a minha nova família baiana. Quando estava na rodoviária, pensei: quando a Terra entrar na Guerra, serei sentimental a ponto de procurar defender primeiro a minha praia na Bahia? Ou então a minha família legítima, em São Paulo? Eu não sabia a resposta. Mas, como meu pequenino extraterrestre disse... quando não sabemos uma resposta, significa que isto é importante.

## 5 – PREDADOR DE ALIENÍGENAS\*\*

\*\*Baseado na série “Alien”.

Sistema Landgrave, do outro lado da galáxia.

O satélite Landgrave 3A foi dominado por uma espécie de alienígena gigantesco, do tamanho de elefantes. Por isso foi apelidado "alien elefante".

Ninguém fazia a menor idéia da origem de tal alienígena. Como havia chegado ali e como havia se proliferado daquela forma.

Estavam atacando e eliminando todos os colonos humanos do local, que pediram resgate.

O planeta Landgrave 3 enviou um exército até o satélite A, mas as armas humanas não tinham poder suficiente para destruir os alienígenas.

A única solução foi atacar o planeta com bombas nucleares.

Pediram para que os soldados retornassem à nave do Exército, que lançou no satélite cerca de 20 ogivas para exterminar os "aliens elefantes".

Todos os soldados passaram por descontaminação, em que se verificou uma espécie viva estava grudada no corpo deles. Não poderiam retornar a Landgrave 3 com embriões alienígenas.

Por isso, quando um dos soldados percebeu que havia algo grudado em seu uniforme, achou que era uma sujeira qualquer e jogou no recolhedor de lixo.

O tal "objeto" deslizou até a lixeira central da nave, mas antes que fosse compactado, cresceu, tornando-se um alien aparentemente comum, com sua cabeça enorme, boca injetora e mãos antropomórficas. E certamente sangue ácido, como todos.

O alien rompeu a parede da lixeira e passou a atacar a todos, inserindo seus embriões.

Desta vez, nada poderia detê-lo. Era imune a qualquer tipo de arma pessoal, pois quando atingido, fechava-se numa armadura inexpugnável.

A nave decidiu fazer meia volta e afastar-se de Landgrave na maior velocidade que pudesse atingir. Ao mesmo tempo, entraram em contato com o CCA - Comando de Caça aos Alienígenas, exército interestelar especializado em combater o maior inimigo dos humanos nos últimos 400 anos.

Liderados pelo Capitão Manfredo Glock, o 7º Pelotão aproximou-se da nave, acoplou-se e assim que a escotilha se abriu, os soldados pularam dentro dela com seus lançadores de nitrogênio líquido, congelando tudo lá dentro, entre homens e alienígenas.

Depois, verificaram, através de raio laser, quem não estava contaminado e decidiram levá-los de volta a Landrave.

Antes de deixar a espaçonave, colocaram lá uma bomba nuclear.

Afastaram-se da nave e a explodiram.

Quando pousaram em Landgrave, foram recebidos pelo General Pepe Gusmão, que informou ao 7º Pelotão a sua descoberta: se os alienígenas eram tão agressivos, provavelmente haviam desenvolvido este instinto como reação a algum inimigo natural. E por isso, pediram ao pelotão que fossem até o planeta AH-Gleysson, na Galáxia de Andrômeda, nossa galáxia vizinha mais próxima.

- Mas isso fica a seis milhões de anos-luz, disse o Pelotão. Como os alienígenas chegaram aqui?

- Talvez na bagagem de alguma nave alienígena.

O quê? Teríamos no passado sido visitados por seres de Andrômeda?

Mas eles decidiram ir até lá.

Acionaram o motor de massa negativa e partiram para Andrômeda, onde chegariam em três dias.

Ninguém nunca havia estado no aglomerado estelar Gleysson, em Andrômeda, como ninguém nunca havia estado na maioria das estrelas do Universo.

A nave do 7º Pelotão rastreou o planeta nebuloso, descobrindo que era coberta por uma estranha criatura branca peluda veloz. Mas que não parecia agressiva.

"Não pode ser aqui", pensaram.

Alguém teve idéia de projetar uma imagem tridimensional do alien frente às criaturas, que a atacaram ferozmente. Garras e dentes gigantescos pronunciaram-se do ex-bichinho fofinho, transformando-o num monstro incrivelmente mais assustador do que o alien.

Então esse era o predador dos alienígenas? E por causa dele, o Alien havia se transformado naquele ser demoníaco?

Porém, diferente do que acontecia com os alienígenas, o predador não era agressivo com os seres humanos. Pelo contrário, pareceu até simpatizar com nossa espécie e não ofereceu resistência quando alguns exemplares foram colocados no compartimento de carga da nave pousada em AH-Gleysson.

O 7º Pelotão retornou a Via Láctea e decidiram levar os predadores para Landgrave, a fim de ser analisado pelos biólogos locais.

Mas assim que chegaram no planeta, os predadores ficaram muito agitados. Imaginaram que a diferença de pressão atmosférica os estava irritando, mesmo que no contêiner em que os predadores foram alojados, o 7º Pelotão houvesse tentado reproduzir a atmosfera e pressão de AH-Gleysson.

A idéia era tentar descobrir como adaptar o predador a nossos ambientes antropometabólicos, como Landgrave. Afinal se o próprio Alien conseguiu se adaptar tão facilmente, também o poderia, hipoteticamente, fazer o seu inimigo natural.

De fato, o predador adaptou-se ao oxigênio de Landgrave. E nem foi preciso realizar nenhum teste. Pois os animais romperam as paredes do contêiner e passaram a andar pelas ruas do planeta, assustando os pedestres.

Como conseguiam se adaptar a um novo ambiente com tanta facilidade? A única explicação imaginada pelos biólogos era que o próprio planeta deles, AH-Gleysson, deveria sofrer mudanças climáticas constantes, gerando assim a alteração evolutiva das espécies, que desenvolveu nelas esta capacidade adaptativa.

Outra coisa que os biólogos estavam desconfiados: o alien estaria presente em Landgrave e os predadores os estavam farejando.

O General Pepe Gusmão decretou alerta vermelho e toque de recolher. As pessoas voltaram para suas casas e as trancaram. Aeronaves de tanques seguiam os passos dos predadores, que continuavam farejando os alienígenas.

O 7º Pelotão continuava lá. Capitão Manfredo Glock seguia um dos predadores, dentro de um tanque. Em certo momento, seu tanque foi cercado por outros três tanques. E ele não entendeu nada. Recebeu uma mensagem: "Capitão Glock? Você está preso. Abra imediatamente a escotilha do tanque e saia, sem suas armas".

Só poderia ser engano, pensou. Mesmo assim, acatou a ordem e saiu do tanque, perguntando: "Porque estou sendo preso?" "Por ser membro do Culto a Tenente Ripley".

Só existem cinco maneiras de se descobrir uma atividade ilícita: confissão, tortura, investigação, denúncia ou acidente. Qual delas teria revelado o Culto às autoridades galácticas?

Em poucas horas, dezenas de militares e autoridades diversas na Via Láctea foram detidas. Como os nomes dos membros não estavam registrados em lugar algum, a única explicação é que alguém havia entregue os participantes do Culto a Ripley. Alguém traidor? Ou espião? Alguém que conhecesse a posição de todos os membros, os nomes e locais de ocupação. Suas bases ou residências.

Só uma pessoa poderia ser acusada naquele momento: o homem mais confiável de toda a galáxia: Sacerdote Sófocles.

Capitão Glock pensava: "Coloco a mão no fogo pelo Sacerdote Sófocles. Não pode ter sido ele. A não ser que tivesse sido torturado ou sofrido lavagem cerebral. Sacerdote Sófocles jamais revelaria uma palavra sobre nosso Culto, a quem quer que fosse".

No entanto, em Dunyach, planeta rochoso de Epsilon Eridani, o diretor regional da GravitronCargo, a maior empresa privada de transporte de cargas interestelares da Via Láctea, chamado Zeus Miller ou melhor, Sacerdote Sófocles, também estava sendo preso, acusado do mesmo crime.

Sim, fazer parte do Culto à Ripley era um crime galáctico. Nada em especial com o Culto, mas com o fato de ser uma religião. E as religiões e misticismos gerais, inclusive qualquer tipo de superstição, eram considerados crimes graves na Via Láctea, desde o Código Interestelar, promulgado quando as estrelas colonizadas por humanos e ebônios [outra espécie inteligente colonizadora] se uniram, formando a União da Via Láctea, para proteger nossos interesses galácticos contra possíveis invasores de outras galáxias. Como os aliens.

E como os humanos conheciam e ingressavam no Culto à Tenente Ripley? Começavam enfrentando os aliens, espalhados pela galáxia e evoluindo cada vez mais rápido, tornando-se cada vez mais perigosos e imprevisíveis. Muitos destes guerreiros natos eram recrutados pelo Comando Anti-Alienígena e só os mais corajosos e confiáveis eram iniciados no Culto, quando bebiam o Sangue Místico. Um sangue clonado de Tenente Ripley, formado pelo DNA híbrido de humano e alienígena.

Este sangue trazia alucinações a quem os bebia, remetendo-os a experiências místicas, como antigamente faziam os nativos terrestres com o peyote.

Todos os membros do culto eram militares ou eram ligados a eles, como Sacerdote Sófocles, diretor da GravitronCargo, ex-soldado do 7º Batalhão e amigo pessoal do Capitão Glock.

Estes membros, sendo presos, colocariam a Via Láctea em perigo. Os novos alienígenas tinham uma armadura a prova de balas, só penetrada por explosão nuclear. Uma praga de aliens-tatus acabaria com a vida na Galáxia.

Quem salvou nosso lar foram os predadores dos alienígenas, quando começaram a atacar humanos. Mas não eram simplesmente humanos. Eram pessoas parasitadas por alienígenas, que tomavam todo o corpo de seus hospedeiros, inclusive o cérebro.

E foi assim que os alienígenas descobriram quem eram os membros do Culto. Pois um deles havia tomado o corpo do Major Villaboin, que estava na nave militar que lançou as bombas nucleares sobre Landgrave 3A. Antes mesmo de sair da lixeira, o alienígena já havia espalhado seus embriões. Cujas nova evolução era esta capacidade de parasitar e substituir os hospedeiros. Como Major Villaboin, que era ninguém menos do que o sucessor natural do Sacerdote Sófocles.

Estes novos alienígenas não poderiam ser captados pelos sensores militares. Só quem pôde perceber que estavam ali foram seus redadores.

Estes eram muito mais agressivos, quando deixavam as peles de seus hospedeiros, além de ter aquela carcaça que os predadores não conseguiam penetrar com seus dentes e unhas poderosos.

Os alienígenas pareciam inexpugnáveis. Os predadores começaram a ser derrotados por seu alimento. O que é que poderia ser feito para combatê-los, além da simples resistência armada que tentava manter os alienígenas distantes, mas que não suportaria muito mais tempo?

Obviamente o interesse dos aliens nos seres humanos estava relacionado a nosso metabolismo. Por que os aliens utilizavam apenas os humanos como hospedeiros? Provavelmente porque os humanos eram os únicos seres da galáxia que desenvolviam os nutrientes que eles precisavam para a sua reprodução dentro do nosso corpo. Que nutrientes seriam estes?

Pesquisadores do Museu do Alien, na Terra, decidiram exumar corpos que haviam servido como hospedeiros de aliens e perceberam que eles tinham uma taxa muito elevada de triptofanos, um aminoácido.

Ninguém entendeu o porquê de os aliens precisarem de triptofanos para se reproduzir, mas o Museu do Alien criou um medicamento inteligente que impediria a produção humana de triptofanos quando invadido por um alienígena.

As cápsulas do remédio foram distribuídas em toda a Via Láctea.

O julgamento dos membros do Culto à Ripley foi marcado. Mas eles também tomaram a "vacina".

Landgrave estava em guerra contra o alienígena mas ao mesmo tempo em quarentena, pois seria arriscado permitir que humanos saíssem dali em direção a outras colônias humanas na galáxia. Naquela época, já contávamos 5 mil colônias.

O que as autoridades não sabiam é que alguns aliens-tatus já haviam deixado Landgrave e partido para outros locais, como a Terra, onde o Culto à Ripley seria julgado. Estavam dentro dos soldados que escoltavam os prisioneiros, que se transformaram em alienígenas ainda dentro da nave que transportava os membros do Culto, entre eles Capitão Manfredo Glock.

A nave já havia atravessado a Nuvem de Oort e aproximava-se dos planetas gasosos.

Os alienígenas não tiveram sucesso em sua tentativa de incubação. Como os prisioneiros já haviam tomado o anti-triptofano, os embriões não puderam se desenvolver.

Os militares acordaram de seus pesadelos, livraram-se daquela espécie de teia formada pela saliva do alien e tomaram o controle da nave.

Fizeram meia volta para Landgrave. Tentariam convencer a todos para que permitissem ser incubados pelos aliens, que impedidos de se reproduzir, acabariam padecendo. Isto deveria ser feito o mais rápido possível, pois os alienígenas evoluíam muito rápido e logo tornariam-se imunes ao anti-triptofano.

75 mil anos-luz separavam o Sistema Solar de Landgrave.

Capitão Manfredo Glock assumiu manualmente o navegador, pois o piloto-automático não reconheceria o comando de pessoa não-autorizada.

O motor de massa negativa foi levado à potência máxima para que os militares chegassem a Landgrave em cerca de 1 hora.

A Via Láctea, no entanto, continha cerca de 5 mil colônias humanas. Isto preocupava Capitão Glock mais do que seu futuro julgamento, em que poderia ser condenado à morte.

## 6 – ÁGUA

Acostumados a uma temperatura de cerca de 40 graus Celsius, eles sabiam que iriam morrer pois o planeta estava se aquecendo muito desde o início da perda da atmosfera. Toda a água se evaporou e desapareceu pelo espaço também.

- Mãe, estou com sede.

- Eu sei, meu filho. Mas agora precisamos dormir.

- Por que todos estão dormindo, mãe?

- Porque quando dormimos, não sentimos sede.

- Vamos dormir por quanto tempo?

- Por pouco tempo. A água logo vai voltar para nosso mundo e poderemos acordar.

O pequeno ser acreditava na mãe. Deixou-se tomar pelo sono até dormir. Sua mãe

dormiu também, como todos daquele planeta.

O sono pareceu durar apenas um instante.

A mãe, o filho e muitos outros indivíduos do planeta desértico começaram a despertar.

A sensação da água invadindo suas células era uma sensação de renascimento.

Aos poucos sentiram-se bastante fortes para despertar completamente e estranhar o lugar onde estavam.

Entreolharam-se mas ninguém era capaz de dizer que lugar era aquele. Muito menos o pequeno animal que não queria sair de perto da mãe, como os outros, perto dele, todos grudados em suas mães.

Observava-os um animal gigantesco de pele brilhante, emitindo um som incompreensível:

- Dr. Lin, o senhor estava certo: eles estão voltando à vida com a água.
- Observe que cada um deles tem um filhote.
- Mãe e filho?
- Sim, Dr. Seng. Como é a natureza! Mães e filhos dormentes, por 1,3 bilhões de anos, esperando que alguém lhes trouxesse de volta à vida.
- O mais impressionante é que o planeta está cheio de água. Nos pólos.
- Talvez não entendessem que o gelo fosse água.

Até 2050, os chineses planejavam construir 100 estufas para despertar toda uma população de nativos marcianos.

## 7 – A EXTRA-CAFETEIRA DO SENADOR MERDINGUER

O Senador da República Adolfo Merdinguer, após 35 mandatos seguidos, estava começando a se sentir exausto.

Desde que a fabricação do extra-comprimido, que rejuvenescia suas células, havia sido proibida, a única maneira de adquiri-la seria através de contrabando.

Sendo um respeitado Senador da República, acreditava que deveria manter aquela aura de respeitabilidade.

Mas pensando bem, aos 370 anos de idade já poderia começar a pensar em se aposentar.

O Senador Merdinguer considerava irônico o fato de que ele mesmo havia conduzido a votação do Senado que proibiu a fabricação e comercialização do extra-comprimido.

Por isso estava sendo considerado conservador.

Toda a parte da sociedade contrária à tecnologia extra-dimensional estava sendo considerada ultrapassada e reacionária.

Isto era paradoxal, pois estes políticos que acabavam de proibir a fabricação de extra-medicamentos só estavam vivos graças aos mesmos.

O extra-comprimido utilizava o mesmo mecanismo que qualquer outro artefato da extra-tecnologia: mandava as células de volta ao passado.

Tomando um comprimido por dia, o Senador Merdinguer sempre voltava um dia no tempo, mantendo suas memórias através de outro medicamento, ainda mais antigo que o extra-comprimido: a SSQ, sinapse sintética quântica.

Este medicamento, porém, sem contra-indicações, além de não ser proibido, era muito popular.

No entanto, os extra-medicamentos estavam sendo acusados de adulterar o comportamento da Civilização Atômica, como ficou conhecido nosso mundo, após a Revolução Quântica das primeiras décadas do longínquo século 21.

Enquanto a Revolução Quântica trouxe paz e prosperidade para o mundo, a Revolução Extra-Dimensional começou a gerar o caos, o que fez com que todos os governos do mundo tentassem a todo custo regulamentar e controlar o uso desenfreado desta tecnologia apocalíptica.

Crimes foram cometidos, usando-se esta tecnologia.

Quando a estudante de psicologia Boda Gornelinsky foi condenada por matar o namorado quando ainda estava na barriga da mãe dele, o Álbum Existencial foi desativado, causando um prejuízo de 100 quatrilhões de dólares à empresa que o criou, com sede na Califórnia, EUA.

Poucos artefatos extra-dimensionais permaneceriam permitidos.

O Senador Adolfo Merdinguer adorava os extra-eletrodomésticos que possuía em sua casa e freqüentemente trocava-os ou atentava-se às novidades.

Todos os dias, quando acordava os dois lados do cérebro, por volta de 8h da manhã, quando era despertado por sua extra-cafeiteira, ao lado da cama, o catálogo da Shoptime Machine era acionado a sua frente, permitindo que o Senador conhecesse as últimas novidades.

Quando escolhia alguma, arrastava a imagem para o Reator Doméstico.

Ele se dirigia à cozinha, abria o Reator Doméstico e a energia solar já havia transformado o hidrogênio na peça que havia escolhido.

De todos os seus extra-eletrodomésticos, o seu favorito era a extra-cafeiteira.

A extra-cafeiteira da Shoptime Machine copiava e salvava as ondas cerebrais do Senador, a cada xícara de café que lhe preparava.

Senador Merdinguer havia programado a extra-cafeiteira para melhorar o sabor em 2% de satisfação cerebral a cada xícara.

Três anos depois, ingerindo 10 ou 12 cafés por dia, a experiência havia se tornado extasiante. Um autêntico orgasmo existencial.

Após cada gole, não era incomum ouvi-lo murmurar:

- Isso é bom demais, bom demais...

Como se o ato de tomar uma xícara de café equivalesse ao prazer de mil relações sexuais.

Muitas vezes surpreendia-se com seu próprio estado de delírio cafeínico e comentava:

- A extra-cafeteira deveria ser proibida!

## 8 – A ANTENA DO GERMANO

Por que o Einstein acreditava que a velocidade da luz era a máxima velocidade permitida no Universo?

Porque o ser humano não consegue perceber nenhuma velocidade superior à da luz, embora ela exista, de acordo com a Teoria do Infinito, uma teoria desenvolvida na Universidade Municipal de Enfermagem, Nutrição e Filosofia de Pindamonhangaba, nos longínquos anos 20 do século 21.

Esta teoria, unindo-se ao Princípio da Simplicidade, que foi desenvolvido no Caltech, nos anos 30 do mesmo século, que demonstrava que “a maneira mais simples de resolver um problema é a maneira mais simples”, permitiu que o sapateiro profissional e astrofísico amador Germano Isaac da Silva tivesse a idéia de desenvolver um programa de computador capaz de perceber ondas superluminais vindas do espaço através de uma antena supersensível e visualizá-las em câmera-lenta.

Não seria algo assim tão difícil. Germano imaginou que se as ondas eletro-magnéticas diminuem de velocidade em decorrência do ambiente em que estão se propagando, obviamente deveria existir um tipo de onda tão rápido que não poderia ser nem considerado uma onda, mas uma dimensão que estaria presente em todos os lugares do Universo, ao mesmo tempo. Talvez... a gravidade?

Mas se a gravidade é integrante do espaço-tempo curvo, como ensinava Einstein, seriam também as outras dimensões [três do espaço e uma do tempo] ondas superluminais?

Germano apontou sua antena para o céu em busca das dimensões/ondas superluminais.

Enquanto ajustava os plugs da antena, descobriu que as ondas eletromagnéticas eram na verdade ondas eletromagnetodimensionais, isto é, corriam obrigatoriamente dentro de uma espécie de trilho superluminal que formava o Universo e suas dimensões, além da gravidade.

- Que legal! – pensou Germano. – Já sei o que vou descobrir quando conseguir fazer funcionar esta antena.

## 9 – O CONDENSADOR DE LUZ

O professor de física da USP Godofredo Quintella acreditava que para viajar no tempo seria preciso sair deste Universo e caminhar num “anti-Universo” ou o “verso do Universo”, como se uma pessoa subisse num prédio pelas paredes externas.

Professor Godofredo não gostava que chamassem esse “anti-Universo” de “Universo paralelo”. Pois acreditava não haver nada ali.

Como atingir esse anti-Universo?

Por cinquenta e sete anos refletiu sobre isto. Até que numa manhã de inverno , fazendo a barba, chegou à conclusão:

- Viajando acima da velocidade da luz.

A luz viaja a 300 milhões de km/s porque encontra uma resistência. Essa resistência é a própria parede da existência do Universo.

Essa parede poderia ser rompida, ele acreditava, concentrando-se a luz num ponto e a fazendo explodir.

Muita gente havia teorizado e pesquisado sobre coisas semelhantes. Como Stephen Hawking. E ele estava certo que se entrasse numa máquina destas, seria pulverizado e não veria coisa nenhuma.

Aos 98 anos, acreditando que não tinha nada a perder, construiu o seu Condensador de Luz e se sentou na frente dele.

Bastariam seis segundos de condensação. A luz o atravessaria como um laser e seria absorvida por um dispersador que a enviaria ao espaço.

Ele apertou o botão e liberou a luz.

Sua teoria estava quase certa. Ele, de fato, saiu do Universo mas não encontrou um anti-Universo. Encontrou uma espécie de Universo paralelo primitivo e em suspensão temporal, onde um Big Bang eterno, formado por toda luz de todos os Universos que ali eram jogadas por seus buracos negros e se concentravam eternamente num único ponto que se expandia, formando novos e infinitos Universos.

Nosso Universo, soube Professor Godofredo, era apenas uma centelha entre infinitas explosões que ocorriam num lugar que nunca teve começo nem terá fim, pois ali não existia o tempo.

Professor Godofredo chorou, suspenso no vácuo. Pois havia descoberto o segredo da Existência mas não poderia contar a ninguém.

## 10 – HOMO DECURRENS

O cérebro deles é maior que o do Homo sapiens.

Poucos dias após nascer, sabem andar, conversar, ler pensamentos, ouvir e ver à distância e se teletransportar.

Não ficam doentes e seu objetivo é manter contato com seres extraterrestres e formar colônias espaciais.

Sua maior dificuldade é escolher a hora de morrer.

Como sua reprodução é remota, há programas para manter contato entre pais e filhos.

Debatem, sobre interferir ou não em civilizações extraterrestres primitivas, bem como lutar para manter contato com seres mais evoluídos.

Este é, basicamente, o Homo decurrens.

## 11 – CONTATO REAL

Então eles chegaram.

Primeiro pensaram que era um cometa em direção a Terra, dados sua velocidade e seu brilho. Mas logo perceberam, quando ultrapassou a órbita de Júpiter, tratar-se de uma espaçonave oval com 200 metros de diâmetro e 500 de comprimento.

As autoridades militares estabeleceram alerta vermelho em todo o mundo. Foram criados escudos aéreos em todo o Globo, inclusive com armas nucleares e os mísseis terrestres foram apontados para a nave alienígena.

Se a nave se aproximasse a menos de 30 mil km da Terra, seria destruída. Melhor prevenir do que remediar. E se não houvesse remédio?

Surpreendentemente a espaçonave entrou em órbita da Terra a 45 mil quilômetros de altura e lá permaneceu.

No dia seguinte, bolhas muito brilhantes com um metro de diâmetro foram testemunhadas em todo o mundo.

Sobrevoavam sobretudo os oceanos, lagos, rios. Pareciam ter especial interesse pela água mas eram velozes demais para ser interceptados pelos caças.

Todos estavam amedrontados.

No segundo dia passaram a visitar universidades, laboratórios, instalações militares e aeronáuticas, observatórios, comunicações. As bolhas eram inatingíveis e assim as autoridades sentiam-se impotentes e a população mundial vulnerável.

Finalmente as bolhas de luz interessaram-se pela produção de alimento.

No quarto dia, as bolhas concentraram-se junto aos observatórios astronômicos.

Um astrônomo chileno, Julio Kongre saiu do prédio e observou uma das bolhas, que analisava o telescópio.

Pegou um carvão e na parede branca do próprio observatório fez um grande desenho da Via Láctea. Desenhou uma seta que ia em direção a outra ilustração do Sistema Solar com a Terra em destaque.

A bolha observou atentamente.

Com um raio de luz, o alienígena também fez uma seta que saía de uma estrela do outro lado da Via Láctea. Desenhou um sistema com 48 planetas e destacou um deles.

O chileno ficou impressionado. Os visitantes atravessaram cerca de 40 mil anos-luz para chegar a Terra.

As outras bolhas imitaram a companheira e fizeram o mesmo desenho nas paredes dos outros observatórios.

A desconhecida estrela foi chamada “Lar dos Visitantes”.

No quinto dia as pessoas passaram a não temer mais os alienígenas. Acharam que eram visitantes cordiais. O mesmo chileno destavez desenhou um homem embaixo da Terra. A bolha desenhou uma espécie de artrópode. Então eles eram assim. Não humanóides. Mas parecidos com insetos de várias pernas. As outras bolhas fizeram o mesmo desenho.

Durante uma semana os astrônomos ensinaram as bolhas a ler e escrever. Cada um em seu idioma. Muros foram erguidos para que as bolhas pudessem ser alfabetizadas.

Os astrônomos se reuniram e decidiram as perguntas que fariam às bolhas. Ficaram maravilhados.

Nome do planeta deles: “Aquilo que somos neste momento”. Nome da estrela: “A luz forte do início e do fim”.

O que respiram e do que se alimentam: água. E foi por isso que vieram até aqui. Porque a Terra e Aquilo-Que-Somos-Neste-Momento eram irmãos neste sentido. Ambos os planetas desenvolveram vida na água e também em ambos, a água havia chegado do espaço, bem como todos os outros elementos que geram vida.

Há quanto tempo conheciam a Terra e o Sol? Há duzentos milhões de anos, porque haviam desenvolvido um mapa espectral de todos os lugares da galáxia onde havia água.

Por que só vieram agora?

“Para salvar vocês. A Terra será destruída em três dias”.

Como?

“O Sol entrará em grande atividade e lançará milhões de vezes mais material no espaço do que costuma lançar. O vento solar destruiria a vida até em Plutão, se lá houvesse. Nenhuma forma de vida sobreviverá na Terra”.

Para onde vamos?

“Para um planeta junto ao nosso que preparamos para vocês. Terão que se adaptar, pois a gravidade é um pouco maior. Sentirão-se pesados. Há mais oxigênio do que na Terra, porém a pressão atmosférica é menor. Sentirão-se desconfortáveis, mas acostumarão-se.”

Como será o resgate?

“Entrem na água. Vamos absorver toda a água da Terra em nosso veículo e levá-los para seu novo planeta”.

Deveríamos acreditar na história deles?

Julio Kongre e os outros astrônomos observaram o Sol.

No terceiro dia, como anunciado pelos Artrópodes, o Sol transformou-se numa bomba nuclear de dimensões inimagináveis.

## 12 – NÃO SOMOS DEUSES

Calor e pressão tornam carbono em diamante.

Esse era o motivo para descermos em Júpiter: procurar diamante.

Não apenas para enfeitar dedos das namoradas de milionários, o diamante tinha infinitas utilidades.

Sabíamos produzir diamante artificial mas o custo era absurdo.

Com esse diamante industrial, construímos a sonda que desceria em Júpiter. Pois só uma nave cujo casco fosse feito de diamante poderia descer neste planeta sem implodir.

Também as roupas dos dois jupiteronautas seriam fabricadas em diamante. Mas na primeira missão, não havia previsão de fazer os prospectores caminharem no planeta.

Porque não descer uma sonda não-tripulada?

Porque as missões não-tripuladas traziam resultados pífios. Os computadores mais avançados não dispunham daquela criatividade e intuição peculiares aos seres humanos.

2.753 testes provaram isto. As próprias luas de Júpiter serviram de cenário.

Missões tripuladas e não-tripuladas foram enviadas a Io, Ganimedes, Calisto e quase todas as outras. Mas as missões robóticas traziam resultados medíocres, enquanto as tripuladas colhiam milhares de informações. Isto não significava que sondas fossem dispensadas.

A prospecção em Io foi realizada por controle remoto, dada a impossibilidade de se pousar neste satélite.

E Júpiter?

O laser descobriu que o planeta possuía continentes rochosos, seguros para o pouso, sem considerar as regiões vulcânicas. É que o planeta é uma panela de pressão. Tudo é enterrado. Até que o calor enlouquece as moléculas e manda tudo pelos ares.

O Pólo Norte era a região mais segura. Sofrendo menos força centrífuga, a região era um bloco sólido que recebia novas camadas, ano após ano, trazidas pela ventania eterna de Júpiter.

Imaginem a quantidade de diamante que poderia estar sedimentada nestas camadas da crosta jupiteriana.

Aliás, a ventania e a eletricidade atmosférica seriam aproveitadas pela sonda.

Para descer, utilizáramos a própria gravidade do planeta. Para subir, planar até a mesosfera e lá acionar os dezesseis motores a hidrogênio, captado na própria atmosfera jupiteriana.

As baterias da nave, recarregadas continuamente através de quatro sensores.

Júpiter, em 2036, era orbitado por três estações que formavam uma única organização independente. Ou seja, a Missão Júpiter não pertencia a Terra e portando era auto-administrada. Também era autônoma. Não dependia de nada de fora, mas negociavam normalmente com a Terra e com outras estações.

Estavam muito interessados em extrair diamante em Júpiter para vendê-lo a Terra. Por isso, projetaram a cápsula de diamante e encomendaram a Endecha, empresa russo-chinesa especialista em construir espaçonaves sob encomenda a preços convidativos.

A Endecha despachou três sondas para Júpiter a um custo de US 350 bilhões, ou seja, 45% do faturamento anual da Missão Júpiter.

Portanto, se não encontrássemos algo lucrativo em Júpiter, desistiríamos do projeto e continuaríamos explorando as luas do planeta gigante e comercializando projetos de espaçonaves e estações espaciais, as três especialidades dos 36.729 habitantes da Missão Júpiter. Também estudávamos expandir as atividades a Saturno. Caso a Terra autorizasse, o que não estava fácil.

- Vocês se tornaram um organismo independente porque não queriam a Missão Júpiter atrelada a interesses comerciais e políticos. – era o argumento difícil de ser contestado deles.

O problema é que nossos recursos eram limitados. Vejam só o custo da descida em Júpiter.

Testamos as cápsulas e escolhemos os “jupiternautas”, como os chamávamos. Dez.

Dois principais, os que desceriam. Oito reservas. Dois em cada cápsula.

Uma vez lá em baixo, não saberíamos o que estaria acontecendo. A atmosfera jupiteriana não permitiria transmissão por rádio nem por laser, a não ser que as mesmas transmissões fossem repetidas milhares de vezes para que os computadores da Missão Júpiter decifrassem as mensagens.

A descida levaria 36 horas e chegaria a quase 10 mil quilômetros por hora, sendo freada através de planação e dos tradicionais e insubstituíveis paraquedas. Mas não de plástico, como usam na Terra. De diamante mesmo. Quatro freios que se abririam no exterior da cápsula.

Tantos equipamentos só permitiam o espaço para dois tripulantes que mal podiam se mexer dentro da sonda.

André Luft e Manuela Mabe.

Nascidos na Terra, foram para a Missão Júpiter aos 32 e 36 anos, respectivamente. Tornaram-se dos mais conceituados mineradores do Sistema Solar. Se houvesse diamantes ou algo lucrativo em Júpiter, saberiam.

Nunca antes se viram tamanhas turbulências.

- Vamos morrer! – disse André antes de desmaiar.

Manuela tentava acionar a ignição para a cápsula voltar, sem sucesso. Ela mesma desmaiou.

Faltando 10 mil quilômetros, os freios e as asas foram acionadas. A velocidade foi reduzida, bem como a turbulência e logo os jupiternautas acordaram.

Diferente do filme “2001”, não se via nada lá fora. As lentes de diamante só captavam a mais profunda escuridão, enquanto os microfones de diamante captavam um zumbido infernal.

Tampouco o infravermelho. Não havia nada para ser visto.

- Estou com sede. – disse André.

- Eu também. – respondeu Manuela.

Beberam um soro especial que os astronautas levavam, que matava a sede, alimentava, dava energia, deixava a pessoa esperta e tranqüila, ao mesmo tempo. Por isso todos eram viciados nele, cada um com seu sabor favorito, como chocolate, morango, café com leite, pêssego, etc.

Faltando nove mil quilômetros, a cápsula começou a frear espontaneamente.

- É líquido, disse André. – Como o laser não previu isto?

- Não refletiu o laser. – respondeu Manuela.

- Desligue os freios.

Manuela desligou-os.

A nave ganhou velocidade.

- Hélio líquido. – descobriu André.

- Vamos levar uma eternidade para chegar lá embaixo.

- E se ligarmos os propulsores?

- Boa idéia.

Ficaram de cabeça para baixo e ligaram os motores. Sem muito hidrogênio, naquela camada, a nave não ganhou muita força mas ao menos conseguiram acelerar a descida.

Faltando 4 mil quilômetros, a nuvem de hélio líquido acabou.

- Anote aí, André. As próximas cápsulas deverão ter motores híbridos, como os de Europa.

- Por que não pensamos nisso antes?

- Porque nunca estivemos em Júpiter.

- Acabou o vento. Isto é, está a 200 km/h, o que, em Júpiter, é uma brisa, ainda mais nesta altura.

- Luz.

- Veja. O que será isto?

- Não parece a cor de Europa?

- Ficou marrom. Agora vermelho. Marrom. Amarelo.

- Não é possível.

- O quê?

- Pense na cor azul.

- Meu Deus!

- Estamos tendo uma alucinação juntos?

- Passe o que foi gerado no último minuto.

- Não é alucinação. Lá fora aparecem as cores que pensamos.

- Encontra uma explicação para isto?

- Não. Vê se não pensa em pornografia.

- Já pensei. Só apareceram as cores.

- Por isso ficou roxo.

- 1000 km.

- Motores.

- Ok.

- 900 km. 800 km. 700 km. 600 km. 500 km.
- Parece um local seguro?
- Sim. É plano e sólido.
- E quente. 400°.
- Fornalha.
- 100 km.
- Reduzir velocidade.
- 500 km/h. 400 km/h. 200 km/h.
- Parece tudo bem. Pode aumentar.
- 300. 400. 500.
- Está bom. Faltam 50 km. Chegaremos em 5 minutos.
- Faltando 10 km, frearemos.
- Ok.
- Enquanto isso, estou vendo meus pensamentos na tela.
- Quem é?
- Minha mãe.
- Bonita. Veja a minha.
- Intelectual, hein?
- É professora de história.
- Este é meu pai. Morreu num acidente de avião. Eu tinha sete anos.
- Este eu não sei quem é.
- Está pensando nele?
- Não.

- É o seu inconsciente, talvez.
- Um bebezinho.
- Meu Deus do céu...
- Que foi?
- Meu irmão gêmeo. Ainda mora na Terra.
- Júpiter lê nossos pensamentos, até os inconscientes.
- Isto é o que você queria fazer comigo?
- Sim.
- Não há muito espaço aqui. Talvez quando voltarmos.
- Freie.
- Ops. Íamos nos esborrachar.
- Não, o freio automático seria acionado.
- Seria um tranco terrível.
- Deixe a nave pousar.
- Pouso automático acionado.

O pouso foi suave como de uma pluma. O solo de Júpiter, naquela região, próximo ao Pólo Norte, era como uma mesa de mármore. Liso e totalmente plano.

- Acredite se quiser, Manuela, lá fora tem oxigênio. E a pressão atmosférica é igual aqui de dentro da cápsula.

- Não pode estar certo.
- Está vendo isto?
- Sim.

Lá fora, a imagem de uma cápsula sendo aberta e dois jupiternautas saindo dela. A imagem se repetia assim que acabava.

- Será uma armadilha?

- Ponha o escafandro.

- Está bem.

Vestiram os escafandros.

Assim que André acionou a escotilha superior, um alarme começou a soar. Haveria dez segundos para desistirem. Não desistiram.

A porta foi aberta.

André saiu. Imediatamente degraus escamoteáveis surgiram na traseira da cápsula. André desceu, seguido por Manuela.

- André, se minha cabeça explodir, entre na nave e vá embora.

- Não faça isso...

Antes que terminasse de falar, Manuela retirou o escafandro.

Respirou e fez sinal para André retirar também. Ele o fez.

- O ar é fresco.

“O ar é fresco”. – ouviram.

- Eco.

“Eco”. – ouviram também..

“O ar é fresco. O ar é fresco”. – ouviram novamente.

- Não é eco. Disse Manuela, ouvindo a repetição desta frase e das anteriores.

- Não estamos sós. – disse André. – Apareçam.

Blocos retangulares com 30 cm x 20 cm x 20 cm surgiram à frente dos terráqueos. Cem, logo mil, um milhão, um bilhão, infinitos. Estava escuro. Os blocos eram cinzentos, mas era possível observá-los.

- Posso tocar em vocês? – disse André, aproximando-se de um bloco.

Tocou as mãos nele.

- Somos da Terra. – disse André. Como vocês chamam seu planeta?

Ouviram um som ininteligível.

- Que nome complicado. – disse Manuela.

- Somos humanos. E vocês?

Ouviram o mesmo som.

- Pelo jeito o nome do planeta é o mesmo que eles dão a si mesmos.

- Como vocês nos chamam?

Ouviram um som diferente.

- Como chamam a Terra?

O mesmo som.

- Eles dão o mesmo nome ao planeta e aos habitantes.

- Sabem por que viemos até aqui?

Ouviram o mesmo som que representava os jupiterianos.

- Não, não viemos encontrar vocês. Viemos procurar diamante.

Ouviram o mesmo ruído.

- Espere aí. Já entendi: eles são feitos de diamante!

- Diamante vivo! Por que não? Nós somos feitos de carbono.

- Temos algo em comum. Os terráqueos e os jupiterianos são feitos de carbono.

- Meu Deus...

“Meu Deus...” Os jupiterianos repetiram.

- Sim, Deus. Vocês acreditam em Deus?

Repetiram o som que representava os terráqueos.

- Não! Não! Não somos deuses! Somos apenas humanos.

“Humanos. Deuses”. – repetiram os jupiterianos.

- Porque pensam que somos deuses?

Mostraram a imagem dos terráqueos chegando.

- Já sei. O céu deles é a morada dos deuses. Se viemos de lá, eles pensam que somos deuses.

- Amigos, viemos de outro planeta. Da Terra. O Sistema Solar tem oito planetas principais e vários outros secundários, chamados anões, além de incontáveis asteróides. Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno são os planetas principais.

- Vocês não sabiam da existência de outros planetas?

Ficaram inicialmente em silêncio. Depois falaram:

“Já entendemos sua linguagem. E podemos repeti-la. Estamos aqui desde a criação do Sistema Solar. Mas nós evoluímos a partir do carbono puro, na forma de diamante. Fomos atingidos pela eletricidade de Júpiter, durante centenas de milhões de anos e ganhamos vida. Assim como vocês, com a diferença de que além do carbono e da eletricidade, vocês também são formados por água. Aqui em Júpiter, há uma outra espécie, formada por hidrocarbono, mas ainda é primitiva. Não sabíamos que havia outros mundos além do nosso. Só sabíamos que o céu é a morada dos deuses. Por isso pensamos que vocês eram deuses.”

- Incrível essa compreensão da idéia de Deus ou deuses. Como vocês aprenderam isto?

- Assim como vocês. Seres desceram do firmamento e se apresentaram como deuses. Disseram que eram nossos criadores.

- Não é possível...

- Vocês pensavam que era apenas uma lenda bíblica ou lendas de povos primitivos. Se isso aconteceu em Júpiter, também pode ter acontecido na Terra.

- Temos muito o que conversar mas precisamos voltar. O engraçado é que encontramos o que viemos procurar: diamante. Mas não podemos usá-lo.

- Se quiserem, podemos fornecer diamante morto. Um bilhão de anos atrás, nós ainda morríamos. Esse lugar onde estamos é um cemitério de diamantes. Mas o diamante morto é o equivalente ao seu petróleo. Talvez descubram algum uso para ele.

- O que querem em troca?

- Há tanto diamante morto aqui em Júpiter que forneceríamos 1% dele a vocês durante mil anos. Mas apreciamos o que vocês nos deram. A compreensão do Universo. E muito mais. Os humanos contestam aquilo que conhecem. Não acreditam naquilo que vêem. Por isso partem em busca do conhecimento. Por isto vieram a Júpiter. E vão mais longe. Queremos conhecer outros humanos.

- Nós somos 25 bilhões.

- Somos 800 sextilhões. Mas a diversidade humana parece bem maior. Pelo menos, é o que lemos em suas mentes.

- Então, outro dia a gente volta.

Antes de fecharem a escotilha, os jupiterianos disseram:

- André. Manuela. Reflitam sobre uma coisa: o verdadeiro motivo da exploração espacial humana não seria a busca de Deus? Se os humanos não tivessem interesse nessa busca, teriam evoluído? E aqui em Júpiter? Não evoluímos para esperar esse momento em que encontraríamos deuses e leríamos os seus pensamentos, mesmo tento nos enganado sobre os humanos? Lemos em suas mentes que o Universo vai acabar. Graças a nossa evolução, tornamo-nos imortais. Graças à evolução humana, vocês conseguiram sair da Terra e chegaram a outros planetas. Qual será o propósito de tudo isto?

- Um dia saberemos. – disse Manuela.

Os dezesseis motores foram acionados e os dois jupiteronautas voltaram a Missão Júpiter.

Eles contaram tudo o que viram. Os tripulantes da Missão ouviram a gravação nítida feita pelo computador da cápsula. 80 horas de informações.

No dia seguinte, um portal abriu-se no espaço e de lá saíram cerca de 100 jupiterianos.

- Deixem que eles entrem. – pediu André.

A porta foi aberta.

- Amigos de Júpiter, bem vindos a Missão Júpiter.

- Descobrimos para que serve o diamante morto. Eis aí o portal. Para onde vocês querem ir?

Na Missão Júpiter, o secretário-geral era escolhido por sorteio, entre os cem tripulantes mais antigos, e seu mandato durava um ano terrestre ou um mês jupiteriano. [O ano em Júpiter equivalia a dez anos terrestres e era dividido em dez meses com nomes de numerais gregos, alfa, beta, gama, delta, etc].

Quando um secretário tomava posse, realizava-se o sorteio do seguinte, que passaria um ano se preparando.

Durante a Descida, o secretário-geral foi o Dr. Arthur Elbruss, exominerador que estava em Júpiter há seis anos.

A escolha era feita por sorteio pois era um cargo que ninguém queria ocupar. Astronautas não têm personalidade política. O perfil dos homens e mulheres que se mudavam para o espaço era o da anarquia, da aventura, da ausência de regras de comportamento.

Este perfil, misturado ao ambiente vertiginoso, tornava as pessoas neuróticas e às vezes psicóticas. Era comum ver tripulantes conversando com alienígenas imaginários, por isso todos eram dependentes químicos de tranquilizantes de vários tipos.

E todos tinham o mesmo sonho, sempre que dormiam: Júpiter.

Dr. Elbruss sonhava que estava caindo no planeta. Na verdade, estavam em queda livre mesmo, mas as velocidades das três estações as mantinham em órbita da bola de gás e diamante.

Dr. Elbruss nasceu em São Paulo, em 1997. Em 2026 já tinha um diploma de doutor em exominação pela Universidade de São Paulo, campus da Lua. Em 2030 chegou na Missão Júpiter, que começou a ser construída em 2019 e ficou pronta em 2032, tornando-se independente no mesmo ano. O próprio Dr. Elbruss colaborava com 30% de suas bolsas de estudo, desde o primeiro ano da faculdade. Por isso seus tripulantes sentiam-se em casa. “Missão Júpiter foi construída por nós”, era o lema da organização.

Mas a independência trouxe um problema. Aos poucos, a missão foi afastando-se das normas de exploração espacial. As pesquisas tripuladas ocorriam antes dos seis meses mínimos indicados para a presença de sondas não-tripuladas. Enviávamos uma sonda e logo em seguida desciam naves tripuladas. Rapidamente construímos bases em todas os satélites, exceto em Io, hostil como um vespeiro.

Io tinha um satélite próprio com dois vulcanólogos. Não havia tecnologia para exploração mineral nesta Lua tão singular do Sistema Solar.

Outra norma abandonada foi o uso de energia nuclear. Mais barata e mais eficiente, todas as nossas naves e as próprias estações utilizavam propulsores nucleares.

Como as sondas de diamante, movidas a fusão de hidrogênio e fissão de hélio.

O resultado destes abusos era que 80% da tripulação estava com câncer. Mas ninguém sabia disto na Terra. Nem poderiam saber.

Para não importar toneladas de V.S.A.C [vírus sintético anti-cancerígeno], produzíamos em Júpiter mesmo, num laboratório da base Ganimedes.

Dr. Elbruss tomava o seu comprimido diário. O V.S.A.C. não se reproduzia pois ele se destruía junto com a célula cancerígena quando a encontrava.

Sua temporada como secretário-geral estava no fim. Logo seria substituído e gozaria férias na Terra. Mas Elbruss estava tão cansado que pensava em não voltar mais a Júpiter.

A terceira norma descumprida era o nível de oxigênio respirado. 80%. Bem acima do respirado na Terra. No espaço respirava-se normalmente muito mais oxigênio, que causava uma sensação agradável, mas os jupiteronautas abusavam.

O raio laser descobriu camadas de carbono flutuando no oceano de hidrogênio de Júpiter. Geralmente onde não havia tempestades muito violentas. Eram gigantescas, maiores que os continentes da Terra.

A sonda de diamante desceu num período de calmaria do Pólo Norte jupiteriano. Seria impossível enfrentar as descargas elétricas de voltagem incalculável da atmosfera do colosso.

Dr. Elbruss iria voltar Terra de carona na Endecha. Mas resolveu voltar a Terra através do portal de diamante morto.

Como funcionava o portal?

Ao ser bombardeado por raio laser, os cristais de carbono desapareciam e ressurgiam na forma de antimatéria. Mas o mesmo carbono reaparecia por uma fração de segundo, como se tivesse feito uma viagem no tempo.

Os diamantes vivos jupiterianos descobriram que o carbono escapava do Universo, podendo reaparecer em outro lugar, desde que sua antimatéria lá estivesse.

Para fazer a antimatéria viajar, fizeram-na fundir-se com a própria matéria. E poderiam definir as coordenadas do reaparecimento através de informações gravadas nos núcleos dos átomos.

Em seguida, descobriram que qualquer coisa que estivesse envolvida por este diamante morto poderia viajar junto.

Dr. Elbruss entrou no portal e imediatamente estava numa praia, em Ubatuba, onde moravam seus pais.

Chegou às 7h30m de um domingo.

Seu pai ficou assustado. Achava que Arthur só chegaria em 30 dias, tempo da viagem entre a Terra e Júpiter.

A alegria foi geral. Sua mãe, irmãos, sobrinhos, primos, todos acordaram para visitá-lo. Alguns amigos também.

Arthur estava acompanhado de Besouro, apelido que deu a um diamante que o acompanhou, em estado de invisibilidade.

Depois do almoço, Arthur foi andar na praia.

- Muitos sentimentos em seu peito, Arthur. – disse Besouro. – Nós não temos sentimentos.

- Isso é bom ou ruim?

- Bom. Não há sentimentos bons como os seus e de seus entes, nem há sentimentos maus, como os de muitos na Terra.

- Você acha a Terra bonita?

- Sei que você acha. Então compreendo que para vocês, humanos, a Terra é bela.

- Júpiter, de longe, é um belo planeta.

- Para os humanos, o belo é sinal de vida.

- É mesmo?

- Sim. É um instinto humano.

- Acho que você tem razão.

- Vou explorar o planeta. Volto em breve.

- Boa viagem.

Besouro desapareceu no horizonte.

No dia seguinte, Arthur foi ao Dr. Jorge Leite, oncologista.

- Você está enganado, Arthur. Você não tem câncer.

- Impossível. É que eu tomo V.S.A.C., deve ter escondido o câncer.

- Mesmo com V.S.A.C. dá para saber. Há um teste de V.S.A.C. para verificar se ele está funcionando e deu negativo. Ou seja, você está tomando V.S.A.C. à toa, pois não há nenhuma célula cancerígena em seu corpo. Vamos fazer novos exames, terça que vem.

Quando Arthur saiu da clínica em Campinas, foi cercado por homens com roupa anti-contágio. Levado a um prédio do governo e interrogado por um homem que se apresentou como Coronel Estevão.

- Dr. Elbruss, Missão Júpiter sofrerá intervenção. Vocês estão colocando a vida humana em perigo.

- Por quê?

- Vocês estiveram em Júpiter. Encontraram vida no planeta.

- São nossos amigos.

- O hidrocarbono também?

- São seres primitivos.

- Que se reproduzem como moscas.

- E daí?

- O hidrocarbono é um vírus, Dr. Elbruss.

- Que causa qual doença?

- Ainda não sabemos. Mas você não deveria ter voltado a Terra contaminado.

- Contaminado?

- Você é hospedeiro do hidrocarbono.

Dr. Elbruss entendeu:

- Foram eles...

- O quê?

- Que curaram meu câncer!

E assim, descobrimos para que servia o hidrocarbono jupiteriano. O que, a longo prazo, o hidrocarbono poderia causar aos seres humanos só saberíamos com o tempo.

Em poucas semanas, ele se alojou em todos os seres vivos da Terra, curando nossas doenças, como um vírus inteligente, semelhante ao V.S.A.C.

375 mil anos depois, Arthur e Besouro encontraram-se com o casal André e Manuela na Galáxia Amêndoa, situada 11 bilhões de anos-luz da Terra.

Em Amêndoa viviam muitos humanos, pois havia inúmeros sistemas e planetas semelhantes a Terra. Seus habitantes eram formados por carbono, como no Sistema Solar.

Arthur, André e Manuela eram os homens mais velhos do Universo.

- Chegou meu dia. – disse, serenamente, Arthur.

- Tem certeza? – perguntou Manuela.

- Tenho. Penso nisso há 5 mil anos. Vim me despedir. Fiquem com o Besouro. Ele vai gostar da companhia de vocês.

- Adeus, amigo. - disse Besouro.

- Obrigado por ter feito companhia a mim todo esse tempo.

- De nada. – respondeu o diamante desprovido de emoções.

Arthur voltou a Terra, para o lugar onde era Ubatuba.

Permitiu, enfim, que o hidrocarbono deixasse seu corpo, simplesmente concentrando-se neste fato. Era assim que os humanos morriam, nos últimos 375 mil anos, desde o ingresso do hidrocarbono. Decidiam pelo fim da vida e concentravam-se na eliminação do hidrocarbono, que entendia a mensagem e abandonava os corpos que mantinham vivos e livres de quaisquer doenças.

Doutor Arthur Elbruss sentou-se junto a uma árvore e olhou o mar, enquanto esperaria o fim de seus dias no Universo.

Ainda sonhava com Júpiter.

### 13 – A MÃE DE MITSVAN

Meu nome é Emerson Toledo de Souza. Meus pacientes e colegas me chamam de Dr. Emerson. Eu queria ser chamado de Toledo, mas no Brasil o primeiro nome é mais usual do que o sobrenome. Talvez isto seja originário do tempo da escravidão, em que as pessoas não tinham sobrenome. Drs. Toledo deve ter vários. Eu mesmo conheci três. Dr. Marcelo Toledo era um jovem clínico geral do Hospital das Clínicas. Dr. Gerson Toledo, cirurgião vascular do Hospital São Camilo de Santo André. E Dra. Fátima Toledo foi minha professora de patologia na USP. Todos nós talvez descendentes de espanhóis. Eu devo ser mas meu ancestral espanhol mais velho deve ter vivido uns 200 anos atrás no Brasil. Mas vamos ao que interessa porque não sou antropólogo nem genealogista nem heraldista.

Eu sou ortopedista. Formei-me em 1963, aos 23 anos e até os 27 já tinha feito todos os cursos especializantes e mais palestras e congressos e simpósios e tinha o diploma de pós-doutorado em medicina. Quem pagou minha faculdade e parte dos outros estudos foi meu pai, Miguel Ramos de Souza, cardiologista, hoje aposentado e criando morangos em Nazaré Paulista. Eu também tinha um sítio lá. Minha mãe vive em meio aos morangos com meu pai. Ambos têm 79 anos. Mas são bem lúcidos. E não tem problemas cardíacos. Nunca fumaram nem beberam. Alimentam-se adequadamente. Sempre evitaram o stress. Meu pai foi um dos precursores no Brasil da tese de que problemas cardíacos estão relacionados ao padrão de vida de uma pessoa. Não havia um final de semana em que meus pais não viajavam para o campo. Lá no sítio tem uma piscina e quadra de futebol. Para minha família e nossos pacientes, esporte é lei. Seguindo o exemplo de meu pai, receito remédios, fisioterapia e esportes. Sou muito rígido quanto a esta última parte. Ah, minha mãe se chama Maria Rosa Toledo de Souza.

Para quem não sabe, o Hospital das Clínicas é da USP e vivo lá desde estudante. Exceto nas férias, jamais passei uma semana sem atender no HC, embora desde 1971 tenha

consultório particular à rua Clodomiro Amazonas. É lá que ganho dinheiro. Em 1973 fui convidado pelo reitor da USP a dar aulas na própria universidade. Hoje, sou orientador do doutorado. Ganho muito bem como professor e médico da USP (além das palestras aqui e ali), mas minha clientela é de classe alta e cada consulta minha custa R\$ 250,00. Tenho 4 ou 5 consultas por dia, três vezes por semana. Ao contrário do que algumas pessoas possam pensar, não recebo comissão da indústria farmacêutica. Quando acredito que dois ou mais remédios são bons, indico os três na receita e o paciente adquire o que estiver acessível.

Vivo bem. Eu e minha família. Fui casado por 20 anos. Casei-me em dezembro de 1975 e vivi com Raquel até 1995. Eu a conheci numa lanchonete do HC e foi uma paixão fulminante. Eu nunca tinha sentido aquilo antes, com nenhuma namorada. Aliás, quando a conheci eu estava namorando com uma médica havia 3 anos. Não demorou uma semana para que eu a substituísse por Raquel. Sou amigo de Sandra até hoje, cruzamos sempre pelos corredores e ruas do HC e da USP. Quando "desmanchamos", como se dizia à época, a reação dela foi natural. Fria otorrinolaringologista, resistiu um pouco à recente lei do Hospital das Clínicas, seguindo uma tendência mundial, de que os médicos devem tratar seus pacientes como seres humanos ou seja, cordialmente. A maioria dos médicos torna-se fria com o tempo, mas alguns exageram e consideram os pacientes como animais. Deveriam ser veterinários. E veterinários tratam bem seus pacientes. 90% dos médicos atenderam a norma, como Dra. Sandra. Para a sorte dos pacientes. Eu mesmo sempre tratei muito bem meus pacientes. Nunca os vi como animais de laboratório. Sou dos raríssimos médicos que procura pacientes que interrompem tratamentos. Se faltam a consultas ou desaparecem, peço para minha secretária telefonar e ver o que aconteceu. Muitos pacientes são meus amigos. O mais antigo já morreu. Dr. João Correa, advogado, estaria com uns 110 anos hoje. Passei a atender toda sua família, filhos, netos, bisnetos, tataranetos. Hoje em dia em São Paulo é raro acontecer isto. Os jovens gostam de consultórios em que a secretária e o médico usam computadores. Eu os tenho. Reformo o meu a cada três ou quatro anos. Não são só seus conhecimentos que um médico deve atualizar. Mas geralmente os médicos de minha idade que trabalham em consultórios ultrapassados, com fichário de aço, são os mesmos que pedem para o paciente "não tomar friagem".

Eu e Raquel tivemos quatro filhos. Meu mais velho tem 22 anos. Gabriel. Está se formando em psiquiatria. Interessante, não? Lúcia tem 19 e cursa o 2º ano de biologia. Ambos na USP. Mas meu filho Guilherme, que tem 18, pediu-me para enviá-lo aos Estados Unidos. Está fazendo cursinho preparatório para medicina em Harvard. Eu, pai de um aluno de Harvard. Grande orgulho.

Ele não sabe ainda qual especialidade seguirá. Minha princesinha Mitsvan (o único nome escolhido por minha mulher e sabe Deus o que significa) tem 11 anos e cursa a 5ª série do Arquidiocesano. Ela mesma escolheu esta escola. Meus outros filhos estudaram no Santa Joana. Minha filhinha tem destas coisas. Quer fazer tudo diferente dos irmãos. Talvez porque tenha 11 anos e seus irmãos já até passaram da adolescência. Mas ela é um pouco parecida com sua mãe. Tem o jeitinho da mãe, a inteligência preocupantemente abiogenética, isto é, ela sempre soube de coisas que eu não posso imaginar onde aprendeu. Eu nunca a vi lendo toneladas de livros, nem fica acampada

em bibliotecas.

Meus filhos são muito inteligentes. Mas Mitsvan é mais do que eles. Diria-se que é uma "superdotada". Mais ou menos. Não é uma "supernerd" típica. Gosta de tv, música, esportes, passeios. Vai com as amiguinhas ao shopping. Mas seu raciocínio está além do médio para sua idade. Bem como seus conhecimentos. É o que me assusta mais. Sua mãe era assim também e esta história é sobre ela.

Sinto-me um pouco Edgar Allan Poe ao escrever uma história sobre uma mulher misteriosa. Raquel não se parecia muito com Ligeia ou Berenice e eu tampouco escrevo com a maestria romântica do escritor norte-americano. Mas minha Lady Raquel certamente provocou-me e provoca o mesmo suspense (sobrenatural?) que a Poe. Com a diferença que Raquel realmente existiu!

Esperei três anos desde a última vez em que vi minha esposa para realizar esta narração. E certamente jamais tornarei pública. Guardarei-a em meu cofre. Ou talvez a queimarei. Preciso escrever para aliviar um pouco minha mente. Ou para que meus filhos saibam o que realmente aconteceu com sua mãe. Mas quando souberem, qual sua reação?

Acreditarão em mim? Considerarão-me louco? Meu filho psiquiatra, certamente.

Quem sabe escrevendo, terei de volta noites bem dormidas.

Fiz acima um relato sobre minha vida e minha profissão, minha formação. Assim, o virtual leitor terá uma idéia sobre minha, digamos, formação espiritual. Sei lá. Como devo chamar? Minhas crenças trancedentais? Não?

Acredito um pouco em Deus. Sou agnóstico. É bom ser agnóstico. Agnóstico é o ateu covarde. Vive como ateu mas se um dia encontrar Deus, poderá dizer: "Bem, eu nunca disse que não acreditava em você..."

Não acredito em astrologia nem em superstição nenhuma. Astrologia é o mais engraçado. Se Plutão rege o signo de Escorpião, sei lá, significa que os escorpianos não poderiam rezar para nenhum planeta antes de 1930, quando foi descoberto o planeta? Espero que meu filho adjude a descobrir a cura para a burrice, um dia.

Uma das coisas que jamais acreditei tive que "desconfiar" que eu estava errado e isto começou na primavera de 1995, numa viagem que fiz com minha família à casa de praia de um amigo que fazia lá um churrasco. Passaríamos só o final de semana. Eu tinha aula e consultas na segunda. Minha mulher não tinha compromisso pois é uma artista plástica. Tinha uma escultura para terminar mas não tinha prazo.

Se o leitor quiser que eu dê uma de Edgard Allan Poe, vamos lá. "O que me impressionava era a figura de Ligeia", escreveu o homem dos mistérios. Mas a figura de Raquel nunca me impressionou tanto. Era uma pessoa de beleza comum. Quando eu a conheci, algo nela despertou minha atenção mas eu não podia decifrar o que era. Não era paixão, nem tesão, nada destes sentimentos testiculares. Eu senti uma tentação por Raquel, como se eu estivesse hipnotizado por ela.

Quantas vezes cruzamos com pessoas bonitas na rua, em restaurantes, mas dificilmente sentimos a necessidade visceral de entrar em contato com a pessoa, saber quem ela é e apresentarmos-nos. Não foi o que aconteceu naquela lanchonete. Falar com aquela moça para mim era tão necessário quanto anestésiar um paciente com o joelho quebrado.

Foi na lanchonete Suco de Ouro, lá no meio do HC. Hoje há outra lanchonete no lugar, Maria Lanches. Suco de Ouro era bem frequentada, pois fazia uns sucos muito bons. Eu

gostava da vitamina completa e pedi uma. Coloquei minha maleta no balcão e tirei uma revista de medicina americana, não lembro qual era.

Naquele momento meus olhos foram fisgados por uma criatura do sexo feminino que tomava um suco de laranja. Ela já estava me olhando.

Por alguns segundos, não tive reação. Era setembro ou outubro de 1975. Eu tinha 34 anos. Achava que minha vida estava estabilizada e nada mais aconteceria. Médico e professor, casa própria, consultório próprio, sítio, casa na praia, dois carros, um namoro regular que talvez se transformasse em casamento. De domingo a domingo minha vida era igual. Até aquele momento.

A moça tinha os cabelos um pouco desalinhados. Não usava um fio de sobrelhaça como minhas alunas, pacientes e minha irmã Jaqueline. Mas ela usava uma blusa psicodélica, espalhafatosa, como era comum nos EUA nos anos 60 e no Brasil nos anos 70.

Eu não pude tirar os olhos de seus olhos. Tampouco ela. Não me olhava com jeito sedutor ou sorria. Estava séria. Parecia estar lendo meu cérebro. Estaria?

Chegou meu suco. Sem deter-me, levei o suco para o outro lado do balcão, onde ela estava sentada. Ela continuou me olhando. Apresentei-me. Felizmente, como temi, ela não disse "Eu sei". Respondeu que era um prazer conhecer-me e disse seu nome: Raquel. Era médica? Não, artista plástica. Tive vontade de perguntar "E qual sua profissão?" mas respeitei-a. Paciente? Também não. Estava passando e entrou para tomar um suco.

Desde que conhecera Sandra eu não tinha paquerado nenhuma moça. Era fiel a Sandra. E também tinha sido fiel a minhas outras namoradas. Sou um homem fiel. Não acho que o homem deva imitar seus macacos ancestrais e ser polígamo. Mas acho que a monogamia não é uma virtude humana.

Conversamos sobre artes plásticas e medicina. Achei curioso como ela conhecia tudo que eu falava, além de ter conhecimentos artísticos de mestres, claro. Ela me disse que lia muito, sobre todos os assuntos. Estava mais do que na hora de eu ir. Precisava ir ao meu consultório e já estava atrasado. Mas eu não queria ir, não mesmo. Arrisquei e convidei-a para jantar, naquela mesma noite, às 10 horas. Minha última aula seria às 8. Eu iria para casa, tomaria um banho e a encontraria. Perguntei onde ela morava e ela disse que me encontraria ali mesmo na lanchonete. Estava combinado.

Não fui nem um pouco profissional naquela tarde e noite. Atendi meus pacientes com desleixo, as aulas foram uma merda. Olhava o relógio de um em um minuto e cheguei à lanchonete apavorado vinte minutos antes. Olhei para fora, detido à porta. Nada de Raquel. Quando virei para dentro, ela estava lá, no mesmo lugar, com o mesmo suco de laranja. Teria passado 8 horas me esperando? Respondeu que não, mas hoje não acredito. Acho que me esperou. Uma coisa sei bem: foi a única vez em que eu vi Raquel com um copo de suco de laranja. Acho que naquele dia ela nem bebeu. Raquel odiava frutas, verduras, legumes, cereais. Seu negócio era carne. De preferência crua, como sashimi ou carpaccio. Em churrascos, ela nunca deixava a carne estar ao ponto, pedindo mal passada. Era assim também em restaurantes. Só tocava na carne mal passada, deixando de lado o acompanhamento. Bebia água, em profusão, mas jamais clorada. Só tomava água natural ou mineral. E tomava quase um litro por vez.

Mal jantei, levei Raquel para minha casa e transamos loucamente por horas.

Pedi para ela ficar em casa, pela manhã. Eu não queria que ela fosse, com medo de que desaparecesse. Fiquei feliz por não ter encontrado Sandra naquele dia. Eu tinha compromisso com ela à noite, mas quem disse que eu iria? Nem avisaria que não iria, Sandra nem tinha passado por minha cabeça.

Voltei para casa à tarde e pedi para minha secretária desmarcar todos os pacientes. À noite fui à faculdade e foi outra porquice de aula. Na quinta-feira, quando cheguei no HC, tinha um recado para mim. Sandra. Ligar. Liguei porra nenhuma.

Naquele dia, consegui concentrar-me mais no trabalho e não desmarquei as consultas. À noite, mais sexo.

Na sexta-feira, Sandra me encontrou na porta do prédio do PS. Estava com aquela sua cara de médica legista e disse "Boa tarde". "Quero te dizer algo", respondi. "Acha necessário?", perguntou-me. "Você acha necessário?", repliquei-lhe. "Não", respondeu. "Então está bem, até logo", encerrei com um meio sorriso. "Boa sorte", disse Sandra. E foi assim que terminamos um namoro mediano de 3 anos, com 19 palavras. Acho que foi a única vez na história da humanidade que um namoro terminou com as frases "Até logo" e "Boa sorte". Um ano depois Sandra se casou com um professor de pediatria neonatal. Tiveram um filho que também é médico. Médicos gostam de casar com médicos e ter filhos médicos. As famílias são quase como sindicatos.

Raquel nunca mais foi embora de casa. Às vezes, ela desaparecia por um dia mas voltava trazendo materiais de pintura e escultura. Convidei-a para morar definitivamente em minha casa e ela aceitou imediatamente.

Montou seu ateliê num quartinho no fundo da casa que construí. Depois demoli e fiz um maior. Artistas plásticos gostam de grandes espaços.

Não sei o que era mais estranho. O comportamento de Raquel ou suas esculturas e pinturas. Vamos à arte. Eu nunca pude decifrar seus quadros e esculturas. Ela usava todas as cores e formas, não seguia um padrão artístico. Eu só sabia que era algo abstrato. Quando eu chegava em casa, ela tinha se desfeito de vários. Dizia tê-los vendido em galerias, clientes fixos, entregues a leilões. Me entregava o dinheiro. Sempre dinheiro. Jamais cheque. "Não aceito cheques". Esperta. Suas obras eram baratas. Não sei exatamente quanto valeriam hoje suas primeiras obras, mas acho que seria algo em torno de R\$ 100,00 cada uma. Como ela fazia muitas obras entre pinturas e esculturas, toda semana tinha em casa uma quantia de dinheiro considerável, quase ela ganhava mais do que eu. Às vezes ganhava.

O comportamento. Além da carne crua e litros d'água, Raquel não dormia. Trabalhava ostensivamente mas sempre me dava atenção quando eu estava por perto. Era incansável. A casa estava sempre arrumada e a comida pronta. Eu não a via indo ao banheiro regularmente, como fazem as mulheres. Tinha absorventes, mas nunca percebia quando ela os trocava. Ficava três dias por mês sem transar comigo, pois dizia que estava menstruada. Sempre os mesmos dias, entre 20 e 22. A mulher mais regular do mundo.

Certa noite eu acordei e fui ao ateliê em silêncio. Queria observá-la trabalhar sem a minha presença. Olhei pelo buraco da fechadura. Assustei-me. Pintava com um ritmo frenético como se fosse um daqueles filmes antigos rodando rápido. Ela parou e me

olhou. Veio à porta e a abriu. Mas não me repreendeu. Sorriu e disse amenidades. Era sempre assim. Nunca tinha queixas, sempre sorrindo, atenciosa. Amélia.

A rotina artes/sexo durou um ano até que ela me perguntou se eu gostaria de ter um filho. Respondi que sim. No dia seguinte, disse que estava grávida. Como assim, em 24 horas tinha ficado grávida? Ela me disse que era seu período fértil e tinha certeza que estava grávida. Muito estranho. Durante um ano transamos sem que ela tenha se precavido com gravidez, agora aparecia grávida da noite para o dia.

Fiz um teste de fertilidade. Normal. Eu sempre pude ter filhos. Talvez ela usasse algum espermicida poderoso ou tivesse feito aborto. Ela negou as duas coisas. E por que sempre que ela entrava no banheiro para fazer sua higiene, trancava a porta? Casais vão ao banheiro juntos. Um caga e outro toma banho, assim como faziam meus pais, mas Raquel jamais permitiu que eu entrasse no banheiro enquanto ela lá estivesse fazendo qualquer coisa, mesmo tomando banho. Nem durante a gravidez, o que me preocupava. Mas nada aconteceu. Também não entrava no banheiro quando eu estava lá. Uma vez eu a puxei para tomar banho comigo mas ela pareceu não gostar muito. Nunca mais o fiz. Quando ela estava grávida de Gabriel tive coragem de dizer a ela que cobrava muito barato por seus quadros e esculturas. Na semana seguinte, ela estava vendendo seus quadros pelo décuplo do valor. Assim, como num passe de mágica, suas obras tinham se supervalorizado em 1.000%.

Comecei a achar que algo estava errado.

A sua estranha patologia e metabolismo me preocupavam como médico. Mas Raquel jamais foi ao médico. Nunca precisou nem sequer de mim para nada. Nunca teve uma dor de cabeça. Que nome eu daria para ela? Sua ausência de doenças seria uma doença? Tentei obrigá-la a fazer pré-natal mas ela se recusou terminantemente. Foi a única vez em que a vi aborrecida. Isto não foi nada.

Quando ela completou nove meses de gravidez, disse que iria pedir para minha mãe ou irmã ficar em casa para ajudá-la. Por um segundo pareceu contrariada mas logo abriu aquele eterno sorriso hieroglífico e disse: "Tudo bem".

Uma noite, cheguei em casa e ela estava com meu filho nos braços. Teve o filho em casa enquanto minha mãe, também enlouquecida, estava dormindo. "Você não pode acreditar, meu filho", dizia, "caí num sono tão pesado no sofá da sala e quando acordei meu netinho tinha nascido".

Meus quatro filhos nasceram da mesma forma. Em casa, sem ninguém por perto.

O intervalo entre o nascimento de meu terceiro e quarto filhos, 7 anos, foi o momento em que eu mais a vigiei, espionei, tentei descobrir algo sobre sua misteriosa vida. Não consegui nada. Raquel não tinha família, amigos, nada. Eu nunca soube onde tinha estudado. Ela disse que tinha nascido em São Paulo e estudado num colégio que jamais achei.

Depois que nasceu Mitsvan, ela passou a se comportar como ser humano normal. Mas eu achava estranho. Não parecia ser um comportamento natural. Fazia coisas que não tinham muito a haver com ela, como assistir novela ou pintar as unhas.

Em 1990, quinze anos depois de casarmos-nos, tive coragem para ter uma conversa muito séria com ela. Uma conversa que jamais um ser humano teve com outro. Talvez. Não aguentava mais minha vida parecer o "Além da Imaginação".

Aproveitei que Mitsvan, então com três anos, estava dormindo e trouxe Raquel para a sala.

- Raquel, eu não sei como começar a te dizer isto. Eu só quero dizer porque eu te amo muito ainda, apesar de estarmos juntos há 15 anos. Eu sinto por você a mesma coisa que senti quando te conheci. Além do amor, você me provoca um outro sentimento que não sei qual é. Uma mistura de atração com medo, como se eu fosse pular de pára-quadras. Acontecesse o seguinte. Você é realmente muito estranha. Você não dorme, não se cansa, vai ao banheiro com a porta trancada, vende seus quadros para alguém que nunca vi, nem nunca vi seus quadros em lugar nenhum, nem nenhum artista que conheci ouviu falar de seu nome, nem nada disto. Responda rápido: qual o quadrado de 1995?

Imediatamente ela disse:

- 3.980.025.

- Está vendo? Nenhum ser humano faria uma conta destas nesta velocidade.

- Está querendo me dizer que não sou humana? - e riu.

- Não, não é isto. Olho pra você e vejo que é humana. Eu sou médico. Reconheço um humano quando vejo um .

- E qual é sua preocupação?

- Não sei, não sei...

- Meu amor, eu sempre soube que você me achava esquisita. Mas não sou a única no mundo. Por que você não lê o livro "Os Não-Pathológicos", de Alfred Robert? Não existe em português, só francês. Você lê em francês, não? Lá vai encontrar muitos casos iguais aos meus.

Está vendo? Até livros de medicina ela conhecia. E livros que nem mesmo eu, doutor em medicina, conhecia. Encomendei o livro e o li. Havia casos com os dela, pessoas incansáveis, que não comiam direito, não ficavam doentes. O autor, médico da Sorbonne, achava que era algum hormônio especial a ser decifrado ou combinação de hormônios. Fiquei aliviado. Um pouco. Depois que li o livro, pensei: "Graças a Deus, minha mulher não é alienígena". Só faltava decifrar o mistério dos quadros, mas eu não estava mais tão preocupado.

Até aquele fatídico, como diram os ficcionistas, final de semana em Bertioxa. Amigo, te juro que eu jamais gostaria de ter sabido a verdade sobre Raquel.

Meus filhos mais velhos não quiseram ir. Gabriel queria estudar. Lúcia tinha uma festa no sábado. Guilherme iria num show de rock. Só levamos Mitsvan, que estava com 8 anos.

Saímos às 6 da manhã do sábado em minha van Toyota. Van Toyota... o que interessa a marca de meu carro?

Mitsvan não tinha sono. Muito menos sua mãe. A pequena ouvia um walkman e a mãe olhava a paisagem da Serra do Mar. Tive vontade de perguntar a elas se poderiam identificar todas as árvores mas como eu sabia que elas responderiam, nada falei. O que eu poderia conversar com minha mulher? Nada para ela era novidade. Não se surpreendia com nada. Mas como ela estava tentando parecer normal, puxou assunto. Perguntou se eu estava cansado e queria que ela dirigisse. Respondi que não. Melhor continuar dirigindo velozmente para que minha atenção se voltasse para a estrada e o trânsito.

Chegamos rápido em Bertiooga. Segui o mapa de meu amigo e achei a casa dele, perto da praia. Raquel olhava fixamente para a praia, com aquela mesma cara que fez quando me conheceu. Estava lendo os pensamentos da praia? Nas outras vezes em que fomos ao litoral ela teria feito a mesma cara, sem que eu percebesse?

Churrasco. Mesma coisa de sempre. Carne semi-crua e litros d'água. Meus amigos já conheciam a esquisitice de Raquel e não ligavam mais. Felizmente Mitsvan comia outras comidas mas também era carnívora, embora preferisse ao ponto.

À tarde, fomos à praia. Apesar de seus 40 anos, Raquel estava ainda maravilhosa. As mulheres de meus amigos devem tê-la invejado. Perguntaram qual o segredo de sua silheta e ela disse que não tinha segredo nenhum. Diferente do marido esportista que se alimentava saudavelmente.

À noite, tive vontade de transar com ela mas minha filha estava no mesmo quarto, numa caminha de solteiro. Raquel disse então que iria passear na praia e logo voltaria. Falei que tudo bem e iria dormir. Grande ilusão achar que Raquel se deitaria comigo para dormir. Nunca tinha feito isto.

Foi impossível pegar no sono. O que Raquel estaria fazendo na praia? Levantei-me e saí de casa. Fui à praia e não a vi imediatamente. Avistei ao longe uma movimentação.

Algumas pessoas andando, fazendo sei lá o quê. Estava difícil de enxergar. Escondi-me atrás de uns arbustos e observei-os. Eram 5 ou 6 pessoas. Muito estranho. Levíssimos, como se flutuassem. Corriam à água, voltavam, sentavam, depois corriam novamente. Pareciam fadas gigantes, sem asas nem vestido cor de rosa nem varinha mágica. Eram escuros, mas estavam escuros por culpa da ausência de luz. O céu estava nublado. Nem estrelas nem lua. Eu só os divisava mas não podia definir suas formas.

O processo durou alguns minutos. Ou uma hora, sei lá. Não sei quanto tempo fiquei ali. Então eles se juntaram e um a um entraram numa espécie de saco. Eu nunca tinha visto nada semelhante em minha vida. O último que entrou levantou o saco até o alto de sua cabeça. Como aquelas cinco pessoas poderiam caber ali e porque estavam ali? A pessoa colocou suas mãos em duas extremidades do saco e depois cobriu sua cabeça.

Foi então que percebi que não era um saco, mas uma espécie de macacão. E todos tinham, pelo menos aparentemente, talvez meus olhos tivessem me enganado, entrado neste mesmo macacão. Mas ali não parecia que havia seis pessoas ao mesmo tempo, apenas uma. E este macacão era de um tecido muito fino, pois agora eu percebia a nítida forma de uma mulher com seios pontudos, belos, como os de Raquel. E que aliás, estaria onde?

A mulher vestiu um calçãozinho e uma camiseta. E andou. Na direção da casa de meu amigo. Fui atrás. Não poderia ser Raquel. Eu deveria ter certeza. Quando cheguei perto, vi que era Raquel. E não entendi nada. Será que eu tinha caído, batido a cabeça, desmiado e delirado?

Chamei por seu nome. Ela se virou, assustadíssima. Depois, sorriu. Como sempre.

- Oi, amor. - respondeu, como se nada tivesse acontecido.

- Eu vi. Você não é apenas uma pessoa. Têm seis pessoas dentro de você.

Falei aquilo só para ver sua reação. A reação: ficou me olhando com cara de quem estava lendo o cérebro de um humano. Empurrei-a.

- Pare de ler meu cérebro! - falei. E corri para casa. Queria ficar perto de Mitsvan.

Como pai, eu sabia que Mitsvan e todos os meus filhos eram humanos. Não tinham o comportamento igual ao de sua mãe.

Raquel entrou no quarto e fechou a porta. Falou baixinho:

- Não se assuste, Emerson. Eu não deveria te contar agora, mas devo fazê-lo. Venha comigo.

Ela me levou à praia. Eu estava de braços cruzados. Falei:

- Quem é você?

- Não posso dizer.

- Você é humana?

- Em parte.

- Você na verdade são seis?

- Sim.

- De onde você veio? Vieram?

- Não posso dizer.

- Por que eu?

- Por acaso. Você estava no lugar certo na hora certa.

- Obrigado...

- Não se menospreze. Você cumpriu bem o seu papel.

- Então eu estive a serviço de seu povo?

- Não posso detalhar sobre isto, mas basicamente sim.

- Pelo menos vocês são do sexo feminino?

- Não temos sexo.

Emocionante. Vivi 20 anos com um ser assexuado.

- Mas nós fizemos exatamente o que você gosta.

- Espere, espere. Meu raciocínio terráqueo é diferente do de vocês. O amor não é algo mecânico e material como vocês pensam.

- Não pensamos assim. Nós não sentimos amor. Há algo em nosso mundo, em nosso ser, que você chamaria de sentimento, que está além do amor. Você não poderia entender.

- Claro que não, extraterrestres são sempre mais inteligentes que os humanos.

- Não fale assim, Emerson. Você tem o seu valor. Por que acha que estamos aqui?

- Sei lá, devem ter destruído seu planeta. Todos os povos inteligentes destróem seu planeta.

- Nem todos. Os humanos não vão destruir o seu.

- Como sabe? Você também veio do futuro?

- Não. É que os humanos são o povo com menos de 1 bilhão de anos, de acordo com sua contagem, mais avançados de Frorszardreptz.

- O que disse?

- Desculpe-nos. É o nome desta região do Universo.

- Que honra fazer parte do povo com menos de 1 bilhão de anos mais avançados de Frorz Não Sei o Quê. E por isso não destruiremos o planeta?

- Não exatamente. É que além disso, vocês não possuem o Zorsvres.

- Ah, agora entendi. Por que não falou antes? Então, porque somos o povo com menos de 1 bilhão de anos mais avançado desta região do Universo e não possuímos o tal

"Zorvres", vocês escolheram a Terra? Ei, os marcianos possuíam o "Zorvres" e por isso foram destruídos?

- Não foram destruídos, mudaram de planeta. Todos os povos de que você chama de Sistema Solar são o mesmo.

- Ah, que pergunta besta a minha, desculpe. Aliás, não quero nem saber qual o nome que vocês dão para o Sistema Solar. Mas respondam, por que estão aqui, por que vive, aliás vocês vivem na minha casa há vinte anos? Eu era dono de um pensionato intergaláctico e não sabia?

- Além de nós e você, quem mais vive em sua casa?

- Nossos filhos? É este seu objetivo? Reproduzirem-se com os humanos e criar uma colônia aqui? Ou sei lá, não posso entender mais nada. Acho que isto é um pesadelo. Vou sentar aqui e esperar acordar.

- Não é um pesadelo, nem um sonho, Emerson. Você é um homem inteligente e quando faz perguntas, acaba dando respostas.

- Me responda: meus filhos são realmente meus filhos?

- Isto não poderia saber agora. Mas vamos contar. Apenas Mitsvan é nossa filha.

- E quanto aos outros?

- Roubamos em hospitais.

- Oh, não, meu Deus, não pode ser...

- Em algum momento você sentiu que não eram seus filhos?

Não respondi. mas eles estavam certos. Eu sempre os senti como meus filhos e eram de fato. Eu os criei desde que nasceram. Mas a idéia de que eu tinha em casa crianças roubadas em hospitais era e é angustiante. Tenho pena dos verdadeiros pais.

- Por que só Mitsvan é nossa filha?

- Porque foi só com Mitsvan que pudemos desenvolver um metabolismo semelhante ao humano. Antes estávamos em desenvolvimento. É difícil imitar o corpo humano porque o corpo de vocês é muito simples.

- Pare de humilhar, por favor.

Levantei da areia e voltei para cama. Não dormir. Minha cabeça estava tentando processar milhões ou bilhões de informações novas e estranhas. Eu nunca acreditei em extraterrestres e continuo não acreditando nos ets da tv, tipo "Arquivo X". Nem em discos voadores que com certeza são máquinas da própria terra. Nem em abduções, nada disto.

Eu tinha mais muitas perguntas a fazer a Raquel, mas não tinha coragem de saber novas revelações. Só tive medo de enlouquecer, caso já não estivesse louco. Até hoje não tenho certeza disto. Será que fiquei tão impressionado com Raquel que tive a fantasia de que era uma extraterrestre?

Eu fiquei decepcionado e irado, naquele mês. Vinte anos quase perdidos. Não foram perdidos por culpa de nossos filhos. Mesmo que três deles não fossem meus. Mas eu os criei como meus. E tinha Mitsvan, minha filha legítima. Mas eu não queria mais viver com os ets. Mesmo fazendo parte de uma missão cósmica que talvez interrompida poderia causar a destruição de todo o Universo, tomei coragem e disse para Raquel que eu queria que ela fosse embora.

- Sinto muito, Raquel. Talvez eu seja o único humano que possua o Zorsvrez.

- Não podemos entender os humanos, às vezes. Mas temos ordens para respeitá-los.
- Só peço que deixem Mitsvan. Ela não tem nada a haver com esta maluquice.
- Está bem. Não poderemos levá-la.

Bolamos um plano. Inventamos a sua morte. Eles deixaram o corpo de Raquel para que eu a enterrasse como morta. Disse para as crianças que Raquel nunca tinha ido ao hospital porque tinha uma doença muito grave e não queria se tratar. Eles choraram muito.

Não vi o momento em que partiram e continuei sem saber quem ou o quê eles eram e de onde vieram e qual seu objetivo. Receei, como disse, ter interrompido um processo vital para a sobrevivência deles.

Nunca mais tive mulher. Humana eu já não tinha há muito tempo. Acho que estou velho para isto. Talvez um dia eu volte a me interessar. Eu envelheci além da conta depois da experiência. Hoje, só meu trabalho me contenta, mas não tenho a empolgação de antes. Tudo é só rotina. Uma rotina um tanto apazível.

Tem dias em que saio às ruas e olho para as pessoas. Quantas seriam realmente humanas? E outros dias olho no espelho e penso: minha mente é sã? Tudo que vivi foi realmente verdade? Quem poderá dizer? Talvez Mistvan um dia me responda. Ela continua tirando nota 10 em todas as provas e as faz em poucos minutos.

#### 14 – ESTAÇÃO ATLÂNTICA, AQUI É BASE GALANA, RESPONDA...

Será que um dia voltarão? Ou desapareceram para sempre?

No fundo, Jurjensen achava bom que todos os humanos tivessem mesmo desaparecido. Só tinha sobrado a nata da sociedade mundial. Ainda bem que não eram todos homens. 60% dos cosmonautas eram mulheres. 1,2 mulher para cada homem. A aritmética era meio louca, mas boa. Havia, enfim, mais mulheres que homens. Ainda Jurjensen não tinha feito as contas de quantas comprometidas tinha lá em órbita. Ou quantas lésbicas. É que ainda fazia um relatório definitivo sobre a expedição a Terra que acabava de concluir. Incrível, não? Ainda no século 21 os humanos já estavam fazendo uma expedição a Terra.

Mas Jurjensen, como a maioria dos cosmonautas, era terráqueo. Mesmo os nascidos no espaço tinham famílias na Terra e visitavam sempre o planeta. Pensar em família entristecia Jurjensen. Todos estavam mortos. Ele era o único Jurjensen do Sistema Solar, agora.

Na descida a Terra pôde visitar sua casa em Atlanta, onde viveu desde 1 ano de idade, quando seus pais imigraram da Suécia. A casa estava intacta, como toda a Terra. Mas seus pais, seus cachorros e plantas tinham desaparecido. Atlanta, como qualquer parte do mundo, era um deserto.

Mas também não havia mais políticos na Terra. Nem muitas pessoas que objetivavam seu lucro pessoal em detrimento da paz mundial. Agora haveria paz para sempre. Ou não?

Quando a vida acabou na Terra, havia três mil pessoas no espaço. Três mil, cento e duas, pronto. Além dos animais e plantas.

Todos cientistas. Entre astrônomos, geólogos, físicos, químicos, cientistas de toda ordem. Não havia militares, proibidos de ir para o espaço desde 2013.

A maioria habitava e trabalhava nas seis estações orbitais da Terra. Havia gente na Lua, em Marte, nas luas de Marte, em órbita de Marte, em órbita de Vênus, em Vênus e em órbita de Júpiter. Também duas naves tripuladas andavam por Mercúrio e Saturno.

Carl Jurjensen, 23 anos, trabalhava na Estação Narval, da Nasa. Era químico e estava na Nasa desde os 13 anos, quando começou a estagiar. Terminou a faculdade aos 15 anos e foi oficializado aos 16 na agência. Inscreveu-se no ano seguinte para trabalhar na nova, gigantesca e moderníssima Estação Narval e foi aceito. Partiu um dia depois de completar 18 anos. Estava lá desde então. Só vinha para casa uma vez por ano, no verão americano. Ficava em casa dois meses e voltava para o espaço. Ganhou o Nobel de química junto com a equipe em que trabalhava, no setor K da estação, quando criaram uma bateria não-nuclear capaz de funcionar 5 mil anos, extensível para 500 mil anos, quando usada no nível mínimo.

Quem primeiro percebeu que as comunicações com a Terra tinham sido interrompidas foi o computador da Estação Atlântica, mandada ao espaço pelos africanos e sulamericanos, que os próprios chamavam de Estação Terceiro Mundo. O conguese Donaire Mongutu observava o painel do controle estrutural da Estação. Ali ele verificava tudo. Temperaturas, pressões, energia, tudo que passasse pelas paredes da estação. O controle era centralizado num monitor. Uma luzinha começou a piscar, junto com um ruído. Na tela, o aviso: "Sinal interrompido. Localizando sinal." Mongutu não entendeu. Aquilo nunca tinha acontecido. Um satélite sempre cobria o espaço do outro. Não poderiam ter pifado todos ao mesmo tempo.

E mesmo que isso tivesse acontecido, as antenas da Estação seriam voltadas diretamente para a Terra. E tudo isso era feito automaticamente pelo computador. A mensagem continuava lá: "Sinal interrompido. Localizando sinal". Alguém mandou um e-mail para Mongutu reclamando que estava conversando com a mãe e a linha foi cortada. O conguese mandou o rapaz esperar alguns minutos, pois chegariam os sinais de outros satélites. Caso nenhum recurso fosse utilizado, Mongutu entraria em contato com outras estações e perguntaria se eles estavam sem sinal também.

Depois de meia hora, Mongutu disse : "Que bosta, isso parece o '2001'". Em seguida, tentou entrar em contato com todas as bases terrestres e ninguém respondeu. Mesmo que às vezes conseguisse sinal. Ninguém respondia. Como se não tivesse ninguém lá. Mongutu tinha certeza de que seu equipamento não estava com defeito. Pois conseguiu entrar em contato com as outras estações, que relataram o mesmo problema.

Enfim, teve que entrar em contato com o gerente técnico da estação, o venezuelano Miguel Angel. "Ser. Angel, temos um problema..."

Em cerca de uma hora todas as estações já haviam relatado o mesmo problema. As comunicações com a Terra haviam desaparecido. O gerente técnico da Estação China disse que deveriam aguardar algumas horas, sugerindo que uma tempestade solar ou outro fenômeno cósmico poderia ter interrompido as transmissões.

Continuaram pesquisando os sistemas. Nem Mercúrio nem Saturno, ninguém no espaço conseguiu falar com a Terra. Três dias se passaram. Nem os cientistas nem os computadores descobriram o motivo da ausência de sinais vindos da Terra.

Algo intrigante vinha dos satélites de observação meteorológica e ambiental. Segundo eles, todas as florestas tinham desaparecido. A Terra estava completamente desértica. O satélite da indústria pesqueira igualmente não conseguia localizar nenhum cardume. Em muitas daquelas pessoas que viviam no espaço, uma sensação ruim e dolorido no peito tinha surgido. Algo terrível parecia ter acontecido na Terra.

Viraram os telescópios na direção da própria Terra. Não podiam ver as cidades, tudo estava coberto por uma densa névoa. Sim, alguma coisa tinha acontecido ali. Mas o que poderia ter sido? Não ouviram explosões, não viram nenhum asteróide cair na Terra. Seria alguma espécie de corpo celeste invisível o exterminador da vida terrestre? Invisível e silencioso.

Os seis gerentes gerais das estações reuniram-se na Estação Narval. Decidiram mandar expedições a Terra. Cada estação mandaria naves para seus continentes de origens. Carl Jurjensen fazia parte da equipe da Nasa, que deceria a Terra junto com a da estação San Lucas, da América Central, Canadá e EUA. Cinquenta homens entraram na nave salva-vidas, adaptada agora para nave de pesquisa. O comando da operação ficaria a cargo do coordenador científico da San Lucas, o cubano Francisco Peres. Jurjensen estava encarregado de analisar a névoa ou o que mais ele achasse que precisaria ser analisado.

Usariam roupas de astronautas.

Em 52 minutos, chegaram à base espacial de Houston. Nem encostaram no chão, já tinham percebido que não havia ninguém na base.

Não preciso dizer qual foi a sensação daqueles homens quando viram a ausência de humanos na Terra. Os dias se passaram e ninguém teve coragem de retirar as roupas de astronauta. Jurjensen disse que a nuvem era vapor d'água. Mesmo assim ninguém queria arriscar. Nem mesmo ele. Poderia ser algo incomensurável.

Jurjensen pediu permissão para ir à sua casa em Atlanta. Pegou um jeep porque não sabia pilotar aviões. Encheu o tanque e foi a Geórgia.

Até então achava tudo engraçado. Mas quando chegou à sua cidade sentiu-se mal. Tudo totalmente deserto. Sem pessoas, animais nem vegetação. Não conseguia formular nenhuma teoria sobre o desaparecimento sem vestígios da vida na Terra.

Entrou na sua rua e viu sua casa. Desligou o jeep, desceu e entrou em casa.

A porta estava aberta. Andou pela sala de estar e foi aos quartos. Foi à cozinha. Tudo em ordem. Observou uma bacia com milho branco dentro d'água. Sua mãe iria preparar aquele doce de milho branco gelado que se comia após ser polvilhado com canela. Não suportou a tristeza e saudade e chorou.

A equipe continuou mais uns dias na Terra. Cada cientista fez todas as análises com precisão e levaram de volta às estações os seus dados.

Jurjensen fez um relatório de 48 páginas mas sabia que era inconclusivo. Não tinha nenhuma teoria sobre o desaparecimento dos seres vivos na Terra. As outras equipes fizeram avaliações semelhantes.

O que se sabia no momento era que o comando da Terra estava no espaço. Deveriam voltar a Terra? Continuar no espaço? E se a destruição atingisse o espaço também? Seria provável. Elaboraram um plano para afastar as Estações da Terra. Colocaram-nas a um milhão mil quilômetros de altura, talvez fosse um local seguro.

Mandaram plantas e animais para a Terra e os soltaram lá. Não morreram. Respiravam o ar normalmente. Trouxeram de volta às estações e os analisaram. Estavam saudáveis. Continuaram fazendo pesquisas e testes durante meses. Os astronautas até já andavam sem roupas espaciais e respiravam a atmosfera terrestre. O vapor d'água tinha se dissipado, bem como os antigos poluentes. Sementes e mudas estavam sendo plantadas em vários locais ao redor do mundo, bem como os animais estavam sendo reproduzidos. "Estamos fazendo na própria Terra aquilo que gostaríamos de fazer em outros planetas do Universo", diziam os humanos. O último passo agora seria tentar reproduzirem-se. A maioria das mulheres estavam grávidas. O próprio Jurjensen tinha esposa agora e ela também ficou logo grávida. Métodos anticoncepcionais foram esquecidos. A ordem era "crescei e multiplicai-vos". Mas ainda restava a dúvida: os humanos deveriam voltar a viver na Terra? Que garantia tinham de que a vida não seria exterminada outra vez? "Vamos deixar o interesse pessoal de lado, mesmo que este interesse seja o de sobreviver", diziam também. Pessoas voltaram a viver na Terra. Voluntários corajosos. Mas eles viviam apreensivos, o que era natural. Pelo acordo que fizeram, após 10 anos voltariam ao espaço e novos voluntários iriam para a Terra tentar a sorte. Cinquenta anos se passaram e a Terra era um bom lugar para viver. Não havia fome nem miséria. Felizmente ali também não havia líderes religiosos para dizer que a Terra estava vivendo um pós-apocalipse e tornara-se um paraíso. Trezentos anos se passaram. Todo o sistema solar estava habitado pelos humanos. Todos os planetas e satélites. Uma expedição colonizadora estava no caminho de Próxima Centauri. O segundo passo da colonização humana. Os berçários da super-nave cuidavam da 22ª geração da Super Solar (o nome da nave de 10 km de extensão. E não seriam eles que colonizariam Alfa Centauri. Nem seus tartaranetos. Super Solar era como uma nova civilização com uma missão para um futuro longínquo. A nave era como uma mini Terra, com tudo o que tinha no planeta de origem dos humanos. O controle da nave era totalmente automatizado. A nave tinha cérebro e comando próprios. Seguia fielmente sua instrução: navegar para Próxima Centauri. A cada Tempo Espacial, que equivalia a um ano terrestre, Super Solar enviava e recebia mensagens da Terra e do Sistema Solar. O cérebro da nave não entendeu porque uma mensagem estava sendo captada. Em poucos segundos, conseguiu decifrá-la. Era um inglês antigo, falado pelos cosmonautas trezentos anos antes: "Estação Atlântica, aqui é Base Galana, responda... Estação Atlântica, aqui é Base Galana, responda... "

## 15 – ISTIMIRANT STELLA

Estação Lunar Neil Armstrong, 2028 AT (Ano Terrestre) ou 59 AL (Ano Lunar).

O COCE, Centro de Observação de Corpos Espaciais, patrocinado pela AIIB, Associação Internacional da Indústria Bélica, ocupava a ala sudoeste da estação.

Os dois casais que cuidavam do COCE, funcionários da AIIB não eram muito queridos pelos outros pesquisadores e funcionários da estação. A maioria era formada por médicos, biólogos, físicos, químicos, geólogos. Trabalhavam para fundações e universidades, mas o Consórcio Espacial Internacional havia permitido que a estação fosse utilizada para pesquisas privadas.

Além do pessoal da AIIB, havia também pesquisadores da AIIF (Associação Internacional da Indústria Farmacêutica) e cientistas da SL Computers, a maior empresa de computadores da Terra, fornecedora de todo o sistema utilizado pela Estação Neil Armstrong, em troca daquela sala onde quatro casais desenvolviam novos programas e equipamentos.

Mesmo assim, o pessoal da AIIF e da SL eram tratados com mais cortesia, pois criavam coisas em benefício da humanidade.

Os trabalhadores da AIIB também utilizavam este argumento. Estavam ali vigiando o espaço para que nenhum meteoro, asteróide ou cometa destruísse a Terra.

- Nenhum corpo espacial se chocará com a Terra nos próximos 257 anos. Em 2285, asteróide ZOHYER 455, de 350 km de diâmetro deverá cair sobre a cidade de Copenhague, na Dinamarca, a não ser que instalemos nele quatro ou mais foguetes que desviam sua trajetória.

A coordenadora da estação, Julia Al-Din Rafsanjani, iraniana de 42 anos, era a principal crítica do COCE. Física formada por Oxford, fora uma das projetistas da estação e indicada para sua coordenação por seu antecessor, Will Eisner, quando este completou sua missão de 10 anos no espaço e voltou a Terra. (A OMS – Organização Mundial de Saúde, da ONU, não permitiu a permanência de pessoas no espaço até 2025, quando o tempo passou a ser de 15 anos. Em 2050, os humanos poderiam ficar 20 anos, quando deverá nascer a primeira criança no espaço, provavelmente na Lua. Será o último animal terrestre a nascer fora da Terra, depois dos insetos, répteis, aves, peixes e mamíferos).

Julia Al-Din e Michael Douglas, do COCE, travaram debates sobre o tema, até que o Consórcio proibiu a discussão sob pena de mandarem de volta a Terra os dois cientistas.

O Consórcio até concordava com Julia Al-Din. Mas a AIIB era um dos membros mais importantes do Consórcio. Davam mais dinheiro que muitos países da Terra. Melhor deixar o COCE trabalhar e manter o cartaz que Michael Douglas grudou na porta do COCE: “A ameaça é imprevisível”.

Além da Estação Lunar Neil Armstrong, o Consórcio havia construído a Estação Orbital da Terra, em 2012. Em 2014 foi inaugurada a Neil Armstrong. Em 2018, a Estação Marte, em órbita do planeta vermelho. Em 2021, a Estação Orbital de Vênus. Em 2025 e 2026, as Estações de Fobos e Deimos, respectivamente.

Em 2028, estavam em construção as Estações Interiores de Vênus e Marte e as estações orbitais de Júpiter e Mercúrio e a Estação Orbital do Sol.

Em projeto, as Estações Interiores de Júpiter, Mercúrio, dos 16 satélites de Júpiter, de Saturno e seus 17 satélites, Urano, Netuno, Plutão e seu filho Caronte. E havia os projetos que eram quase sonhos. O delirante era o da nave feita de hidrogênio que atravessaria o Sol. Seu tripulante também seria transformado em hidrogênio para entrar na estrela. E quem sabe, um dia, construiríamos uma espaçonave tripulada capaz de atravessar o núcleo do Sol? O ser humano tem necessidade de vivenciar o Universo, não apenas vê-lo.

Outra fantasia era mandar uma nave na direção de Próxima Centauri, que à velocidade da luz, chegaria lá em 4 anos. Um dia atravessaremos a galáxia. Na direção do núcleo, a viagem duraria 70 mil anos, sem escalas. Saindo pelo caminho mais próximo, oposto ao núcleo, 21 mil.

Depois disto, as mesmas naves ou outras, iniciarão viagem à galáxia mais “próxima”, Andrômeda, que vai durar 2.300.000 anos.

Ainda viajando à velocidade da luz, o ser humano chegará à periferia do Universo em 33 bilhões de anos.

É por isso que na Estação Lunar Neil Armstrong há um laboratório de pesquisa da luz, onde alguns casais com o apoio de um supercomputador criado pela SL, tentavam acelerar os fótons que formavam a luz e as ondas de rádio. Se não conseguisse, pelo menos saberíamos que a sonda Odlanyr Yopap, batizada em homenagem ao primeiro teórico da velocidade sobre-luminosa, enviada em direção ao um ponto vazio do espaço, a 1 milhão de km/h, atravessará o Universo visível, daqui há 1 sextilhão de anos.

Tudo isto levando em consideração a tecnologia atual. Mas Julia Al-Din e muito outros físicos, como o velho Yopap, acreditavam existir micro-fótons (partículas menores girando dentro do fótons, cem mil vezes mais rápido que a luz). Quando a matéria e a anti-matéria se chocam, há uma explosão. Se um micro-fóton e um anti-micro-fóton se chocassem, causariam também uma espécie de explosão. Assim Yopap especulou sobre uma nave que se transformaria em micro-fótons e anti-micro-fótons que ao chocaram-se criariam uma explosão, causando uma supervelocidade capaz de mandar o homem aos confins do Universo em 300 ou 400 anos. Vê-se como nem mesmo a mais alta e improvável tecnologia não encurtaria uma viagem através do Universo durante a vida de um humano, a não ser que o homem aprendesse a viver mais tempo. Claro que numa velocidade da luz e acima da luz, o homem não veria o tempo passando. Mas o tempo passaria na Terra.

Se um pai mandasse o filho ao fim do Universo, teria que viver 800 anos para vê-lo regressar. Mas o filho não teria envelhecido.

E havia outra corrente científica que acreditava ser o tempo um conjunto de blocos coexistentes. A viagem entre a Terra e um planeta distante 800 sextilhões de milênios-luz duraria um segundo, se fôssemos capazes de atravessar de um bloco ao outro.

Antes de tudo isto seria preciso proteger a Terra.

A afirmativa de Julia Al-Din de que a ameaça espacial era previsível baseava-se no monitoramento do Satélite Caronte 2, que girava na órbita do planeta Plutão,

observando o céu. Segundo seu fabricante, a BMD (curiosamente, membro da AIIB), Caronte 2 monitorava com precisão o movimento de todos os corpos celestes visitantes do sistema solar, com a supervisão de astrônomos da Terra, pilotando seus telescópios e astrônomos do Consórcio.

Todos na Terra sabiam que a AIIB mantinha seu observatório lunar para continuar a venda de armamentos capazes de destruir até um asteroide com centenas de quilômetros de extensão. Ecologistas denunciaram a morte de um projetista da BMD que criara um foguete que, instalado a um meteoro, mudaria sua rota, desviando-o da Terra. Depois o foguete voltaria a Terra e seria reutilizado. Um sistema barato e pacífico, elogiado pelas igrejas, pois evitaria a destruição de uma obra de Deus.

Foi o projetista cubano Clovis Basco, que morreu num acidente de avião e a AIIB divulgou um relatório afirmando ser arriscado tentar mudar a rota de um corpo celeste.

E a discussão não terminava.

Para a felicidade da AIIB, um astrônomo da NASA, Michael Douglas, escreveu um artigo para site “nasa”, onde dizia que um meteoro ou asteroide do Sistema Solar poderia mudar sua rota e vir em direção a Terra, como ocorrera em Marte, em 2019, quando um meteoro de 400 metros caiu a 7 quilômetros da base terrestre onde havia doze astronautas japoneses. Na fuga, sua nave por pouco não venceu a nuvem de partículas marcianas.

A AIIB fez o convite. Douglas recusou. Ofereceram US\$ 2 milhões por ano, três vezes mais que o seu salário na Nasa. Aceitou. Levou sua mulher, Anette Douglas, bióloga.

A AIIB pôs um anúncio no site “nytimes” e contratou o físico brasileiro José Steinzberg.

Steinzberg lembra-se do dia em que viajou a Los Angeles, sede da AIIB, com sua mulher, Dra. Renata Steinzberg, patologista. Desceram da limousine em frente ao prédio da AIIB, onde o esperavam o vice-presidente Dan Plank, que o saudou: “Shalom”.

Os dois casais revezavam-se na sala de observação.

Na Lua, as horas e os dias eram contados como na Terra, embora os anos tivessem duas contagens: a terrestre e a própria lunar, a partir da chegada dos primeiros astronautas, em 1969, que passou a ser o ano 1. Havia dois anos-novos: 1 de janeiro e 20 de julho.

Cada casal da Neil Armstrong tinha seu próprio apartamento, bem parecido com apartamentos terrestres, com suas adaptações para a gravidade lunar, equivalente a 1/6 da terrestre. E a comida vinha da cozinha central. Também as roupas vinham da lavanderia central. O resto era igual a Terra: televisão, música, cinema. Não havia esporte pois o esporte necessitaria de gravidade. Mas jogavam no computador e também jogavam xadrez ou pôquer. Exercitavam-se com equipamentos de musculação e bicicletas ergométricas. Os shows e as peças de teatro eram exibidas virtualmente, ao vivo, da Terra. Também ficavam horas conversando com parentes ou amigos ou simplesmente liam livros, navegavam pela internet, com seus 50 bilhões de sites.

Para tomar banho, entravam numa cabine que se enchia de água e depois se esvaziava. A Estação tinha 10 mil litros de água reciclável por mês. Ao final de um mês, o cargueiro Moonlight I ou Moonlight II (vulgo Worewolf) vinham da Terra com novos suprimentos e mais 100.000 litros de água puríssima, além de novos habitantes. Para dormir e transar utilizavam uma cama com lençóis presos.

Também tinham um clube onde divertiam-se, no final de semana. Os djs eram os químicos Jean Reanaut e Mark Fowler.

A cada seis meses visitavam a Terra. Até que seu período se completasse. Dez anos para quem estava no espaço desde antes de 2025 e 15 anos para quem havia chegado a partir desta data.

Havia médicos que trabalhavam exclusivamente para os cientistas e funcionários de Neil Armstrong, monitorando sua saúde ou tratando de eventuais moléstias ou distúrbios.

De tédio ninguém morria em Neil Armstrong. A maioria trabalhava além das 42 horas semanais.

No COCE quem trabalhava eram as mulheres. De segunda a sexta, da 0h até 6h, sentava-se na sala Michael Douglas. Das 6h às 12h, sua mulher Anette. De 12h às 18 h, José Steinzberg. E no último período, Dr. Renata.

Mas como Anette era bióloga, também trabalhava no CPA, Centro de Pesquisas Animais, onde observava o comportamento de mamíferos na Lua. E Dra. Renata trabalhava no Centro Médico, estudando a patologia humana sob condições lunares.

Nos finais de semana revezavam-se em períodos de 12 horas, para que dois folgassem por um dia.

Era uma vida tranquila. Até aquela sexta-feira, 15 de agosto de 59. Dra. Renata estava contente pois iria viajar para a Terra, no dia seguinte, onde passaria 1 semana.

Cada planeta e o Sol tinham monitores próprios. Verificavam a imagem do planeta, captada por um dos vários telescópios espalhados pelo Sistema Solar, assim como ondas de rádio e outras informações, como abalos sísmicos, tempestades, vulcões, etc. Cada planeta tinha seus sensores, enviados durante a década de 2010 a 2020.

Às 23h55m, quando Michael quase estava chegando, os computadores acusaram um estrondo, como um abalo sísmico ou choque de meteoro, na região de Netuno.

Ansiosa com a viagem, Dra. Renata só informou a Michael a ocorrência e foi embora. Falou em inglês porque era o único idioma que Douglas falava e porque era o idioma oficial da Lua.

Douglas sentou-se na cadeira e pediu Netuno. Todos os comandos podiam ser operados pela voz. O computador reconheceu a voz de Michael Douglas e respondeu: “Bom Dia, Mike”. No espaço, todos os computadores queriam ser iguais ao HAL.

- O que houve em Netuno?

- Nada. Houve em Tritão.

- Repita para mim.

O computador que Michael batizara de Jack, repetiu a ocorrência. Também liberou o som sintetizado.

- Isto foi um impacto. Há meteoros na área?

- Não.

- Algum satélite bateu em Tritão?

- Não. O satélite Le Verrier está a 3.425.721 km de Tritão, neste momento.

Michael Douglas entrou em contato com o Consórcio. Não quis falar com o observatório Lunar, com quem não mantinha boas relações.

- Nós também ouvimos. Estamos virando o satélite de Netuno na direção de Tritão. Vai levar uns minutos.

Quem respondeu foi o gerente de satélites do Consórcio, Carl Ozoki.

Em pouco tempo, todos os endereços de informações noticiavam uma colisão não prevista em Tritão, satélite de Netuno, aumentando a especulação sobre a possibilidade de a Terra ser um dia atingida por um corpo celeste sem aviso.

- Há 10 trilhões de dólares no espaço e ninguém consegue prever uma colisão em nosso Sistema? – diziam os comentaristas eletrônicos.

Até que um deles, o site “lemonde” recebeu um recado de um garoto de 10 anos, morador da cidade de Lyon. Léon Vichy, apaixonado por astronomia, mandou um lembrete: “Todo mundo esqueceu de vigiar o cometa de Halley, que está passando por Netuno, neste instante”.

- Halley! – disse Michael Douglas. – Ninguém havia pensado nisto.

Vários cálculos e observações e análises de cientistas ao redor da Terra chegaram à conclusão: o cometa de Halley havia esbarrado levemente no satélite de Tritão. Novos cálculos constataram que Halley raspava num sub-satélite, de 1 km de diâmetro, que orbitava Tritão.

Projetos de estações espaciais e estações lunares existem há séculos, desde que Galileu e outros disseram que a Terra girava ao redor do sol. No século 18 surgia a primeira história sobre uma civilização espacial: “Utopia”, de Tomas Morus. Depois, muitos outros autores falaram de viagens espaciais, como Jules Verne, até que a ciência passou a se interessar pelo tema e a astronomia deixou de ser um hobby. Norte-americanos e soviéticos passaram a competir pela supremacia espacial e as sociedades científicas

astrológicas decidiram que seria preciso conquistar o espaço, pois um dia a Terra iria acabar, consumida pelo Sol, como acontece com todas as estrelas. Bem, vai demorar um pouco. 1 bilhão de anos. Mas já dá para começar a estudar mecanismos e desenvolver tecnologia para a conquista do espaço. Embora daqui há 1 bilhão de anos, a tecnologia humana talvez seja capaz de impedir a destruição da Terra. Caso sobrevivemos até lá, nem usando 100% de nossa capacidade cerebral, seríamos capazes de dizer mais ou menos o que o Albert Einstein do ano 1.000.002.228 D.C. vai estar dizendo. Talvez nem tenhamos este formato comum humano. Vamos comparar os seres vivos, quando surgiram na Terra, 1.000.000.000 atrás e os de hoje. Somos incontáveis espécies animais complexas governadas por um ser racional que já está conquistando o espaço. E quando tudo começou, éramos bactérias unicelulares. O que será dos seres vivos e dos humanos daqui 1 bilhão de anos? (Talvez nos tornemos uma forma de energia onipresente preparando-nos para desvendar outros Universos). Como, aliás, estariam possíveis seres inteligentes que teria surgido em alguma galáxia distante, 10 bilhões de anos atrás? Veja: difícil imaginar 1 bilhão de anos de evolução – e 10 bilhões?

Regressando no tempo, em 1999 foi iniciada a construção da primeira grande estação espacial a ficar em órbita do planeta Terra, administrada pelo Consórcio, com sede em Nova York, formado por 18 países diretores e 55 países assistentes. No ano 2000, empresas privadas entraram para o Consórcio e em 2005, eram 80 órgãos diretores, milhares de empresas participantes e todos os países do mundo colaboravam com ao menos um comentário de algum professor. O consórcio Espacial tornou-se o maior organismo internacional da Terra. Cada governo colaborava com 0,1% do seu PIB e cada empresa, entre 1 e 10% de seu faturamento, o que dava ao Consórcio uma receita anual de US\$ 350 bilhões de dólares, dinheiro suficiente para o desenvolvimento de todos os projetos espaciais.

A Estação Lunar Neil Armstrong começou a ser construída em 2007 e foi concluída em 2009. Entrou em capacidade total de funcionamento em 2013 e foi ampliada em 2017.

Neste ano, não satisfeito com seus quatro satélites de rastreamento de corpos celestes, a AIIB construiu o COCE e instalou seu telescópio de 700 metros. Eram o maior telescópio em atividade até 2028, mas perderia a posição no ranking para o telescópio viajante Aristóteles, que já estava em projeto. O telescópio teria 2000 metros de comprimento por 900 de largura e seria enviado em direção à estrela Alpha Centauri e depois partiria em direção a outras estrelas. Os astrônomos queriam ter uma visão do Universo do ponto de vista de outras estrelas.

Michael Douglas chegou ao COCE em 14 de abril de 2018 ou 49 AL. Pediu mais um casal para viver na base e em 20 de janeiro de 2019 (50 AL) chegaram José e Renata Steinzberg.

Os quatro se davam muito bem. Sempre comiam juntos e seus apartamentos eram vizinhos. Michael e José participavam do grupo de pôquer e Anette e Renata gostavam de assistir a peças de teatro.

Assim era a vida na Lua. Eventualmente saíam em exploração no caminhão dos geólogos. Colocavam suas roupas de astronautas e andavam na superfície lunar observando pedras e acidentes. Sua experiência mais arrepiante foi conhecer uma caverna lunar onde descobriram um salão de 120 metros de altura. Já tinha havido água

e agora os cientistas tentavam descobrir microorganismos no satélite. Se descobrissem, poderiam acreditar na possibilidade de vida em toda a parte no Universo, pois só no sistema solar quase todos os planetas e muitos satélites tinham fósseis de microorganismos. Duas hipóteses se apresentavam: a primeira dizia que a vida era uma ocorrência natural no universo. A segunda falava de uma insiminação espacial. Não se sabe como, mas os seres vivos teriam sido pulverizados em nosso sistema solar. Talvez só tivessem encontrado condições de evoluir na Terra.

Michael Douglas admirava José Steinzberg, que havia aceito o convite pelo mesmo motivo que ele: dinheiro. Mas Steinzberg era filho do dono de uma rede de supermercados no Brasil.

- Gosto da Lua. É bem tranquila.

Naquela madrugada de Sábado em que o cometa de Halley misteriosamente havia se chocado com um mini-satélite de Tritão, Michael ligou para Steinzberg, acordando-o. Ele se vestiu e caminhou em direção ao COCE. Caminhar não era o verbo adequado. Os corredores tinham corrimãos e os habitantes da Lua tomavam impulsos a partir deles, pulando alguns metros. Andavam como cangurus. Steinzberg entrou literalmente voando na sala de observação e encontrou Douglas excitado e preocupado.

- Como o cometa não foi destruído? – perguntou o físico.

- Por isso eu o chamei. – disse Douglas. – Descubra.

Depois de analisar os dados, com a ajuda do supercomputador do COCE e raciocinar um pouco, Steinzberg desconfiou que um distúrbio no campo gravitacional de Netuno havia mudado a trajetória de Halley. Outra coisa que o físico pensou é que deveria entrar em contato com o centro astronômico da estação lunar.

Pulando como um canguru, nos corredores da Neil Armstrong, José Steinzberg teve uma idéia. Quando segurava nos dois corrimãos e tomava impulso, seu corpo seguia em linha reta. Mas quando segurava com uma só mão ou dava um puxão com mais força numa das mãos, seu corpo fazia uma pequena curva. O movimento lhe deu uma nova visão da órbita de Halley e dos outros corpos celestes.

Quando Steinzberg chegou ao Observatório, todos pararam de conversar e olharam para ele. Além do astrônomo chefe do Observatório, havia mais oito pessoas na sala, entre elas Julia Al-Din Rafsanjani, coordenadora da Estação. O astrônomo chefe chamava-se Miguel Bío. Chileno de origem inca, crescera junto ao observatório Cerro Tololo e desde os 10 anos sabia que seria astrônomo. Estudou na Universidade de Santiago e doutorou-se na Universidade da Califórnia. Era um dos poucos cientistas solteiros em Neil Armstrong. Oficialmente era funcionário do governo chileno, como professor e pesquisador da Universidade de Santiago.

Foi ele quem recebeu o físico José Steinzberg.

- Bem, agora o quadro está completo. Podemos discutir a ocorrência em Tritão.

- O que aconteceu em Netuno? – perguntou Steinzberg em espanhol.

- Diga-me você, que é especialista em colisões espaciais. – respondeu Bío em português.

- Os senhores podem conversar no idioma oficial da Estação Neil Armstrong? – perguntou Julia Al-Din, em inglês.

- Muito bem, imaginei o seguinte. Primeiro: O Cometa Halley passa por Netuno, mas ninguém se lembra deste fato. Talvez tivéssemos imaginado que ele passaria longe de Netuno. Segundo: Ele passa perto de Tritão e esbarra levemente não em um mini-satélite, mas em um anel de poeira cósmica em volta de Tritão.

- Foi o que eu disse. – lembrou Miguel Bío.

- Por isso o cometa não foi destruído. O que teria atraído o cometa de Halley para junto de Tritão? Também é simples: é a primeira vez na história que Halley passa junto de Netuno.

Os presentes manifestaram-se com um misto de surpresa e alegria pois estava acontecendo algo inteiramente novo no espaço. O intervalo em que as coisas acontecem no espaço são sempre angustiantes. Milhões de anos isto, bilhões de anos aquilo. Halley está conosco há duzentos mil anos e só agora cruzava com Netuno?

- Espere um pouco. – interrompeu Miguel Bío. – Halley orbita em sentido oposto ao de Netuno. Deve ter cruzado várias vezes com Netuno. Umhas quatrocentas vezes em sua história.

- Sem dúvida! – disse Steinzberg. – O problema, aliás, o fantástico é que Halley passa por um processo de deriva orbital. Não apenas Halley, mas eu acho que todos os corpos celestes também passam.

Julia Al-Din tomou a palavra:

- O senhor acredita que a órbita de Halley desloca-se no espaço e por isto ele chegou tão perto de Tritão?

- Sim, observem isto.

O físico José Steinzberg retirou um lápis de seu bolso e o girou no ar. Lentamente o lápis subiu alguns centímetros e pousou na sua mão direita.

- É assim que imaginamos a órbita de todos os corpos celestes, no mesmo lugar, sem contar as translações, como a da galáxia, etc. Mas o cometa Halley está fazendo isto.

Steinberg girou o lápis, empurrando-o para Miguel Bío, que o pegou suavemente.

- Se puder provar isto, vai ganhar o Nobel de Física, Steinzberg. – disse Bío. – Mas o que me intriga é como o cometa Halley passou entre Tritão e Nereida e não foi capturado por suas gravidades nem a de Netuno.

- Ainda não sabemos se foi capturado. – informou Steinzberg. – Vamos esperar mais algumas semanas ou meses ou anos.

Naquele mesmo dia, Michael Douglas pediu para o computador medir com precisão a trajetória do cometa de Halley. Os telescópios do COCE, o Hubble, o satélite Le Verrier, de Netuno e o satélite Caronte 2, em Plutão estavam apontados para Tritão e o cometa de Halley, formando um painel absolutamente preciso daquele ponto do Sistema Solar.

Abatido, com dores de cabeça e cólicas intestinais, Michael Douglas entrou em seu toalete . Passou uma toalha molhada no rosto e sussurrou:

- Meu Deus, o cometa Halley vai colidir com a Terra...

Cometas não são estáveis. Não ficam bilhões de anos rodando no mesmo lugar. O próprio Halley já havia tido sua trajetória alterada pela força gravitacional de seu Observatório Lunar. E em pouco tempo, todos na Terra já sabiam o que iria acontecer.

Os membros da AIIB ficaram sorridentes. Pediram uma conferência com o Conselho Superior do Consórcio Espacial Internacional, que agendou 7 debates a ser realizados ao longo do ano de 2029. O evento ficou conhecido como Forum do Cometa Halley.

Determinariam o destino do cometa. Seria destruído por uma bomba nuclear? Em que local do espaço? Próximo a Terra? Próximo a Marte? Próximo a Júpiter? Quanto mais longe da Terra, mais seguro, diziam os engenheiros bélicos. Enviariam três mísseis, sendo um titular e dois reservas. Pulverizariam Halley.

Michael Douglas entrou na nave Moonlight e esperou a partida para a Terra. Estava triste. Jamais pensou que seria responsável por uma descoberta que acarretaria na destruição de um corpo celeste como o cometa de Halley.

Quando chegou a Terra, dezoito horas depois, pousando no espaçoporto Sky, na Geórgia, EUA, foi recebido por cerca de 1.500 manifestantes contra a destruição do cometa. Diziam eles que o engenheiro cubano Clóvis Basco, da empresa BMD havia desenvolvido um poderoso foguete capaz de mudar o trajeto de um corpo celeste como o Halley e por isto teria sido assassinado em interesse das indústrias bélicas, que preferiam ganhar dinheiro o do Consórcio com seus mísseis nucleares.

Antes de entrar na limousine da AIIB, Douglas viu uma garotinha com uma cartolina com um desenho do cometa e uma frase: “Não matem Halley”.

A limousine estacionou ao lado de um helicóptero e o helicóptero voou ao aeroporto de Atlanta. Em Atlanta, Michael pegou um avião até Los Angeles, sede da AIIB. Os maiores figurões da indústria bélica mundial, a maioria norte-americanos, alguns franceses, ingleses, israelenses, alemães, entre outros, estavam lá.

Douglas foi aplaudido mas não manifestou reação. Continuou quieto até ser chamado pelo presidente da AIIB, o alemão Ferdinand Bremer, para que palestrassem sobre a descoberta de que o cometa Halley se chocaria com a Terra e porque deveria ser destruído por um míssil.

O astrônomo levantou-se, chegou atrás do púlpito, aproximou-se do microfone e disse:

- Estou me demitindo.

Sem mais, deixou a sala, sob olhares silenciosos dos poderosos.

Na semana seguinte, voltaram a Terra sua esposa Anette e também o casal Steinzberg.

No dia da demissão, Douglas entrou num táxi e pediu permissão para usar o telefone. Digitou: “jsteinzberg”. Em 22 segundos viu a cara de Steinzberg.

- Olá, Mike, onde está?

- Em um táxi, em Los Angeles. Tenho boas notícias. Pedi demissão.

Steinzberg ficou em silêncio. Depois pediu para Douglas repetir. Fê-lo.

- Não posso permitir que destruam Halley. Você é um cientista sensato. Sabe que é possível desviar a rota do cometa.

O motorista do táxi estava atento à conversa. Era a primeira vez em 50 anos que alguém ligava para a Lua diretamente de seu táxi. E ainda estavam conversando sobre o destino do cometa de Halley. Ninguém acreditaria.

Steinzberg pensou um pouco e disse algo que deixou Douglas entusiasmado:

- Mike, eu sou capaz de projetar um foguete igual ao do Basco.

E assim, no mesmo dia Steinzberg pediu demissão a AIIB e não mais pisou no COCE. Até chegar a nave Moonlight 2 (que os tripulantes chamavam de Worewolf), o físico ficou jogando pôquer. Anette e Renata também afastaram-se do COCE e convidaram todos os habitantes da Lua para um acontecimento inédito e maravilhoso: o parto da elíá Daisy.

Com seus magnetos nas solas de seus pés, Daisy andava em círculos na maternidade especialmente construída para ela, no laboratório animal da Estação Lunar. Todo o planeta Terra assistia ao parto.

Enfim o pequeno elefante veio a Lua, pousando suavemente no solo macio da maternidade. Com lágrimas nos olhos, os habitantes da Lua sonhavam com o dia em que um bebê humano nasceria no espaço.

Quando chegaram a Terra. José não largava a mão de sua mulher Renata. Era a primeira vez em 4 anos que estavam juntos no planeta. Pegaram o avião em Atlanta e a viagem para São Paulo pareceu durar uma eternidade. Pousaram no Aeroporto Internacional de São Paulo III, na zona sul da cidade e embarcaram num helicóptero em direção ao heliporto 4 de Embu-Guaçu.. O motorista do pai de Steinzberg veio buscá-los no Mercedes Benz e o levaram para casa.

Adoraram deitar juntos enfim na mesma cama, sem precisar estar amarrados. Tinham a sensação de estar colados na cama.

A Organização das Nações Unidas determinou que o Consórcio deveria mudar a rota do cometa de Halley. Em 2045, uma nave iria partir em direção ao cometa e o encontraria próximo ao planeta Saturno. Instalariam quatro foguetes, deslocariam sua direção em 45° e depois o recolocariam em sua órbita tradicional. Após a missão, os foguetes desengatariam do cometa, pois ele passaria a desintegrar-se, como costumeiramente faz em sua aproximação do Sol e estacionaria em órbita de Mercúrio, que tem o tempo de translação mais curto, ficando preparados caso outro corpo celeste ameaçasse a Terra. Sua energia seria retirada de uma usina autômata no planeta.

Mas os anos se passaram e os cientistas ainda não sabiam como engatar os foguetes no cometa. Precisariam enviar uma sonda ao cometa para analisar sua superfície.

E se os foguetes não funcionassem? Se não fossem capazes de alterar a rota do cometa? Mísseis nucleares seriam posicionados no espaço e destruiriam o cometa quando se aproximasse da Terra. Mesmo que os foguetes funcionassem, os mísseis ficariam a postos.

Em 2044 os foguetes estavam prontos para partir para Saturno e seriam levados pela expedição Clarke-Kubrick II que teria duas missões: levar os primeiros astronautas a Saturno e instalar os foguetes no cometa de Halley.

Dois astronautas candidataram-se a missão: Michael Douglas e José Steinzberg. Douglas não foi aceito. Já tinha dez anos no espaço. Steinzberg tinha nove. Portanto seria sua última viagem. Estava com 45 anos e era uma das maiores autoridades em física espacial do sistema solar. Quando retornasse a Terra, seria indicado para a vice-presidência do Consórcio Espacial.

Em 1 de agosto de 2045 entraram em órbita de Saturno.

Steinzberg e os outros olharam pela janela da nave Clarke-Kubrick II e durante muitos minutos apreciaram, a vastidão espetacular dos anéis de Saturno. Que poderia ser mais belo no Universo do que aquilo? Os astronautas sentiram pena dos outros humanos, que não estavam ali para presenciar o espetáculo.

A sub-nave Basco saiu de dentro da Clarke-Kubrick II, carregando os quatro foguetes. Halley estava a 400 milhões de quilômetros de Saturno e a nave chegaria no cometa em 18 horas. Após a instalação, parte da tripulação entraria em outra sub-nave, apelidada de Monolito II e entraria em Saturno. (A Monolito I entrou em Júpiter). Achando um local estável, pousariam no solo saturniano e a nigeriana Tanya Tafawa Harcourt seria o primeiro humano a pisar em Saturno. Steinzberg queria estar na nave Basco, mas não tinha necessidade. Os robôs da nave instalariam os foguetes no cometa, com o monitoramento do cientista.

A superfície do cometa era bastante irregular e quebradiça. A periódica aproximação do Sol não havia permitido nenhuma sedimentação no Halley. O problema estava previsto. A nave soltou sua gigantesca malha metálica que circundaria o cometa. A malha de 40

km de extensão logo envolveu o cometa e os foguetes foram dispostos sobre ela, na mesma latitude, em lados opostos, formando um quadrângulo.

Foi quase tudo realizado com perfeição. Só o robô do quarto foguete apresentou uma disfunção, não conseguindo acoplar o foguete à malha.

Steinzberg deu ordens ao robô número 3 para que realizasse o trabalho do defeituoso 4. Neste instante um tremor abalou a superfície do cometa, fazendo com que um bloco de gelo desprendesse-se de seu solo, atingindo os dois robôs. Felizmente o foguete não foi atingido mas não tinha agora como ser instalado.

26 horas depois, a colossal nave Clarke-Kubrick II estacionava sobre o cometa de Halley.

Uma porta se abriu e os astronautas contemplaram por alguns segundos a vastidão de montanhas de gelo do cometa. Quatro desceram. O espanhol Pedro Rubens, geólogo, iria recolher amostras do solo do cometa. O americano Stephen Wisemann, químico. E a nigeriana Tanya Harcourt. O primeiro homem a pisar no Halley seria José Steinzberg.

Amarrado a Clarke-Kubrick II, Steinzberg flutuou em direção ao cometa e quando pousou, sentiu um frio atravessando sua coluna vertebral.

Será que um dia alguém imaginou que homens andariam no cometa de Halley?

Os outros astronautas chegaram ao solo do cometa, também extasiados. Tão extasiados que deitaram no cometa, acariciando-o, como se fosse um ser vivo.

Instalaram o foguete na malha e depois todos os astronautas da Clarke-Kubrick desceram no cometa, revezando-se na espaçonave.

Foi um sucesso. Os foguetes desviaram a rota do cometa, que deu a volta ao Sol e continuou a viagem pelo sistema solar até visitar a Terra novamente em 2138 e nos próximos 300 mil anos.

Trezentos mil anos se passaram e seria a última vez que Halley passaria pela Terra.

Um extraterrestre que passasse pela Terra iria achar não haver nela vida inteligente. Edifícios desabitados e cidades inertes, desertas. Apenas animais andando livres pelo planeta. Onde estariam os seres humanos?

Também as estações espaciais e planetárias estavam vazias, desertas.

Quem iria avistar pela última vez o cometa de Halley, já débil e próximo da morte, com não mais de quatrocentos metros de diâmetros?

Atingiu a área orbital de Marte. A partir deste ponto começaria a desintegra-se.

Em algum ponto do espaço ou do tempo, no Universo, os seres humanos ainda estavam vivos. Mas eram um só corpo, uma só energia, uma só mente. Já conheciam todo o

Universo e até o que havia além do Universo. Viam estrelas nascer e morrer. Vivenciavam toda a extensão infinita da existência do Universo.

Com a vontade desta única mente, concentraram sua energia no cometa Halley e o colocaram em órbita do planeta Marte. Não iria mais morrer.

Seja infinito como nós, amigo.

## 16 – ENERGIA

Voc Serdenizim estava angustiada em seu repouso. Continuava sentindo-se solitária e carente, como em toda sua vida. A existência, um nada intolerável e arrependeu-se por não ter aceito o suicídio. Na verdade, teve medo. Embora o suicídio fosse indolor, provocado por uma radiação específica, criada na primeira guerra, o medo era o desconhecido. O que haveria além da morte? Segundo relatos de morte induzida, uma espécie de inércia eterna insensível mas ao mesmo tempo aprazível. Mas Voc Serdenizim tinha dúvidas fosse a morte legítima. Melhor ser morta em combate, maneira pela qual morriam até 50% da população no 1.000.000 de segundos.

Felizmente havia aquela guerra anual. O que seria da vida em Groffman D4 sem ela? Estudar e estudar para nada.

Voc Serdenizim estava preparada para liderar o Exército das Terras Vermelhas contra o Exército das Terras Amarelas pelo controle da Ilha Azul. Lastimava ter demonstrado inteligência, durante os testes. Talvez, a vida como operária braçal em Groffman D5 fosse menos sufocante. Cansativa. Mas deveriam ter mais o que fazer. Era permitido o contato físico. Viviam em grupos e dormiam juntos. O que poderia acontecer com humanos vivendo juntos? Por quê algumas mulheres eram mortas pelos visores? Uma espécie de doença parecia afligi-las. Mas nunca humano algum adoeceu em GD4. O contato entre eles provocaria a enfermidade?

O destino de Voc foi outro. Aos 5 anos fez o teste. Resultado: “Muito inteligente”. Aos 14 participou da 1ª guerra anual, pelo resgate de 8 naves vermelhas. Derrotados. Ficou em poder dos amarelos. Resgatada no ano seguinte, aos 16, 17 e 18 participou como piloto, demonstrando grande habilidade.

Havia 3 tipos de naves em GD4. O controle absoluto vinha dos Visores autômatos, que criaram o sistema 200 anos antes. A linha intermediária era formada por semi-humanos. Obedeciam seus superiores mas gerenciavam os humanos, que compunham a terceira categoria: os inteligentes, que realizavam as guerra anuais, os sub-inteligentes, destinados à atividades primárias de GD5 e os mutantes híbridos, enviados a uma galáxia vizinha, SDH-4n, Voc não sabia o porquê nem o significado do nome da galáxia. Voc sabia apenas que dirigiam-se a 4 planetas de sistemas diferentes habitáveis. Descobriria por si própria, realizando cálculos. A mesma habilidade matemática Voc utilizava como piloto. Posicionada na linha de defesa atrás das naves autômatas e semi-humanas, atravessavam os 785.432 km da circunferência de GD4. Voc sabia que

deveria ser o contrário. Os humanos na frente e os Visores atrás. Nenhum humano nunca bateu numa das montanhas de 60.000 metros de GD4. Os visores, sim. Talvez fossem orgulhosos para reconhecer que eram passíveis de erros. O que não acontecia com os humanos. Ao menos, os inteligentes.

Quase todos os visores de ambos os lados se destruíam, restando os semi-humanos, mais cautelosos, embora tivessem o cérebro totalmente automatizado.

Os humanos mantinham-se o tempo todo atrás, zelando pela segurança das naves semi-humanas e eventualmente, assumiam o lugar dos semi-humanos abatidos. Neste ponto a guerra tornava-se franca, inteligente e vertiginosa. Pois geralmente estavam se esgotando o 1.000.000 de segundos.

Por que humanos eram designados a organizar as guerras? Porque os visores sabiam que só um humano seria capaz de criar coordenadas precisas e criativas de ataque e defesa. Por mais que analisassem o cérebro humano, não distinguiam o mecanismo exato da imaginação. Até mesmo os nomes com que os humanos se chamavam sem ninguém os tivesse ensinado a se nominar. Diziam: “Aqui é Kores Rolen”, “Eu sou Dorenos Kalingue”, “Meu nome é Voc Serdenizim”. Já os humanos de GD5 davam nomes a si próprios e aos outros. Cada um tinha dezenas de nomes, às vezes de coisas: “Agulha”, “Terra”, “Luz”, “Inseto”.

Os visores apenas sabiam que a região fundamental do cérebro humano era o lóbulo frontal e uma pequena região com menos de 1 mm no lado direito, junto ao cerebelo.

Experiências realizadas com semi-humanos comprovaram que um cérebro artificial com lóbulo humano funcionava quase perfeitamente. Mas o indivíduo era meio preguiçoso, mal humorado e às vezes não tinha criatividade alguma. Com a inclusão do pequeno ponto atrás do cérebro, seu comportamento tornava-se plenamente humano. O mais incrível vinha a seguir:

- Lóbulo humano, cérebro autômato, ponto artificial: o corpo não apresentava sinais vitais, como se estivesse morto.
- Lóbulo artificial, cérebro humano, ponto humano: comportamento auto-destrutivo. Chegavam a arrancar a carne do corpo e precisavam ser abatidos.
- Lóbulo artificial, cérebro artificial, ponto humano: comportamento de um bebê de 15.000.000 de segundos.
- Lóbulo humano, cérebro humano, ponto de chumbo: funcionava melhor que o ponto humano. Mas apenas feito de chumbo e nenhum componente mais. O indivíduo tornava-se mais inteligente, criativo e disposto, embora com o tempo tornasse-se deprimido.

Era o caso de Voc Serdenizim, mas ela acreditava que a depressão era causada pela inércia total de GD4.

Voc voltou a pensar em seu plano de esperar o ataque das Terras Amarelas. Achou muito imprudente. Se o ataque fosse fulminante, nem veriam a própria morte. Melhor

fazer um reconhecimento em altíssima velocidade das terras inimigas e o posicionamento das tropas.

Também deveriam ser enviadas tropas terrestres e submarinas para invadir a Ilha Azul secretamente, enquanto as navas faziam a cobertura aérea e despiste.

Passou a sugestão a um semi-humano, que a levaria aos Visores. Voc gostava da visita do semi-humano, que chamava secretamente de Nírio. O único “humano” com quem teve contato durante toda sua vida, embora nunca o tivesse tocado mas tinha este desejo. Embora não tivesse cérebro, teria ele sensações interiores como Voc? Talvez sim, porque Nírio às vezes apresentava-se diferente, como Voc. Seus cabelos e pelos sempre cresciam, partes de sua pele ficavam vermelhas ou eriçadas. Olheiras, ereção peniana. Como Voc, por onde passavam ocorrências semelhantes.

Nírio voltou com a resposta: não haveria tempo para fabricar e trazer de GD5 os tanques terrestres. Seria possível apenas o reconhecimento.

Pela primeira vez, Voc participaria da guerra sem ir ao combate. Tinha uma responsabilidade pela frente: nunca antes tinha sentido isto, pois fora uma simples figurante nas guerras anuais.

Segura de sua inteligência humana, Voc aguardava as imagens do terreno inimigo. Conhecia um pouco aquelas terras, por ter estado lá antes. Não tudo, obviamente, já que o planeta era muito grande.

Alguns lugares de GD4 os habitantes nunca estiveram. Supunha-se que havia cavernas marítimas com mais de 1.000 km de profundidade e até 20.000 km de comprimento, com milhões de ramificações. Nenhuma expedição em 200 anos retornou à superfície. Porque o sinal que indicava a localização dos grupos e o caminho de volta acabava desaparecendo.

GD4 era um dos planetas habitáveis mais inóspitos e surpreendentes da galáxia. O que poderia existir nos confins do Universo? Nem o mais avançado humano poderia imaginar. Quando os visores e humanos chegaram ao sistema Groffman, encontraram em GD3, GD4 e GD5 os planetas habitáveis entre os 110 corpos do sistema (25 planetas e 185 satélites). GD3 era muito pequeno. 500 vezes menor que GD4, muito quente, com médias de 120° e era totalmente tomado por musgos e insetos. Já estava suficientemente habitado. Não havia 1 mm do planeta sem musgos ou insetos. Os insetos alimentavam-se dos musgos e os musgos dos insetos. Uma pequena falha no ciclo de vida de GD3 destruiria o planeta. GD4 tinha mais diversidade, mas em menor quantidade de indivíduos. Mas os insetos e outros pequenos animais ainda estavam no estágio intermediário entre vegetais e animais. E muitos vegetais eram unicelulares, como o pico de 2.000 metros de altura e 10 metros de diâmetro, no meio do oceano, composto por uma única célula cravada 100 metros abaixo do lodo submarino. Havia muitos outros no oceano que possuía mais de 7 bilhões de corpos e ilhotas dentro dele. Sem contar as montanhas submarinas, algumas com 120 km de altura, nas maiores fossas sob os pólos congelados.

E GD5 era o mais novo, formado de protozoários, bactérias, vírus. Voc Serdenizim sabia que os humanos há séculos eram imunes a quase todas as doenças, mesmo viroses

desconhecidas, pois os anticorpos evoluíram e aprenderam a distinguir a mutação de corpos invasores. Mas existiria algum ente em GD5 mais esperto que nossos anticorpos?

O Sistema Groffman era realmente fascinante. Pois embora os planetas próximos do Sol fossem jovens em relação a seus corpos vivos, nos últimos satélites de Groffman D25 foram encontrados vestígios de UBPUV (Unidade Básica Primária Universal de Vida), cuja medição datava de 600 bilhões de anos. Os visores achavam que o Universo tinha 115 bilhões de anos. Assim a UBPUV teria a mesma idade do Universo (que poderia agora considerar-se 600 bilhões de anos) ou seria mais velho que ele? Mas tão mais velho?

Os Visores decidiram então analisar muito mais profundamente o interior da UBPUV e dos átomos. Havia alguma coisa ali que 20.000 anos de conhecimento não descobriram.

Voc Serdenizim sabia que os Visores não iriam descobrir o segredo do Universo. Só no caso de convocar humanos e sua imaginação de chumbo.

No momento, Voc desejava descobrir o segredo da guerra anual em que sua inteligência lhe promovera a general.

Analisava as imagens cautelosamente, antes que os Amarelos destruíssem as naves espãs não-tripuladas.

As Terras Amarelas eram muito grandes, mas seu povo sabia exatamente a posição de qualquer invasor, como se o continente fosse uma célula viva que percebesse a aproximação e ingresso de qualquer corpo.

Pedi a Nírio que perguntasse se os vermelhos tinham o mesmo sistema.

“Ao mesmo tempo não”, foi a resposta.

Poderiam penetrar no Continente Vermelho através desta falha.

“Aí está o segredo”, pensou. “Vamos deixá-los invadir o continente, enquanto uma tropa voará para a Ilha Azul, secretamente, e retirará o minério”.

Na manhã seguinte, deu-se início a contagem de 1.000.000 de segundos.

No lado oposto do continente, próximo ao Pólo Sul, estavam posicionados o cargueiro e as 480 naves que invadiriam a Ilha Azul.

De acordo com a orientação de Voc Serdenizim, o sinal de proteção do continente piscou 10 vezes, simulando uma falha no lado sul, onde estavam, e desligou-se enfim. Os Amarelos deveriam imaginar que o lado Norte estaria mais descoberto para que as naves protegessem o sul e invadiriam entre as brechas do sinal.

Caso caíssem no truque.

Realmente caíram mas estavam muito melhor preparados. Os Visores deles conseguiram destruir os Vermelhos. Os semi-humanos de Serdenizim destruíram os Visores Amarelos. Os semi-humanos atacaram e venceram os das Terras Vermelhas. Metade das tropas Amarelas dirigiam-se a Ilha Azul para enfrentar os invasores Vermelhos.

Os humanos do Continente Vermelho tiveram a incumbência de combater os remanescentes Amarelos: humanos e semi-humanos.

Como o continente era mais conhecido por seus habitantes, as naves locais evadiram-se entre as montanhas para que surpreendessem os inimigos. As naves que enfrentavam semi-humanos tiveram mais sucesso e puderam auxiliar os humanos aliados na luta contra os invasores Amarelos.

Enquanto isso, os Amarelos aproximaram-se do comboio Vermelho. Os Amarelos não entenderam quando as naves Vermelhas, pilotadas por visores, afastaram-se das outras, fugindo a sua proteção.

Os Amarelos, quase ao mesmo tempo, atacavam mas o resultado foi contra eles. Carregadas de explosivos nucleares, as naves, na verdade, teleguiadas, destruíram quase toda a frota Amarela.

Os humanos remanescentes fugiram e realizaram pousos emergenciais no continente Vermelho. Outros fugiram.

Voc Serdenizim sabia que a fusão do Raio S com a HUEX-K, o componente orgânico que recobria as montanhas poderia causar uma explosão nuclear, caso houvesse um aquecimento acima de 700°. Para quê serviria sua inteligência?

Talvez um dia os Visores curvassem-se à superioridade intelectual dos humanos.

“Por que nós não dominamos o Universo?”

Talvez porque antes que os inteligentes, nos últimos 200 anos, tentassem a sublevação, foram abatidos pelos Visores.

Quando Nírio entrou no repouso de Voc Serdenizim, foi atingido por uma gaveta.

Voc não sabia quanto tempo teria para fugir antes que os Visores e semi-humanos fossem a sua captura.

Saiu ao corredor. Ninguém à vista. Portas dos outros repousos trancadas.

A sede do repouso localizava-se dentro de uma montanha. A única saída seria a própria saída. As janelas davam para o mesmo local.

Mas a saída e as janelas eram vigiadas por um Visor. E algo vigiado por um Visor não poderia escapar ileso.

“Melhor esconder-me no repouso de outro humano”.

Parou à porta de um e seu coração bateu forte. Nunca antes entrara em contato direto com algum de sua espécie.

Como não havia muito tempo para devaneios existenciais, Voc forçou a porta e entrou. Um garoto apático pulou de seu leito e ficou de pé.

Voc fechou a porta.

Os dois tremiam de medo.

- Oi, eu sou Voc Serdenizim.

- Eu sei.

Que sensação agradável ouvir uma voz humana. Mesmo transmitida por pensamento.

- Como?

O rapaz baixo de uns 15 anos respondeu:

- Após destruir a população Amarela, imaginei que você iria querer destruir os Vermelhos.

- Só quero escapar dos Visores. Acho que vão me matar.

- Paranóia.

- Não, não é paranóia. Todos os generais desaparecem após a guerra.

- Todos o quê?

- Líderes, foi o que quis dizer. Qual seu nome?

O rapaz levantou as mãos, como se não entendesse.

- Eu sei que você tem um nome. Todos têm.

- Me chamo... Gous...

- Só?

- Bem... Gous... Sluks.

- Gostei. Bem simples. Agora tirei sua escolha e sua vida.

- Nunca tive nenhuma das duas.

Ficaram-se entreolhando. O garoto Gous completou:

- O que você tem em mente?

- Acho que já gastei toda minha inteligência nesta guerra.
- Só sobrou o pedantismo.
- Você quer ser psicólogo? Venha. Vamos acordar todos os humanos e matar os semi.
- E os visores?
- Eles só têm sinal na saída.

Foi o caos. Mas todos seguiram as ordens de Voc. Os poucos semi-humanos que entraram tiveram seus pescoços quebrados.

- Quem são os mais inteligentes? – perguntou Voc. – Como os Visores sabem quem somos?

Ninguém falou nada. Talvez soubessem as caras de cada ou detectam o lóbulo artificial dos semis. Mas houve outra teoria.

“Uma vez”, começou Gous Slucks, vi um semi-humano escorregar e cair ao chão. Um Visor aproximou-se e quase atirou o raio S sobre ele. Chegou a armar-se. Então acho que a detecção é baseada no comportamento.

- Vamos fazer um teste.

Jogaram um semi de uma janela. Antes que chegasse ao solo, foi destroçado pelo raio S.

- Bom garoto. – disse Voc.
- Como os Visores tornaram-se tão estúpidos? – questionou Gous.

Um a um deixaram a montanha em direção às naves, imitando o andar sem vida dos semi-humanos. Seria um longo caminho de 500 segundos em direção à base. De lá voariam para um cargueiro, que Voc e seus amigos tentariam transformar em nave de combate e fuga.

O Visor não estava entendendo porque estavam saindo tantos semi-humanos.

Entrou em contato com o Comando Central para saber porque havia entrado 12 e saído 140.

O Comando enviou um outro Visor para substituir o defeituoso.

Quando as naves chegaram ao cargueiro atacaram e destruíram os Visores. Parte dos humanos pousou enquanto os outros lutaram contra os Visores e semi-humanos que vieram atacá-los. Os outros humanos do Continente Vermelho foram colocados em alerta pelo Comando para atacar aqueles que estavam julgando ser amarelos.

Voc Serdenizim precisaria ser rápida. Os 140 não resistiriam ao ataque de 600.

Subiram no cargueiro e partiram em direção à montanha mais próxima com HUEX-K, para provocar os ataques nucleares.

O tempo passou e ninguém foi atrás deles, embora estivesse em alerta.

- 1.000.000 de segundos. Mas eles não sabem o que fazer sem minhas orientações. – pensou Voc.

Ligou o sinal em direção aos Visores:

- Aqui é Voc Serdenizim. Não ataquem a tropa amarela invasora do Continente Vermelho. Eles têm um cargueiro com explosivos nucleares prontos a destruir-nos.

Disse cautelosamente, quase irresponsavelmente.

- Aqui é Voc Serdenizim. Ordeno que os humanos decoleem e circundem o cargueiro.

Em pouco tempo 600 naves voavam junto a eles. Todos humanos.

Voc voou até posicionar-se sobre a base dos Visores e semi-humanos, onde estavam estacionadas todas as suas naves. Abriu o cargueiro e todo o HUEX-K caiu sobre a montanha, ficando concentrado no cume.

- Como vamos aquecê-los a 700°? – perguntou alguém.

- Não é preciso, respondeu Gous. – O HUEX-K mantém o calor das montanhas porque como são muito altas o ar rarefeito poderia congelá-las e quebrar o ciclo vital dentro delas. Assim, uma grande concentração de HUEX-K gerará um grande aquecimento dentro delas.

- A 700°? – quis saber outro.

- Até mais. – concluiu Voc.

O cargueiro subiu a 300 km. Voc queria estar, junto com os humanos, bem longe dali. Repetiu a ordem de não atacar o cargueiro.

Do outro lado do planeta, o comando amarelo observava atenciosamente a movimentação estranha, incapaz de completar o 1.000.000 de segundos por ter só 10% da tropa, o mínimo para zelar pelo continente.

1 segundo de raio bastou para exterminar os Visores Vermelhos e seus semi-humanos.

Enfim, contou aos humanos a verdade daquela ocorrência.

Pousaram ao norte do Continente.

Todos sentiam-se agraciados por estar juntos pela primeira vez. Em 200 anos. Ou mais. Não sabiam quanto tempo.

Voc teve a iniciativa de tocar em alguém. Não foi como tocar em seu próprio corpo. Foi prazeroso e extasiante.

Todos tocaram-se. 740 ao mesmo tempo roçando seus corpos e descobrindo seus semelhantes.

- Ei, Voc. – chamou Gous. - Você fez a gentileza de matar os Amarelos. Há 4.000.000 de humanos em GD5, sub-inteligentes e 700.000 Visores no sistema Groffman.

- Gous. Estão tão longe que dá tempo de voar a GD5 e treinar todos os humanos. Eles não são totalmente sub-inteligentes. Vocês acham que entre 5.000.000 de humanos só nós somos inteligentes?

Voaram a GD5, após adaptar 4 cargueiros em naves interplanetárias. Também invadiram o continente amarelo e resgataram os humanos.

Voc Serdenizim descobriu que não era doença que afastava as mulheres, mas gravidez. Milênios não mudaram características humanas básicas.

Os bebês não nasciam fortes. Utilizavam as câmeras geradoras, as mesmas onde nasciam os humanos. Decidiram não usá-las mais. Todos nasceriam no corpo das mulheres. Já que a Natureza era assim mesmo.

Havia muito a aprender. Sabiam fazer isto bem.

- A verdadeira vida é liberdade, união e prazer. – pensou Voc.

## 17 – REPRODUÇÃO

### CAPÍTULO 1 - SÁBADO

Sábado terminou de jantar e saiu para o quintal palitando os dentes, retirando vestígios de carne cozida. Foi exercitar o estômago, lotado até a boca de tanto 'rango'. Não agüentava mais nem um grão de arroz.

Era uma quinta-feira. Seus pais já estavam no fundo da casa, tocando violão e flauta. E sua irmã de oito anos, Mar estava grudada na TV, vendo a novela.

Era primavera. As árvores da rua cheias de flores amarelas, vermelhas.

Aquela noite de quinta era uma noite igual a tantas outras de Primavera.

Logo depois de Sábado ter sentado no murinho de sua casa apareceu o amigo Rato que morava na mesma rua, passeando com seu fiel amigo canino Anta, um cachorro enorme, 'velhão', que acompanhava Rato, sem coleira, para qualquer lugar que ele fosse.

- Eu não sei se o Anta me leva para passear ou se eu é que levo ele.

O interessante é como ele primeiro falara do cachorro e depois dele.

- Vai passar um filme legal hoje, você vem assistir comigo, não vem? – perguntou Sábado.

- Que horas?

- Depois do jornal.

- Claro.

Eles adoravam assistir a filmes pela TV juntos.

- Traz o Anta também.

- É, o Anta adora filme – riu.

Conversaram mais um pouco, Rato continuou a andar com seu Anta e Sábado entrou. Acabou a novela da Mar e ela mudou de canal.

Sábado levantou do sofá e foi para o seu quarto. Pegou o livro de horror que estava lendo, abriu onde estava o marcador e continuou se divertindo com aquela fantástica história dos diabos.

Acordou por volta do meio-dia. Seus pais ainda estavam dormindo, acordariam ao entardecer. Foi à cama da irmã e a acordou. Tirou a roupa e foi para o chuveiro, não esquecendo de levar o rádio. Sábado não conseguia tomar banho sem música. Ninguém toma banho sem música, mas a maioria prefere cantar.

Enquanto Sábado foi à padaria na avenida de cima, onde também ficava a escola, Mar preparou o café. O garoto voltou com o pão e o leite, comeram, pegaram os cadernos e livros e foram à escola.

Outra garota que ele amava era uma garota que estudava na sua classe. Valéria, docemente chamada de Val, pela escola toda. Mas ela se apaixonou por aquele garoto bonitinho, eternamente contente, que não esquentava a cabeça com nada e era muito atencioso com todos. Um rapaz irresistível. E Sábado escolheu aquela loirinha linda de olhos verdes.

## CAPÍTULO 2 - A ESFERA

No Domingo, eles só passearam. Sábado, Val, Mar, Rato, Anta e Girino foram no carro do último a uma cidade vizinha onde havia um grande parque com uma lagoa. Passaram o dia e voltaram bronzeados.

Quando chegou em casa, Sábado soube de seu pai que o aparelho de som deles tinha pifado e prontificou-se a levá-lo ao conserto no dia seguinte.

Tiveram que tomar um ótimo banho, pois não ficaram hospedados em nenhum lugar , passaram creme no rosto para aliviar a ardência e foram logo dormir – tinham acordado mais cedo que o de costume.

Sábado acordou uma hora mais cedo na segunda, enfiou o aparelho quebrado numa caixa e levou-o a uma assistência autorizada. Para chegar lá ele teve que passar por uma atalho sujo, sem asfalto, onde havia uma lojinha cheia de televisores na porta, daquelas que consertam até o que não está quebrado. Sábado passou olhando decepcionado com a capacidade que as pessoas têm de enganar os outros. Continuou a calma vida de sempre e no dia seguinte voltou à assistência para saber o defeito. Foi recebido por um rapaz com um avental azul.

- Ah, vai sair barato, foi só um fusível queimado.

- Ótimo. Quanto vai ficar?

Ele falou o preço e Sábado esperou alguns minutos enquanto o rapaz colocava o fusível. Voltou com o aparelho na mesma caixa, Sábado pagou e pegou o mesmo caminho, agora escuro por já passar das 7 horas da noite.

Sábado não tinha medo, apesar de morar na cidade grande. Só tinha medo de tropeçar. Estava seguindo pelo reflexo das luzes distantes. Por que aquela rua quase não tinha casas. De um lado, um grande terreno baldio cheio de capim e do outro, um córrego fedorento e mais uns casebres, além da lojinha desonesta de consertos.

Aconteceu o que Sábado temia. Bateu o pé esquerdo numa pedra, sendo projetado para frente. Por sorte não caiu.

- Tenho que tomar mais cuidado.

Um segundo depois o chão começou a ficar claro. Sábado logo achou que era uma ilusão de ótica ou talvez uma nuvem aumentando o reflexo das luzes distantes. Não era época de Lua cheia.

Mas o ar começou a esquentar e depois começou a mover-se, transformando-se em vento. Não muito forte, mas o suficiente para balançar o mato.

Em seguida o chão começou a tremer e um som de nave espacial ou de um gigantesco aspirador de pó crescia rapidamente nas costas de Sábado.

Ele virou assustado para trás, deparando-se com uma esfera azul, muito brilhante, aproximando-se dele. Ele teve a impressão de que a esfera estava perto, mas perdeu essa noção diante do tamanho que ela vinha adquirindo.

Sábado ficou parado, olhando firme, boquiaberto, chocado, assustado, com o coração a mil e os braços frouxos, quase deixando cair o aparelho de som.

A esfera ficou mais brilhante ainda, o tom foi passando do azul para o amarelo e vermelho, toda a região estava branca como se estivesse Sol. Sábado teve que

comprimir as pálpebras, ainda mais que a coisa estava fazendo a poeira voar no seu rosto.

Foi como uma explosão sem barulho e sem destruir a região. A esfera lançou um enorme raio de luz na sua direção, parecia que Sábado estava dentro de um relâmpago. O raio o atingiu com um impacto. Sábado sentiu o fogo entrando em seu corpo. Foi jogado para trás, gritando de dor, parecia estar em chamas. Achou que era a morte.

O aparelho caiu no chão. Sábado caiu de costas naquelas pedras, machucando-se.

A esfera voltou na mesma direção. Ficou azul novamente. A princípio partia vagorosamente, depois voou de volta ao espaço numa velocidade extraordinária, como se estivesse se apagando no céu.

Sábado foi se recuperando. Levantou-se e sentiu os lábios rachados. Tinha uma forte dor de cabeça. Colocou as idéias em ordem.

- Meu Deus... O que foi isto? Nunca pensei que os extraterrestres agiam desta forma... (olhou para os braços). O que fizeram comigo?

Ele nunca tinha passado por experiência semelhante, portanto não sabia o que sentir. Não sabia se ficava com raiva ou com medo do que pudesse lhe acontecer dali em diante. Mas ele tinha certeza de que acabara de passar por uma experiência digamos que interplanetária.

Pegou o aparelho de som torcendo para que ele não tivesse arrebentado com a queda e seguiu para sua casa. Chegando perto da sua rua algumas pessoas se aproximaram dele.

- O que foi? Você viu o que aconteceu? – perguntou um homem obviamente referindo-se à luz que o bairro inteiro deveria ter visto.

Sábado por um instante hesitou na resposta, não sabia se valeria a pena contar a verdade. Embora estivesse muito excitado para sair por aí contando a todos o que lhe ocorrera a poucos instantes.

- É... Eu vi uma luz forte em cima de mim. Depois desapareceu. Acho que era um disco voador. – disse com um ar meio irônico, mas com a certeza de que era uma nave extraterrestre.

- Nossa, como você está queimado! – reparou uma moça que ele conhecia de vista.

- Eu tomei muito sol ontem.

- Não, você está muito queimado! – confirmou um garoto de óculos com cara de inteligente.

Saiu do meio da multidão falando sob os conselhos de ir ao hospital. Sábado só queria um comprimido para dor de cabeça.

Seus pais e Mar estavam no portão.

-Sábado!

Os três se assustaram com a cara marrom do garoto.

- O que foi que houve? – perguntou sua irmã.

- Vocês não viram a nave?

Ele podia falar assim com a família, eles sempre acreditaram muito em extraterrestres.

- Não, estávamos lá dentro.

- Só ouvimos um barulho estranho.

- Então ela chegou perto de você? – adivinhou seu pai.

Ele ia começar a contar mas resolveu entrar. Não agüentava mais carregar o aparelho.

### CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO

O pai de Sábado estava muito feliz. Seu filho, escolhido pelos extraterrestres. Mas primeiro resolveu ficar quieto e esperar Sábado contar o que tinha acontecido. Só não conseguia engolir o sorriso.

Sábado colocou o aparelho no lugar e sentou todo abertão no sofá grande da sala, soltando um suspiro.

- Conta, Sábado.

Era a Mar, ajoelhando-se com toda a sua beleza nos pés do irmão, ficando debruçada na perna dele, que ainda atordoado, descreveu o raio jogado contra ele.

- O que vocês acham?

A mãe dele, depois de um instante olhando para o chão, afirmou:

- Foi uma experiência... extraterrestre. – falou balançando afirmativamente a cabeça.

Seu pai levantou-se do sofá:

- Sábado... (apontou-lhe o dedo). Você vai mudar a partir de hoje.

- Vou mudar?

- Sim. Veja bem. (Colocou as mãos em forma de oração). Eu não acredito que aquela... aquela nave tirou uma foto de você. Eu acho que ela... hmmmmmm, realizou uma espécie de experiência como a mãe falou e agora vai ficar por aí analisando os efeitos em você. Só pode ser coisa boa, extraterrestre é gente boa.

- É, eu sei.

A vida voltou ao normal. Contatos extraterrestres eram o tipo de coisa que não tiraria o sossego daquela família que já vivia viajando pelo espaço.

O som estava ótimo. Parecia que a queda tinha melhorado seus componentes. Talvez fosse coisa do disco voador.

No dia seguinte começou a descascar. O rosto de Sábado ficou horrível. Passava o tempo todo tirando a pele morta do rosto e passando uma forte escova no corpo. Ele nunca tinha ficado daquele jeito, não era normal em ninguém. Quem começa a descascar no dia seguinte e no corpo inteiro?

Sábado pegou todos os livros sobre extraterrestres que a família tinha em casa e releu. Não achou nada semelhante. Mas notou que precisava relatar o caso para as autoridades ufológicas. Achou o endereço de um grupo de ufologia na zona sul da cidade e foi até lá.

Era um escritório cheio de fotos e artigos sobre ufologia, até alguns desenhos de seres que sempre deixava Sábado intrigado: seria possível seres de outros planetas semelhantes a nós? Isto levantaria a hipótese de sermos parentes, mesmo assim a evolução do planeta deles seria exatamente igual a nossa. No passado, povos registraram casamentos entre terráqueos e “filhos de deuses” ou coisas assim. Veja o Gênesis da Bíblia, por exemplo. Dizem até que Jesus Cristo seria o resultado do cruzamento entre Maria e um ET. Para o José não ter se sentido traído, poderiam ter feito simples inseminação. Coisas que Sábado havia lido.

Sábado entrou na sala do chefe onde havia mais duas pessoas. O chefe ligou uma câmera de vídeo para registrar o depoimento.

Depois conversaram. Um deles lembrou que houve um caso semelhante ao de Sábado, mas a vítima simplesmente derreteu. Isso mesmo, como manteiga na frigideira. Derreteu. Mas logo em seguida disse que o fenômeno poderia ter sido inventado, baseado no filme “O Incrível Homem Que Derreteu”. E completou:

- Sábado, as atitudes extraterrestres são muito diversificadas. A coisa mais rara são dois contatos idênticos. O cara começou a derreter no mesmo dia. Para você já fazem três. Como você se sente?

- Eu me sinto ótimo. Nunca me senti tão bem em minha vida. Parece que eu fiquei mais leve. E estou com uma grande energia.

- Isso também é preocupante. – disse o chefe. – seu sistema orgânico pode ter sido alterado. Você está disposto a passar uns dias conosco fazendo uns exames?

- Acho que sim. Pode ser.

- Está ótimo. Primeiro gostaríamos de recolher mais depoimentos. Quem mais você disse que viu o fenômeno?

- O bairro inteiro.

## CAPÍTULO 4 - A VISÃO

Sábado voltou para casa. Passando por uma banca viu a notícia do fenômeno na primeira página de um jornal. Comprou-o. Havia várias descrições diferentes mas todos concordaram que era uma esfera de luz que começou azul, ficou colorida e muito brilhante e voltou a ficar azul, sumindo no céu.

Naquela mesma noite viu na TV uma rápida reportagem, mostrando também alguns rostos conhecidos do bairro. Ainda bem que ninguém se lembrou dele, pensou aliviado.

E ele era a figura central do contato.

O raciocínio de Sábado descobriu uma coisa: se as aparições extraterrestres fossem constantes, as pessoas mudariam os seus valores humanos. Ficariam muito chateadas com o atraso científico e mental da humanidade. Por isso as autoridades sempre desmentem a existência de seres de outros planetas.

Mas como explicariam aquela aparição no bairro de Sábado? Alucinação coletiva de quinhentas pessoas? Um fenômeno meteorológico? Quem sabe um meteoro de borracha que bateu na terra e voltou para o espaço?

Mesmo segurando muitas informações, as autoridades não conseguem esconder um número de evidências que seriam suficientes para que a humanidade tivesse certeza de que não está sozinha no Universo.

De manhã, apareceram os ufólogos que Sábado contantara. Ele os apresentou para seus pais e Mar e conversaram bastante sobre muitos assuntos.

Naquele dia Sábado teve prova na escola. Fez em cinco minutos. E era uma prova de história, que exige muito da cabeça. Mistura de memória, conhecimentos de português e raciocínio. Mesmo que Sábado duvidasse de 80% do que aprendia com aquela professora, fez a prova com entusiasmo.

No mesmo dia, à noite, Sábado ficou desligado do mundo. Enquanto a família estava na sala assistindo tv, ele ficou no sofá, olhando a janela, completamente apagado.

Sábado arregalou os olhos. Chacoalhou a cabeça: acordou. Levantou, bebeu água e foi para o quarto. Deitou na cama, ficou o olhar no teto e apagou novamente. Viu as estrelas. Ele subia em direção a elas. Mesmo assim a terra subia mais rápido e Sábado ficou no meio das nuvens. O ozônio fez o céu ficar azul e as estrelas sumirem.

Ele viu sua irmã. Mar...

Ele viu seus pais. Pai... mãe...

Ele viu sua namorada. Val...

Ele viu sua vida. A humanidade está errada. A vida é para sempre. A vida se expande, se expande. Nada tem limite.

De repente, acordou. Levantou, foi ao banheiro, lavou o rosto e voltou à sala.

## CAPÍTULO 5 - NA CABEÇA

- Sábado! Sábado! O que foi?

Mar tentava desesperadamente falar com irmão. Sábado, deitado em sua cama, logo depois que o Sol nasceu, gritava a plenos pulmões. Com as mãos na cabeça, revirando-se na cama, contorcendo-se de dor, o rosto cheio de lágrimas.

Seus pais entraram correndo no quarto.

- Minha cabeça! Tá doendo demais!

Saltou da cama. Saiu correndo e foram atrás.

Ele entrou no chuveiro frio. Não resolveu.

- O que nós vamos fazer?

- Leva ele no hospital! – gritou a mãe.

Não havia escolha. O pai foi pegar dinheiro no quarto e voltou mandando Mar tomar conta da casa. Mas quando saíram pela porta da frente a dor de cabeça e Sábado cessou imediatamente.

- Espera... Passou...

- Passou? Como?

- Não sei. Simplesmente a dor passou.

- Não é possível...

Sábado testou entrar na casa novamente. A dor não voltou.

- Acho que vou começar a viver esses fenômenos.

Foi aos ufólogos e eles pediram para Sábado já ficar com eles. Criou-se uma expectativa enorme quanto à saúde de Sábado. O que estava acontecendo com ele? Seu corpo estava mudando a cada dia. Primeiro foi a pele renovada e o aumento de sua energia, causando também uma diminuição na fome e na sede. Além de que sua mente estava trabalhando como nunca, agora estava tendo visões também. O que será que aquela nave tinha lançado contra ele? Que espécie de radiação era aquela? E por quê? Era esperar para ver.

## CAPÍTULO 6 - DR. PALHARES

Ding... Dong... Um jovem médico, aproximadamente 26 anos, abre a porta de seu apartamento com um sorriso.

- Carlão! – diz.

- Fala aí, brother.

Ficaram felicíssimos em se ver, depois de oito anos. Fizeram o segundo grau juntos, mas cada um foi fazer uma faculdade num lugar diferente. Carlão foi estudar direito no Largo São Francisco e Ricardo Palhares, medicina em Campinas. Às vezes, trocavam cartas. Sabendo que Ricardo estava de volta, Carlão foi direto falar com ele.

Foram conversar na sala de estar.

- E aí, quais as perspectivas? – perguntou Carlão.

- Vou fazer uma pós na USP.

- Legal cara. De quê?

- Mesma coisa.

- Medicina legal.

- É. E você? Está no escritório de seu pai?

- Não, não... (sorriu).

- Não vai dizer que você está metido com extraterrestres ainda.

- Bem... estou.

- Você é maluco.

- Eu recebi um convite para administrar uma instituição de pesquisas, financiada por um grupo israelense.

- Israelense?

- É. Rola grana, mano. E é por isso que vim aqui. Preciso de sua ajuda.

- O quê?

- Nós tínhamos um médico trabalhando com a gente. Mas quando ele viu nosso paciente, caiu fora.

- Paciente?

- É, nós temos um laboratório. Fazemos exames com pessoas contatadas. E um foi fazer exames e ficou por lá mesmo. Ninguém sabe do moleque, só a sua família.

- Qual é o problema dele?

- Não posso falar, cara. Você tem que ver.

Carlão e Dr. Palhares chegaram naquela noite no laboratório secreto do grupo. Dr. Palhares aproximou-se do leito onde Sábado era observado.

- As dores voltaram esta tarde. Por volta das 14 horas. Nós lhe aplicamos um forte analgésico e a dor diminuiu até sumir. Foi quando reparamos que sua aparência estava meio diferente. Sua cabeça parecia mais larga. – contou um enfermeiro.

Foi quando Dr. Palhares levantou o lábio superior de Sábado e reparou que os dentes frontais estavam meio centímetro afastados.

## CAPÍTULO 7 - FILOSOFIA QUE LEVA AO NADA

Há algo na vida, uma espécie de dimensão na existência ou seja lá o que for que ao mesmo tempo em que a movimentação faz os homens sofrerem - incompreensão.

Está aí em algum lugar, talvez lá longe, depois dos limites do Universo, talvez seja simultâneo a ele, talvez esteja dentro dos átomos.

O que importa é que aquilo está além da visão do homem comum, aquele que acha que a vida é feita só do que seus olhos vêem e do que seus ouvidos ouvem. Ele acredita em Deus, mas não sabe como. Não sabe acreditar em Deus.

O Universo é feito de imaginação. A existência é um sentimento. Quando é que tudo isso começou? Nunca. O tempo não existe. Não vamos para nenhum lugar. Vamos para frente e para trás ao mesmo tempo. Não temos motivo de existir. Esse é o grande problema. Qual é o motivo? Nenhum. Não há.

Será?

O homem sofre por viver sem saber porquê. A razão é um defeito. Os loucos são felizes.

Qual a cor do Universo? Negro? Branco? O homem não vê sua cor porque não acredita que tenha. Pensar nestas coisas se tornou muito chato para Sábado. Resolveu viver a vida.

Até que um dia ele se tornou “in”voluntário de uma experiência. Seria mesmo uma “experiência”?

O coitado do Sábado, um menino quase comum, vivendo normalmente numa cidade de um país de terceiro mundo abaixo do equador com pais despreocupados e uma mente de grande poder intelectual... Seria isso? Sua inteligência?

Val foi visitar Sábado, mas os pais dele disseram que tinha viajado.

## CAPÍTULO 8 - CORPOS E VIAGEM

Sua largura aumentou em 1/3.

Bem no meio da testa surgia um terceiro olho. O nariz se duplicando, já com quatro narinas. Vários dentes aparecendo. Uma terceira mama. Dois umbigos. Dois pênis. Quatro testículos. Pernas se afastando.

Realizavam todo tipo de exames com Sábado. Os israelenses enviavam qualquer equipamento que o grupo solicitava e Dr. Palhares não saiu mais de lá, observando o paciente 24 horas por dia, tirando alguns cochilos e fazendo muitas anotações.

Sábado permanecia mergulhado na inconsciência, viajando por aí, um estado semelhante ao coma.

Seus órgãos duplos se afastavam. Seus unitários se duplicavam.

Colocaram-no de volta ao seu quarto, com uma sonda para alimentá-lo. Na sua frente, uma câmera de vídeo registrava a duplicação.

Dr. Palhares resolveu esperar a duplicação ser completada. Não havia mais nada a fazer. Naquela tarde, pegou seu carro e voou para Campinas. Precisava de um esclarecimento.

Sábado tomava Sol nas nuvens. Voava numa velocidade muito alta, parecia dar umas três voltas na Terra por hora. Algumas vezes descia alguns pés, vendo melhor os oceanos, as terras poluídas de homens podres, algumas florestas, vários desertos e muitas muitas coisas. Sábado não pensava em nada. Só voava debaixo do Sol. Nem se preocupava em entender. Às vezes via algum acontecimento em sua vida, mas eram só flashes rápidos.

- Oi, tio. – disse Ricardo, cumprimentando seu tio, chefe do departamento de medicina legal da mesma faculdade onde havia estudado.

- Dr. Ricardo, o que faz aqui esta hora?

- Vim falar com o senhor.

- Sente-se.

Sentou-se.

- Tio...

- Sim?

- O Senhor já necropsiou um extraterrestre?

Um minuto de silêncio e os dois caíram na gargalhada.

- Sim, e os americanos me pagaram um grana preta. – brincou o tio de Ricardo.

- Estou falando sério.

- Você veio aqui para isto?

- Sim. É que eu estou acompanhando o caso de um garoto que foi vítima de uma experiência com extraterrestres e... bem... não sei dizer. A literatura não registra nenhum caso semelhante.

Dr. Ricardo Palhares mostrou as fitas de vídeo para seu tio assistir e depois que assistiu, disse:

- Ricardo, estão te pagando para fazer este trabalho?

- Sim. Muito bem.

- Depois que terminar, esqueça. Não é para se lembrar mas dizer que não sabe nada. Simplesmente esqueça.

- Está bem.

Sábado já tinha quatro olhos. Dois narizes, as bocas se soltando.

O momento mais esperado pela equipe: o nascimento das novas pernas.

Um pedaço de carne e osso surgia entre os órgãos genitais externos duplicados.

As funções dos órgãos estavam quase normais, somente a energia era maior, o coração em constante taquicardia, as ondas cerebrais destruindo os sensores, a excreção se repetindo vezes ao dia. A dose alimentícia era aumentada todos os dias.

Duas semanas se passaram.

Sábado andava invisível no meio das pessoas. Via parentes, amigos, assistia tv, tudo como se fosse a primeira vez.

Não se cansava daquela sensação de leveza total no seu corpo. Pesava 0 kg.

Os pés novos se duplicavam de uma forma diferente, como certos órgãos. Era como uma sombra ou mesmo um espelho. O último dedo a aparecer foi o dedão.

Colocaram outro leito. Sábado já estava com os braços caindo daquele.

Sábado agora voltava no tempo. Como uma fita rodando ao contrário. Viu a nave outra vez, viu as pessoas, todo mundo andando para trás...

Sentiu-se decrescendo. Era um bebê. O útero. O corpo da mãe, pelado numa cama ao lado do pai. Subia ao céu. A Terra ficando para trás, para trás, para trás...

Não a viu mais.

Em seguida, ela voltava. Uma floresta. Verde. Deitado numa cabana. Pessoas peladas. Índios. Pulando, cantando em volta de uma grande fogueira.

Os novos braços não nasceram como as pernas. Cresciam perpendiculares ao corpo, como se um saísse de dentro do outro. Já havia mais uma cama.

As coisas grudadas em seu corpo soltaram-se. A respiração muito forte, todo o corpo pulsando, as pernas batendo, os braços.

As molas dos leitos fazendo um barulho infernal. As paredes e o chão tremiam.

Tumulto. Dr. Ricardo Palhares e os assistentes ficaram apavorados. Alguns saíram correndo do recinto.

A primeira explosão: os computadores. Depois os outros equipamentos foram explodindo também.

O teto vai desabar!

Não conseguiram chegar perto dos corpos de Sábado, unidos apenas pelos pulsos. Os corpos pulavam nas camas.

O prédio começou a desmoronar. Pânico. Alguns andares começaram a pegar fogo. O concreto voava.

O prédio de quatro andares veio abaixo, levantando uma grande nuvem de poeira.

## CAPÍTULO 9 - SÁBADOS

Carros com sirene chegaram àquele bairro distante onde se localizava o laboratório secreto. Logo chegou a televisão também.

Os bombeiros apagaram o fogo e iniciaram o trabalho de escavações. Muitas pessoas perambulavam pelo local, curiosas ou em busca de diversão.

Quando o Sol estava aparecendo, ouviu-se um: Shhhhhhhhhhhhh. Ouviram outro ruído.

- É aqui mesmo, vamos lá.

Os bombeiros concentraram o trabalho numa certa região.

Tiraram muitos blocos e apareceram alguns equipamentos eletrônicos retorcidos.

Quando um deles retirou um bloco levou um susto. Com um vidro brilhante e amarelo e curvo despontando por entre os escombros. Todo mundo passou a tirar o que tinha por cima daquela coisa tomando forma de esfera brilhante e amarela. A luz aumentava, todo mundo estava amarelo. Até que repararam algo lá dentro.

Aquilo só poderia ser o responsável pela explosão. Talvez uma experiência de algum cientista maluco.

Dentro da esfera, agora totalmente liberada, com uns 4m de diâmetro, dois gêmeos nus de pé se olhando fixamente. Quase não piscavam. Eram muito mais do que gêmeos. Parecia alguém na frente do espelho.

Um ou outro sobrevivente da equipe do laboratório que conseguiram fugir antes da explosão aproximaram-se do local:

- É extraordinário...

Lágrimas rolavam pelos rostos maravilhados de alguns. A tv filmava. A multidão cada vez maior.

A esfera foi se apagando. Em poucos segundos sumiu, deixando os Sábados soltos no local. Mas eles não deixavam de se olhar.

Vieram cobertores. Eles nem se tocaram. Colocaram-nos em uma ambulância. Ficaram tão chocados que nem se preocuparam com a possibilidade de os corpos estarem radioativos.

Eles continuaram quietos. Foram levados para um hospital. Estavam com a saúde perfeita.

Três meses depois, um furgão preto encostou na frente da casa de Sábado, cheia de gente. Saíram alguns homens de solidéu.

Apareceram os pais dele.

- Fizeram boa viagem? – perguntou o pai de Sábado.

- Pensei que nunca mais trariam nosso filho de volta. – disse a mãe.

Sábados estiveram em Israel.

- Entre aqui. – pediu um deles ao pai de Sábado.

O pai entrou no furgão.

- Há, há, há, acho que estou louco. Estou vendo dois Sábados.

- Não, você não está louco. Seu filho se duplicou. – disse um senhor barbudo com sotaque judeu.

Sábados foram levados para dentro de casa.

“O Sábado tem um irmão gêmeo?”

“Sim, ele tem.” – Isso evitava mais perguntas.

Eles não precisavam se alimentar. Não bebiam água. Não havia expressão. Só ficavam o tempo todo se olhando. Não dormia. Não demonstrava nenhuma reação, nenhum

movimento. Só ficavam lá, com a cara um pouco feliz, serenos. Não tinham cheiro. Pareciam não ouvir nada. Nada lhes interessava.

O pai de Sábado foi agradecer os judeus. O velhinho barbudo disse:

- Decidimos trazê-lo de volta porque o contato foi aqui e acho que aqui ele voltará ao normal. Se houver algum problema, nos telefone.

- Ok, obrigado.

Até que foram visitados por Valéria. E agora? Irmão gêmeo? Não. Então o quê? Ele se duplicou. Dividiu-se em dois. Não acredito. É a verdade. Não acredito.

- Qual é o meu Sábado?

- Os dois. – disse Mar.

Foi embora furiosa, achando que estavam brincando com ela.

## CAPÍTULO 10 - FILHO DO HOMEM

Valéria, a famosa Val, a garota de olhos verdes, colega de escola e namorada de Sábado (dos Sábados) foi acordada naquela noite.

Pulou da cama. Sábado estava no quarto. Não era exatamente ele, mas uma forma de luz semelhante a ele. Seu espírito, talvez. Ou seja lá o que for. O “eu” viajante de Sábado.

- Conheci lugares lindos.

- Sábado...

- Você está assustada? Com seu próprio namorado, minha querida?

- O que aconteceu com você?

- Ah, eu sei lá. Tenho viajado durante semanas ou meses. Vivo por aí, nuvens, espaço, mares. Preciso ir. Logo você me verá outra vez.

Sumiu.

Pela primeira vez em uma semana os Sábados pararam de se olhar.

- Pai! Mãe! Eles não estão se olhando mais!

Mar saiu correndo dentro de casa e trouxe os pais para perto dos irmãos.

Era noite. A mesma hora do primeiro contato. Um deles ficou olhando para o vazio, enquanto o outro saiu à rua.

- Onde é que ele vai?

As nuvens se abriram e de lá surgiu uma esfera azul descendo em direção a eles. Sábado, o que estava na rua, olhava atentamente para ela. Vento, calor, chão tremendo, igual a antes. A nave ficou a poucos metros do chão.

A multidão crescia debaixo da nave. A nave emitiu vários feixes de luz para os lados. Eles giraram e se desprenderam dela. Chegando perto do chão e se transformaram num círculo azul. Sábado subiu, o círculo voltou a ser feixes de luzes giratórias e entraram de volta à nave. A multidão se colocou abaixo da nave.

Do meio daquela esfera azul, gotas gigantes de energia começaram a cair mas mudavam a trajetória, atingindo as cabeças dos presentes. Várias. Bem rápido agora, pois todo mundo saiu correndo. Não eram mais gotas, mas bolas de energia que eram disparadas em todos. Aqueles que eram atingidos não mais corriam. Pois a sensação era excelente, semelhante ao orgasmo. Eles paravam, com um enorme sorriso nos lábios. Suas mentes estavam transformadas. Estavam mais felizes e sábios. A nave subiu.

A família de Sábado foi das poucas pessoas que não receberam as bolas de energia. E precisavam? Pai, mãe e Mar entraram em casa. Sábado estava assistindo televisão.

- Que hora sai a janta? – perguntou.

### PARTE III

#### ALPHA CENTAURI

1

A Terra recebeu mensagens indecifráveis de Alpha Centauri.

Havia antenas apontadas para o espaço em busca de sinais enviados pelas estrelas.

O laboratório mais famoso era o SETI, cuja sigla em inglês acho que significava Busca por Inteligência Extraterrestre.

E tudo o que os malucos que passavam o dia analisando mensagens enviadas pelas estrelas - porque todas mandam - queriam é que um dia uma estrela repetisse uma mensagem tantas vezes que pudessem dizer que a tal estrela tinha vida inteligente e estava enviando uma mensagem.

No dia 22 de julho de 2006, Alpha Centauri - a estrela mais próxima (que na verdade são três: duas gêmeas semelhantes ao Sol e uma anã vermelha) iniciou uma mensagem de três segundos que não parou mais. Começou às 13h02m.

Tentou-se de todas as maneiras decifrar a mensagem, mas era apenas um sinal de rádio

que se encerrou em 15 de agosto, às 21h36m.

Toda a comunidade astronômica mundial ficou intrigada com o sinal misterioso mas não chegaram à conclusão alguma, nem a de que deveriam mandar uma sonda a Alpha Centauri, pois ela só chegaria lá, com tecnologia da época, em 50 mil anos, aproximadamente.

Melhor esperar o surgimento de uma tecnologia capaz de mandar a sonda a tal velocidade que pudesse chegar em 50 anos ou menos. E isso estava longe de acontecer. Talvez não acontecesse no século 21.

O que ninguém esperaria era que o sinal retornasse no dia 22 de julho de 2007.

E mais uma vez, prosseguiu até 15 de agosto.

Se em 2008, a mensagem se repetisse na mesma data, todos estariam certos que Alpha Centauri estaria tentando se comunicar com a Terra. E foi o que aconteceu.

Respondida esta pergunta, surgiu outra: o que fazer com aquele sinal?

Respondê-lo? Como? Se ninguém entendia a pergunta. Talvez devolver o sinal, apenas como uma demonstração de que estávamos recebendo. Isto foi feito.

Em 2009, no entanto, não houve sinal.

Nem tampouco Alpha Centauri enviou réplica à resposta.

A década de 2020-2030 foi dedicada ao desenvolvimento do super propulsor.

A Missão Alpha Centauri, carregando 3 mil astronautas em três gigantescas naves construídas no espaço, seria lançada em 2050, se não houvesse imprevistos.

As naves foram construídas pela ONU, que também seria responsável pela seleção dos voluntários.

Estes voluntários deveriam estar dispostos a passar pelo menos 30 anos no espaço. Para a surpresa da comunidade científica, houve apenas 28 candidatos qualificados. Ninguém queria passar três décadas longe de casa.

A ONU suavizou as exigências. Bastaria curso superior em qualquer área. Mais 72 candidatos inscreveram-se.

Com a nova seleção que eliminaria apenas os doentes físicos e mentais, surgiram 7.256 nomes.

Durante dez anos, o treinamento dos 7.356 candidatos de 124 nacionalidades iria reservar 3 mil cadeiras nas espaçonaves para os melhores.

E o treinamento foi lá no espaço mesmo, na Universidade Espacial, onde as naves estavam sendo construídas.

Além dos 7.356 recrutas, havia também cerca de 600 astronautas veteranos e técnicos construindo as naves e treinando os novos exploradores.

As naves, que originalmente chamavam-se 1, 2 e 3, foram logo apelidadas de Santa Maria, Pinta e Nina.

Não foi possível enviar as naves em 2050. Houve muitas substituições nas equipes técnicas, nos instrutores, mesmo entre os voluntários, pois as desistências, reprovações, expulsões, mortes, chegaram a baixar o número de candidatos a menos de 3 mil.

Houve também dois ataques terroristas que quase destruíram a Universidade.

Pelo menos, o atraso possibilitou o desenvolvimento de propulsores mais eficientes, que levariam as naves a Alpha Centauri em 8 anos.

O certo é que não seria admitido mais nenhum adiamento além de 2.060. Pois havia

gente com quase 60 anos de idade e todo o treinamento não poderia ser desperdiçado. Santa Maria, Pinta e Nina partiram em 15 de maio de 2.061.

É preciso dizer que os telecópios nunca perceberam nenhuma atividade em Alpha Centauri. Havia apenas pequenos planetas inóspitos, afetados pela força gravitacional de duas estrelas.

Quem imaginaria já ter havido vida inteligente ali?

Os oito anos de trajeto a Alpha Centauri foram o mais puro caos.

Apenas Pinta chegou ao destino, com 1.096 tripulantes.

Com defeito incorrigível, Santa Maria ficou à deriva, no espaço e afastou-se da rota. A tripulação foi transferida para Pinta e Nina, na região do cinturão de Oort.

Nina, dois anos antes de chegar a Alpha Centauri, foi destruída pelos próprios ocupantes, durante um ritual suicida organizado por uma seita criada lá dentro.

Pinta não chegou ao fim sem problemas.

Porém, uma segunda missão, de resgate e apoio, estava a caminho de Alpha Centauri desde 2.065, quando souberam do defeito em Santa Maria.

2

Agora vamos falar um pouco sobre Alfa Centauri.

Alpha Centauri são três estrelas que giram em torno de um centro gravitacional comum.

É que até 1915 acreditava-se que eram apenas duas estrelas, mas então descobriu-se (vou tentar descobrir quem) uma terceira estrela, que está ainda mais próxima do Sol e ganhou o nome de Próxima Centauri.

Daqui da Terra, elas parecem todas próximas. Falo a respeito das estrelas da constelação do Centauro (ou melhor dizendo, Centaurus), da qual também faz parte o Cruzeiro do Sul. Mesmo Beta Centauri está bem longe, a 490 anos-luz de distância da Terra.

A proximidade de 4,3 anos-luz faz com que Alfa Centauri seja a estrela mais brilhante da constelação.

Você acha estranho que uma estrela seja na verdade três? E o que me diz de Kappa Crucis, na mesma constelação de Centauri, que tem 218 estrelas? É muito? Então tome esta: Ômega Centauri tem cinco milhões de estrelas. Claro que o caso destes

aglomerados estelares é diferente de Alpha Centauri, que forma uma familiazinha no espaço, pertinho de nós.

3

Os árabes chamam Alpha Centauri de Wazn.

Uma escola portuguesa fala assim desta estrela...

"Os pés [do centauro] são formados por duas estrelas brilhantes: alpha e beta Centauri, também conhecidas pelos nomes árabes de Wazn e Hadar.

Alpha Centauri é melhor conhecida como 'Rigil Kentaurus', ou o pé de Centauro. É um sistema triplo, três estrelas que são as mais próximas do nosso Sol.

Alpha1 e Alpha2 formam um binário. Ficam a 4,393 anos-luz, e são aproximadamente do tamanho do Sol.

A estrela mais próxima é na realidade alphaC, conhecida como Proxima Centauri. É uma anã vermelha com uma magnitude visual de 11.01 e uma distância de 4,221 anos-luz. A estrela tem um diâmetro de 65000 km, cinco vezes o tamanho da Terra. Fica a uma grande distância das outras duas (quase a 1/6 de um ano-luz) e o período orbital estima-se em centenas de milhares de anos. Proxima Centauri cintila com luz irregular, e é considerada como variável ."

(Clube de Astronomia da Escola Secundária Pinheiro e Rosa).

Sabemos que Alpha Centauri tem esse nome graças aos árabes, que guardaram o livro "Coleção Matemática", de Cláudio Ptolomeu, astrônomo grego nascido em Alexandria, no século 2.

Este livro era conhecido no mundo árabe como "Almagesto", que significa "O Grande Astrônomo".

Ora, tudo o que Ptolomeu sabia aprendeu com Hiparco, que aprendeu com velhos gregos que aprenderam com velhos gregos.

Estes velhos gregos aprenderam tudo o que sabiam com velhos fenícios, que aprenderam com velhos fenícios.

A astronomia fazia parte do dia-a-dia dos fenícios, pois eles a usavam para navegação.

E os velhos fenícios devem ter aprendido com os velhos babilônios, que aprenderam com velhos babilônios...

O primeiro astrônomo, no entanto, deve ter sido o primeiro caçador a olhar para o céu e perceber que as estrelas poderiam servir como guia.

Ou seja, as estrelas são o nosso futuro, mas também são o nosso passado, pois sem elas, não estaríamos aqui.

Os árabes chamam Alpha Centauri de Wazn.

Uma escola portuguesa fala assim desta estrela...

"Os pés [do centauro] são formados por duas estrelas brilhantes: alpha e beta Centauri, também conhecidas pelos nomes árabes de Wazn e Hadar.

Alpha Centauri é melhor conhecida como 'Rigel Kentaurus', ou o pé de Centauro. É um sistema triplo, três estrelas que são as mais próximas do nosso Sol.

Alpha1 e Alpha2 formam um binário. Ficam a 4,393 anos-luz, e são aproximadamente do tamanho do Sol.

A estrela mais próxima é na realidade alphaC, conhecida como Proxima Centauri. É uma anã vermelha com uma magnitude visual de 11.01 e uma distância de 4,221 anos-luz. A estrela tem um diâmetro de 65000 km, cinco vezes o tamanho da Terra. Fica a uma grande distância das outras duas (quase a 1/6 de um ano-luz) e o período orbital estima-se em centenas de milhares de anos. Proxima Centauri cintila com luz irregular, e é considerada como variável ."

(Clube de Astronomia da Escola Secundária Pinheiro e Rosa).

Sabemos que Alpha Centauri tem esse nome graças aos árabes, que guardaram o livro "Coleção Matemática", de Cláudio Ptomolomeu, astrônomo grego nascido em Alexandria, no século 2.

Este livro era conhecido no mundo árabe como "Almagesto", que significa "O Grande Astrônomo".

Ora, tudo o que Ptolomeu sabia aprendeu com Hiparco, que aprendeu com velhos gregos que aprenderam com velhos gregos.

Estes velhos gregos aprenderam tudo o que sabiam com velhos fenícios, que aprenderam com velhos fenícios.

A astronomia fazia parte do dia-a-dia dos fenícios, pois eles a usavam para navegação.

E os velhos fenícios devem ter aprendido com os velhos babilônios, que aprenderam com velhos babilônios...

O primeiro astrônomo, no entanto, deve ter sido o primeiro caçador a olhar para o céu e perceber que as estrelas poderiam servir como guia.

Ou seja, as estrelas são o nosso futuro, mas também são o nosso passado, pois sem elas, não estaríamos aqui.

5

Irmão Flávio não era o único religioso da Missão Alpha Centauri.

No espaço, era muito fácil alguém tornar-se religioso. Afinal, você "vê" Deus com mais facilidade do que na Terra, embora os psiquiatras acreditassem na constante diferença de oxigênio no cérebro como fator determinante para todas as "loucuras".

Na Terra, há bilhões de anos, os cérebros de todos os animais adaptaram-se ao percentual de oxigênio na atmosfera.

No espaço, sempre há menos ou mais oxigênio, por isso manter a sanidade é difícil.

Todas as religiões estavam representadas no Sistema Solar, quase na mesma proporção que na Terra. Mas havia também religiões surgidas no espaço, anímicas.

No entanto, algumas seitas eram perigosas, como a Terra-Deusa, que acreditava que o planeta Terra era uma deusa e portanto seus habitantes, anjos.

A Terra-Deusa foi responsável por um dos ataques terroristas a Universidade Espacial.

A seita havia surgido em Marte, enquanto os exploradores observavam a Terra

atravessando a abóboda marciana.

Havia cultos a Júpiter, Saturno, ao Sol, etc.

A criação de seitas ou odesenvolvimento da religiosidade iniciava-se frequentemente após o distúrbio mental mais comum, no espaço, a alucinação visual ou auditiva. Como acontecia na Terra.

Era a chamada Síndrome de São Paulo, pois Paulo foi o personagem bíblico que demonstrou mais nitidamente ter sofrido uma alucinação no deserto sírio, quando se converteu de perseguidor a pastor cristão.

Irmão Flávio também sofria da Síndrome de São Paulo, mas ele imaginava que a síndrome era o mecanismo que Deus havia escolhido para colocar o franciscano na missão de traduzir as mensagens enviadas aos homens.

Não é preciso dizer que muitas pessoas acreditavam que o sinal de Alpha Centauri era uma mensagem de Deus.

Dentro de Nina havia surgido uma seita que defendia a idéia de ser Alpha Centauri um deus ou a morada de um deus. Por isso decidiram destruir a nave, pois acreditavam que aquela mensagem significava "não venham".

6

Stephen Hawking dizia não acreditar em seres extraterrestres por nunca ter visto nenhum. No entanto, o mesmo cientista era capaz de teorizar sobre dez dimensões, sem ter visto mais do que as quatro conhecidas (espaço-tempo).

Talvez Hawking não quisesse admitir a existência de vida inteligente extraterrestre pois esta informação nos remete à idéia da morte.

Diz o inconsciente coletivo que anjos levam os homens para o céu. Esta é uma idéia primitiva, tribal, ensinada às criancinhas até hoje. Se você vir um extraterrestre descendo do céu, não enxergará ali um anjo que o levará ao paraíso?

Por isso, muitos cientistas rejeitavam psicologicamente a existência de vida fora da Terra.

Inúmeras pessoas garantiam ser a mensagem recebida entre 2006 e 2008 fruto de um fenômeno físico, cósmico, que em hipótese alguma teria sido criado por vida inteligente. Mas e quanto aos três segundos idênticos aos nossos segundos? Pesos e medidas são culturais. A contagem de tempo em outro planeta seria diferente da humana. Sobre isso, ninguém encontrava explicação satisfatória.

Iríamos descobrir a verdade, ao chegar em Alpha Centauri.

Que ser seria este? Alguém capaz de aguentar gases mortais para os humanos, atmosfera própria de mundos vulcânicos.

Alguém capaz de aguentar o calor de dois sóis e ausência de noite em grande parte do ano. E quanto à variação da temperatura? Que ser poderia se desenvolver num sistema solar destes?

Alguém vivendo na periferia? Desenvolvendo-se no gelo ou vivendo ao redor de

Próxima Centauri?

Entravam em cena os exobiólogos, a grande ciência desenvolvida no século 21, em grande parte impulsionada pelos três segundos de Alpha Centauri.

Os exobiólogos, originados entre escritores de ficção científica do século 20, eram especialistas em determinar a morfologia de seres vivos que estariam evoluindo em outros lugares do Universo, além da Terra.

Diziam os exobiólogos que não seria indispensável um mundo semelhante a Terra para o surgimento e evolução da vida.

Talvez os alphas pensassem: "Como os seres daquela estrela [que nome eles deveriam dar ao nosso Sol? Irmã Solitária, talvez, já que o Sol era como as duas estrelas gêmeas de Alpha Centauri] conseguem viver num planeta tão cheio de oxigênio venenoso e de água corrosiva?"

Vida não depende de hidrogênio, carbono e oxigênio. Depende apenas da vontade da Natureza.

7

O SETI é uma instituição especializada em busca de vida extraterrestre, mas existem outros radiotelescópios no mundo que ouvem estrelas e todos ouviram a transmissão de Alpha Centauri.

A tradução foi encaminhada a inúmeros linguistas pelo mundo e também a matemáticos e toda sorte de inteligentes, sem que ninguém tivesse chegado a nenhuma conclusão.

Em toda parte do planeta, após 2006, aquele som de 3s, com um intervalo de 1s, foi repetido e até transformado em música.

Havia quem dissesse que havia ao menos uma coincidência. Alpha Centauri tinha três estrelas. Cada segundo equivalia a uma estrela e o segundo de intervalo ao planeta Terra. Mas o sinal não podia ser decomposto em 3 partes de 1 segundo, pois cada trecho continuava pelo segundo seguinte. Tentaram analisar o som através da música, mas chegaram à conclusão que não eram notas musicais.

Havia apenas uma certeza: a duração do som era tão exata que Alpha Centauri certamente estaria querendo se comunicar com a Terra, afinal a nossa contagem de tempo é cultural, não matemática.

- Este é o significado do sinal. - disseram alguns. - Alpha Centauri diz que quer se comunicar com a Terra e o silêncio de 1 segundo é um pedido de resposta.

Antenas terrestres devolveram a Alpha Centauri o mesmo sinal. Mas a estrela nunca o replicou.

A Assembléia da ONU decidiu, em 05 de março de 2015, enviar missão tripulada às estrelas Alpha Centauri, ao mesmo tempo em que determinou às Forças Armadas de todos os países que se preparassem para uma possível invasão alienígena. Quem poderia garantir ser pacífico o sinal enviado pela nossa vizinha?

A tripulação da missão seria científica mas com treinamento militar.

Boatos surgiram aos milhões, como não poderia ser diferente, desde o que era uma brincadeira de hackers, até o que o sinal havia sido traduzido, quando se descobriu que significava uma ameaça de invasão. Sem falar nos místicos religiosos e esotérios, enchergando as mais diversas mensagens cósmicas ou divinas, enquanto outros religiosos garantiam ser a mensagem falsa pois não poderia haver vida além da Terra.

A missão tripulada também foi criticada pois além de ser considerada arriscada demais, já existiam robôs com inteligência semelhante à humana. Mas os seres humanos precisariam desenvolver experiência espacial. O espaço é nosso futuro, teremos que sair da Terra um dia.

- Assiscado mesmo... - diziam alguns. - é uma espécie tão inteligente quanto a humana correr o risco de ser exterminada pelos próprios humanos.

8

Inteligentes? Somos realmente inteligentes? O quanto somos inteligentes?

Já existem projetos de propulsores extra-dimensionais, capazes de levar o homem a qualquer canto do Universo em alguns instantes.

Será construído quando? 2100? 2200? Pouquíssimo tempo.

Antes de 2500 o ser humano estará dominando todo o Universo.

O animal mais inteligente da Terra dominou o planeta.

O animal que dominou a Terra é o mais inteligente.

O ser que dominará o Universo será o mais inteligente.

O ser humano dominará o Universo.

O ser humano é o mais inteligente do Universo.

No entanto, nosso conceito de inteligência pode ser diferente do conceito de inteligência de outro ser.

Há formigas no planeta Terra inteiro e elas podem acreditar que dominam nosso mundo.

Mas, para nós, são apenas insetos.

Um outro ser pode observar a obsessão humana em estar em todos os locais do Universo e pensar que somos como insetos.

9

Alpha Centauri também podia ser chamada Alfa do Centauro, que aliás seria o nome correto em português, só que todo mundo chamava Alpha Centauri mesmo.

Que nome os alpha-centaurianos (ou simplesmente os "alphas", como o povo passou a chamá-los) dariam ao próprio sistema estelar e aos planetas em que vivem?

E que forma teriam?

Muitos exo-biólogos já desenhavam dois tipos de seres.

Os Vulcânicos viveriam nas atmosferas dos planetas interiores, formadas por gases tóxicos para os humanos. Estes gases serviriam como alimento e a inospitalidade dos vulcões teria desencadeado o desenvolvimento da inteligência destes seres. Assim como os humanos tornaram-se inteligentes para sobreviver às mudanças climáticas da Terra. Os Gelados viveriam em Próxima Centauri, alimentando-se dos dejetos da anã e teriam se tornado inteligentes de acordo com o mesmo processo humano. Assim, seriam mais inteligentes do que os Vulcânicos, pois tiveram que literalmente sobreviver ao longo de milhões de anos, em condições absolutamente desfavoráveis, enquanto que os Vulcânicos tiveram que se adaptar, como algumas bactérias fazem na Terra.

Havia uma terceira possível espécie: os Cometários. Viveriam em condições semelhantes à terrestre, em cometas cuja órbita englobaria as duas estrelas interiores. Os dejetos de Próxima Centauri foram transformados em vida nestes cometas (ou em um único cometa), que numa posição privilegiada em relação às duas estrelas interiores, obteriam energia das mesmas.

10

Como deveria ser a nave da missão Alpha Centauri?

Em primeiro lugar, uma nave com autonomia para ir e voltar a um lugar tão longe quanto outra estrela.

Uma nave com um propulsor capaz de desenvolver uma velocidade próxima à da luz. Como a viagem duraria cerca de oito anos, a estadia no sistema estelar deveria durar o mesmo tempo, pelo menos. Em oito anos, a missão iria estudar minuciosamente as estrelas e mesmo que não encontrassem ninguém, voltariam a Terra com inúmeras informações importantes.

A viagem duraria 24 anos, no mínimo.

Portanto, a tripulação deveria ser bastante grande para abranger todos os representantes da espécie humana, uma autêntica comitiva terrestre.

Mas o que aconteceria se a nave apresentasse defeito, se acontecesse algum acidente ou se a tripulação resolvesse destruí-la? Pensando nisto, no lugar de enviarmos uma única nave, decidimos enviar três, pois como a tripulação estava autorizada a se reproduzir, seria preciso bastante espaço. Cada nave carregaria 1000 pessoas mas teria capacidade para 5 mil. As naves estavam autorizadas a capturar cometas para transformá-los em alimento.

As naves só poderiam ser construídas no espaço. Não havia como montá-las aqui e fazê-las vencer a força gravitacional da Terra. Como deslocar ao espaço 50 mil toneladas? Se construído no espaço, o veículo pesaria... zero.

O propulsor teria o objetivo apenas de atingir a velocidade de 100 mil a 200 mil km/s, sem se preocupar em empurrar nada. Não havia atrito nenhum no espaço, apenas a distância média de 4,25 anos/luz a ser vencida.

Não houve uma empresa ou uma universidade estabelecida para se construir as naves, mas todos foram convocados para ajudar a projetá-las, inclusive leigos. Qualquer idéia

seria bem-vinda.

Foi constituído um fundo, administrado pela ONU, pois a construção não seria nem um pouco barata. A estimativa inicial era de que a missão toda custaria inicialmente US\$ 3 trilhões. (Percebeu a presença do número 3 outra vez?).

Como a partida estava programada para 2050, o fundo da missão precisaria levantar essa grana em cerca de trinta anos, ou seja, US\$ 100 bilhões por ano. A ONU juntou os seus 100 países mais ricos e dividiu a despesa em 10 cotas. Os 20 mais pobres destes 100 colaborariam com apenas US\$ 100 milhões por ano. Os 50 intermediários poderiam dar US\$ 200 milhões. Entre os 30 mais ricos, 20 deles enviariam US\$ 1 bilhão. 7 dos 10 mais ricos contribuiriam com 2 a 3 bilhões, somando 20 bilhões e os EUA, Japão e Alemanha mandariam a maior fatia, ou seja, dos 100 bilhões necessários, cuidariam de quase 50%.

Isto não significava necessariamente que 50% dos cientistas e engenheiros eram norte-americanos, alemães e japoneses. Os russos, chineses, indianos, israelenses, coreanos, asiáticos em geral, mexicanos, brasileiros, sulafricanos, neozelandeses... Muitos povos não tinham dinheiro mas tinham tecnologia e idéias.

Muitas empresas e instituições colaboravam como investidores, ou seja, queriam levar equipamentos e técnicas ao espaço para testá-los e explorar comercialmente os resultados. A ONU aceitava as iniciativas.

Depois que tudo ficou pronto, ficou faltando os motores.

Como mandar uma espaçonave a outra estrela a 100 mil km/s?

Até 2025 os engenheiros conseguiram atingir apenas 1000 km/s. Isso ajudou na exploração do próprio Sistema Solar.

11

A luz viaja a 300 mil km/s porque essa é a velocidade máxima permitida no Universo. Existe algo que obstacula a viagem dos corpos no Universo, mas o que poderia ser? Isso

independia de obstáculos concretos. Na Terra ou no espaço a velocidade da luz era a mesma.

A única força que interfere na trajetória da luz é o campo gravitacional dos buracos-negros.

Portanto, a velocidade no espaço era limitada pelos campos gravitacionais dos mesmos.

Alguns cientistas trabalhavam com essa hipótese.

O que é a força gravitacional?

Todos os corpos se atraem, isto é sabido deste Newton. Por que se atraem? Porque a densidade dos objetos define seu magnetismo?

Físicos disseram: "Para construir um super motor para viajar pelo espaço quase à velocidade da luz, é preciso escapar à força gravitacional das estrelas e dos buracos-negros".

Como? Desviando a força e usando-a à favor da nave.

Assim, surgiu a teoria do motor pró-magnético, capaz de transformar a força gravitacional, presente em todo o espaço, em empuxo.

Como ele funcionaria?

Seria semelhante a um motor de explosão.

Um motor de explosão reage o oxigênio com o combustível. A explosão gera energia que move o veículo.

O motor pró-magnético das super-naves da Missão Alpha Centauri retiraria a força gravitacional do caminho e a transformaria em empuxo.

Esse era o motor hipotético.

Restava saber como movimentar o magnetismo do espaço.

- Vamos criar uma broca de anti-matéria.

À frente das naves haveria verdadeiras brocas, como se fossem furadeiras, mas feitas de anti-matéria. Isso abriria espaço na força gravitacional e a nave poderia partir, quem sabe, a uma velocidade maior até do que a da luz.

O problema era que a broca não conseguiria girar a uma velocidade superior à da luz.

Isso faria com que uma parte do campo gravitacional penetrasse na broca, gerando uma espécie de atrito.

A experiência deu certo. Os protótipos eram lançados no espaço a velocidades próximas

à da luz.

O próximo passo seria vencer completamente a barreira gravitacional, mandando a humanidade para os confins do Universo em velocidade inimaginável.

Porém, outros cientistas trabalhavam com conjecturas e especulações sobre propulsores extradimensionais.

12

Pois é, as naves tiveram que ser redesenhadas, pois agora elas deveriam ficar dentro dos propulsores e não à frente.

Deu trabalho mas os custos não foram alterados, pois elas só seriam construídas quando os motores estivessem prontos.

Aconteceram os ataques terroristas, como contei e todos os outros problemas.

13

Sei que o leitor está interessado em saber o formato das naves.

Tinham aspecto cilíndrico. Mas não eram tão grandes como pensavam. 1,5 km de extensão por 300 m de diâmetro.

Poderiam parecer claustrofóbicas, mas o ser humano se acostuma a tudo, mesmo a viver 8 anos ininterruptos dentro de um cilindro.

No entanto, preocupados com a claustrofobia, os engenheiros haviam projetado corredores largos e com teto alto. A gravidade era quase zero (não existe gravidade zero

no Universo). Não havia interesse em criar gravidade artificial pois as estações espaciais no Sistema Solar demonstraram que o ser humano se acostumava a qualquer tipo de gravidade. Além disto, produtos químicos desenvolvidos nas naves, como remédios, tinham melhor qualidade se produzidos a baixa gravidade.

O próprio Irmão Flávio havia nascido em baixa gravidade e não se sentia bem em corpos de alta gravidade ou alta pressão atmosférica.

A pressão dentro das naves era a baixa, comum na naves espaciais. Ou seja, as naves não tinham nada de tão especial, à excessão das turbinas pró-magnéticas.

À frente da nave localizava-se o canhão de anti-matéria.

Logo atrás, o reator de anti-matéria.

Em seguida, o tanque de hidrogênio, que era transformado em anti-matéria. Havia hidrogênio para 100 anos, mas atrás dele havia um reator atômico que poderia transformar qualquer material em hidrogênio, embora as naves estivessem preparadas para capturar cometas, através dos seis braços robóticos que se alinhavam nas laterais das naves. Junto aos braços localizavam-se as ferramentas que seriam utilizadas na transformação dos cometas.

Os conveses das naves distribuíam-se em cinco andares.

No primeiro andar, a produção de comida. Havia uma horta, um pomar, uma granja e um aquário. Mas havia também comida estocada para 50 anos.

No segundo andar, havia suprimentos diversos para a tripulação, como remédios e água reciclada. 1 milhão de litros de água distribuídos em 10 tanques. Mas a nave poderia capturar água de corpos celestes e torná-la potável. Também no segundo andar localizava-se o hospital.

O terceiro andar era o social. Alojamentos, refeitórios e o clube dos tripulantes.

No quarto andar, o controle da missão, os laboratórios e a sala de armas.

No quinto, o pátio das sondas de trabalho. Estas sondas desceriam nos planetas e satélites de Alpha Centauri, além de fazer reparos necessários nas naves, resgatar tripulantes de outras naves ou até mesmo abandonar a missão, pois dispunham de cápsulas criogênicas e estavam programadas para regressar a Terra, caso houvesse alguma tragédia. As sondas foram construídas com material indestrutível.

Também as paredes externas das naves eram recheadas. Além do motor, havia também o gerador de energia elétrica, pois o ser humano vive sem qualquer coisa, menos eletricidade.

A cor das naves? Preta, mas nas laterais havia o mesmo logotipo dos uniformes dos tripulantes: três estrelinhas.

Viajariam afastadas 100 km umas das outras, como segurança.

Os uniformes dos tripulantes, com as três estrelinhas abaixo de seus nomes, no tórax, eram como uma segunda pele, mas totalmente computadorizados. Os membros da missão sentiam-se confortáveis e seguros dentro deles. No peito e nas costas havia cápsulas de oxigênio, água, comida e alguns medicamentos, como analgésicos. Ao sair das naves, os exploradores utilizariam as toucas de proteção, que nunca saíam de seus bolsos e substituíam os capacetes. Os uniformes eram camufláveis. Poderiam ficar brancos, amarelos, vermelhos, azuis, verdes, cinzentos e negros.

O problema é que os uniformes realçavam os formatos dos corpos, desencadeando desejos sexuais em quem não tomasse o inibidor de desejo. E poucos tomavam, mas as relações sexuais não eram proibidas, nem a gravidez.

14

As naves não tinham líderes. O comando terrestre acreditava que seria arriscado largar a administração da nave na mão de uma única pessoa, pois poderia enlouquecer e destruí-la.

Por isso, todas as decisões eram tomadas em conjunto, de acordo com os setores. O

setor científico se reunia e votava nas propostas. A condução da nave também decidia em conjunto sobre possíveis problemas a ser resolvidos. E assim por diante.

Além disto, cada tripulante foi treinado por no mínimo dez anos para resolver problemas.

Obviamente, entre a equipe havia aqueles que se sobressaíam, que possuíam espírito de liderança ou eram mais inteligentes do que os outros.

Na missão Alpha Centauri 1, o mais inteligente e ao mesmo tempo o maior líder era o agente de manutenção Rolando Menares.

Nascido em Angola, filho de engenheiros brasileiros da Petrobrás, voltou na adolescência para São Paulo, onde passou a traficar drogas e foi preso aos 19 anos, ficando na prisão até os 22, quando saiu em liberdade condicional para estudar física na Universidade Espacial e tornar-se um dos tripulantes da Missão Alpha Centauri.

Com os constantes atrasos no lançamento, quase desistiu de viajar a Alpha Centauri, pois estava casado com uma nutricionista e tinha um filho de 5 anos, nascido na Universidade.

Mas a ONU insistiu para que ele não desistisse e levasse a esposa, deixando o filho na Terra, mas ela não quis ir.

E desde que partiu, aos 40 anos, sentia falta de ambos, mas seu filho prometeu encontrar o pai em missão futura.

Rolando Menares era tripulante da Alpha Centauri 1 ou Santa Maria. Lá, desenvolveu relacionamento com a monitora do propulsor Disajef Judo, uma bela moça mongol-italiana que também havia deixado um amor para trás.

15

Lá se foram 14 capítulos de preâmbulos, onde o narrador deu uma certa explanação sobre os preparativos da viagem. Mas acredito que o leitor deva estar muito interessado

em saber o que aconteceu quando a missão chegou ao seu destino.

Ok, não quero mais torturar o leitor.

Ainda precisaria falar sobre os problemas enfrentados antes do lançamento e os problemas que ocorreram durante o trajeto, mas falo depois.

Em que dia, mês e ano exatamente a missão chegou a Alpha Centauri?

Vamos por partes...

Em primeiro lugar, assim como o Sistema Solar tem o cinturão de Oort, cheio de cometas, Alpha Centauri também tem o seu cinturão, mas a meio ano-luz de distância de Próxima Centauri. A missão chegou ali em 02 de novembro de 2067 e batizou, muito adequadamente, como revelarei depois, o cinturão de Finados.

Em 23 de setembro de 2068 chegaram ao Planeta Primavera (mais um nome dado pelos tripulantes), em órbita de Próxima Centauri.

No Planeta Primavera, na verdade, um inverno eterno, largaram as sondas Alpha2.1, Alpha2.2 e Alpha2.3, com a promessa de resgatá-las em um ano.

As sondas pousaram com 30 exploradores.

Às 3h25m, horário de Greenwich, na Terra, do dia 23 de setembro de 2068, humanos pisaram num planeta fora do Sistema Solar pela primeira vez.

16

Estes astronautas pisaram no Planeta Primavera:

Mark Plodermann

EUA

50 anos

exobiólogo

Jim Campos

Inglaterra

52 anos

exobiólogo

Felix Tronn

Israel  
45 anos  
exobiólogo

Martha Zenrui  
EUA  
59 anos  
exobióloga

Anna Zirbowika  
Rússia  
36 anos  
exobióloga

Jake An  
Coréia do Norte  
36 anos  
exobiólogo

Ku Fui  
China  
60 anos  
geólogo

José Perez  
Colômbia  
38 anos  
geólogo

Milton Silva  
Brasil  
47 anos  
geólogo

Giancarlo Luppá  
Itália  
42 anos  
geólogo

Ernst Fieste  
Alemanha  
50 anos  
linguista

Claudia Max

França

58 anos

linguista

Jonas Paba

Etiópia

47 anos

filósofo, matemático e linguista

Dino Perera

Argentina

65 anos

médico

Tony Sysneros

República Dominicana

58 anos

engenheiro eletrônico

Lisa de Souza

Espanha

68 anos

química

Richard Nuns

Bélgica

52 anos

químico

Edgar Tostiees

Holanda

56 anos

químico

Regina Zirlowa

Lituânia

38 anos

psiquiatra

Grace Lubian

Namíbia

46 anos

psiquiatra

Luciano Curz

Uruguai

60 anos

psiquiatra

Manusabe Tohaka

Japão

55 anos

técnico em comunicações

Nika Suzuki

EUA

40 anos

técnica em comunicações

Aron Sannuy

Brasil

50 anos

engenheiro de sistemas

Bianca Portia

Albânia

59 anos

matemática e astrônoma

Paschoal Vandi

Índia

58 anos

matemático e filósofo

Bruce Kay

China

44 anos

geólogo

Antonio Sens

México

55 anos

químico

Frans Klumber

Alemanha

67 anos  
físico

Daisy Valery  
Índia  
58 anos  
especialista em logística

Quando estes cientistas chegaram ao Planeta Primavera eram como uma família, pois estavam juntos há oito anos e haviam sobrevivido a todas as confusões da viagem. Os encrenqueiros, egoístas e malucos foram ficando para trás, desde a Universidade. No trajeto da Missão Alpha Centauri 1, os últimos equivocados também padeceram. O Planeta Primavera tinha 800 km de circunferência. No primeiro sobrevôo a 15 km de altura, em dois dias não viram sinal de vida. No vôo rasante de 300 m que durou oito dias também não. Encontraram uma planície próxima do polo norte e pousaram. Após um mês de busca, não encontraram sinal algum de vida e passaram a examinar a morfologia do planeta.

17

Havia apenas um nave adentrando o mundo alpha-centaurino: Pinta. Santa Maria havia quebrado perto do Cinturão de Oort e Nina havia sido destruída pelos próprios tripulantes no Cinturão de Finados. Em Pinta havia parte da tripulação de Santa Maria, que se dividiu entre as duas naves. Mas apenas 855 tripulantes deixaram a nave. A equipe sabia que 59 pessoas haviam morrido, mas 86 desapareceram durante a evacuação. Em Pinta havia 998 pessoas. Apenas duas mortes, ocorridas durante justamente o processo de resgate da tripulação de Santa Maria. A nave recebeu 420 membros mas dos 1422, apenas 715 chegaram em Alpha Centauri. E foram apenas estes que chegaram ao fim da jornada, pois os tripulantes de Nina haviam enlouquecido e jogado a nave contra um cometa do Cinturão de Finados, pulverizando-a. Próximo a Proxima Centauri havia um planeta com três satélites. As sondas Alpha2.4 a Alpha2.11 ficaram por ali, com 60 cientistas, mas também nada encontraram. Pinta dirigiu-se para as estrelas interiores pois se houvesse vida, só poderia ser encontrada ali.

18

A viagem durou dois meses.

Havia no Universo algo mais belo do que as estrelas gêmeas de Alpha Centauri?

Alpha A e Alpha B eram quase do tamanho do nosso Sol.

Imaginem dois sóis no céu.

Os humanos tiveram vontade de agarrá-las e beijá-las.

Nada era mais fascinante do que aquela visão.

Foram contados 48 planetas. Alguns giravam ao redor do eixo gravitacional, seguindo a mesma direção das estrelas.

Outros planetas giravam ao redor de uma ou duas estrelas.

Da Terra, só haviam enxergado 14 planetas, os maiores.

Mas havia alguns com menos de 5.000 km.

Todos vulcânicos, instáveis, muito quentes.

Haveria muito trabalho pela frente. Pinta ficaria em Alpha Centauri por 8 anos.

19

Quase todas as sondas desceram nos planetas interiores.

Diferente do que imaginou-se, em volta das estrelas não havia nenhum cometa ou planeta com vida, semelhante a Terra.

Não havia nem sequer microorganismos, pelos menos não foram encontrados nas pesquisas iniciais.

Lá em cima, na solitária Pinta, sempre havia ao menos 100 tripulantes que se revezavam com os outros. No final, todo mundo havia descido.

Quatro meses depois, Pinta regressou a Próxima Centauri para recuperar os primeiros cientistas que passariam um ano no local.

E quando chegaram lá, houve uma grande surpresa.

20

Agora preciso contar o que aconteceu com as outras naves.

Quando a missão atravessava o Cinturão de Oort, o motor de Santa Maria começou a derreter.

As naves tiveram que parar para que os engenheiros de Santa Maria tentassem consertar o rombo de 80 metros no casco da nave, que na verdade, era a parede do motor.

A nave possuía placas metálicas para cobrir justamente estes possíveis buracos na estrutura da nave, mas quando o motor foi religado, a nave rachou e só não explodiu porque o motor foi desligado imediatamente.

Não havia alternativa.

Toda a tripulação sobrevivente teve que dividir-se entre Pinta e Nina, embora dezenas tenham desaparecido.

Uma comissão entrou em Santa Maria para tentar localizar os desaparecidos, mas como havia o risco de Santa Maria explodir, abandonaram a nave e seguiram viagem, não sem antes analisar o risco das outras naves racharem também, mas esse risco foi afastado.

A caixa-preta de Santa Maria (sim, a Missão Alpha Centauri tinha caixas-pretas) revelou uma falha na equalização da transformação magnética.

Melhor explicando: o motor da nave calculava a intensidade da força magnética que entrava no captador à frente da nave e determinava a intensidade do empuxo.

No entanto, começou a entrar energia demais no captador, mas a nave não reduziu o empuxo, causando o derretimento e em seguida a lesão.

Isso serviu de lição aos tripulantes mais uma vez: não confie totalmente nos robôs. Pinta e Nina decidiram monitorar a equalização com olhos humanos, embora os engenheiros tenham resolvido reforçar a estrutura do casco da nave na região dos transformadores, 50 metros próximos à saída da turbina, além de reconstruir os refrigeradores, para que o acionamento fosse mais rápido.

A Terra recebeu a informação da perda de Alpha Centauri 1 em 2065.

Em 2066 seria lançada a Missão Barnard. Idêntica a Alpha Centauri, mas com equipamentos mais avançados e pessoal melhor treinado e mais experiente com viagens interplanetárias.

Com os inúmeros problemas relatados pela Missão Alpha Centauri, converteram a Missão Barnard em Missão de Resgate e Apoio a Alpha Centauri ou Missão Alpha Centauri 2.

As três naves tiveram atribuições divididas. Barnard 1 tornou-se Nave de Resgate, pois investigaria o acidente com Santa Maria e tentaria localizar sobreviventes ou os corpos dos desaparecidos. Barnard 2 e Barnard 3 foram transformadas em Nave de Apoio 1 e Nave de Apoio 2.

Muito mais rápida que as primeiras, Missão Alpha Centauri 2 chegou no Cinturão de Oort no início de 2067 e largaram a Nave de Resgate lá para tentar achar Santa Maria. Em Nina, a seita que surgiu lá dentro resolveu jogar a nave contra o Cinturão de Finados. Isso aconteceu em 02 de novembro daquele mesmo ano.

As Naves de Apoio 1 e 2 chegaram no Cinturão de Finados em 2070 e perceberam que uma das naves estava destruída por ali. Havia milhões de destroços formando um apavorante arco em meio aos cometas do Cinturão.

A Missão decidiu que a Nave de Apoio 2 ficaria por ali para investigar o

acidente, sendo renomeada para Nave de Investigação.

A Nave de Apoio 1 passou a se chamar simplesmente Nave de Apoio e continuou em direção às estrelas alphas.

Era a Nave em que estava o Irmão Flávio, com um mal pressentimento.

Seu pressentimento tornou-se terror, quando chegou ao Planeta Primavera e ninguém respondeu a seus chamados.

Foram vistos muitos objetos no Planeta Primavera, mas as sondas não estavam ali.

- Abandonaram o planeta às pressas.

Chegando no centro do complexo estelar, também observaram objetos abandonados em vários planetas e satélites, mas nem sinal das sondas ou da nave Pinta.

- O que deve ter acontecido? - perguntavam a Irmão Flávio, pois perguntavam tudo a ele.

- Abandonaram o local às pressas. Mas por quê? - Irmão Flávio devolvia a mesma pergunta, pois não entendia o porquê.

Quem deveria responder à pergunta seria Doutor Euclides Viana, o homem mais inteligente entre todos os seres humanos.

Doutor Euclides entendia de todos os assuntos.

Nascido na Terra, órfão, morou nas ruas de Salvador, no Brasil, até os 16 anos de idade, quando decidiu entrar na escola e dez anos depois, era formado em matemática. Foi só o começo. Ingressou na Universidade Espacial e aos 30, estava no comando informal da Nave de Apoio 2 e, conseqüentemente, no comando informal técnico de toda a missão, pois Doutor Euclides era consultor de todos os assuntos técnicos, enquanto Irmão Flávio era o consultor espiritual da Missão.

Doutor Euclides nutria profunda admiração e respeito por Irmão Flávio, pois sempre recorria a ele quando pensava que iria enlouquecer. A admiração e respeito de Flávio por Euclides era a mesma, além de depositar no cientista toda confiança.

- Vamos regressar ao Cinturão de Cometas de Alpha Centauri. - sugeriu Irmão Flávio. (Chamavam assim pois não conheciam os nomes que a primeira missão havia dado aos corpos de Alpha Centauri).

Antes que pudessem votar na proposta, o Centro de Comunicações da Nave de Apoio apareceu com uma informação inacreditável.

- Os senhores não vão acreditar. - anunciou Paul Kim, taiwanês de 25 anos (a Missão Alpha Centauri 2 tinha membros muito mais jovens). - A Terra está se comunicando em tempo real conosco.

- Como assim? - todos perguntaram.

É que a Terra havia acabado de criar um tráfego extra-dimensional.

Assim como as naves abriam um buraco na força gravitacional do espaço gerada pelos buracos-negros e estrelas, agora cientistas terráqueos conseguiram viajar por um reflexo do Universo gerado pelo Big Crush.

(Big Crush? Sim, antes do Big Bang houve um Big Crush. Um incalculável buraco-negro que deu origem ao Big Bang, quando começou o Universo).

Assim como os buracos-negros devolviam ao Universo uma parte da matéria que engolia, o Big Crush, numa fração de segundo antes do Big Bang, expeliu uma espécie

de reflexo do Universo que havia engolido.

Nosso Universo caminhava ao lado deste reflexo e poderíamos viajar nele.

21

Ao lado da Terra, a 15.000 km de altura, foi construída a Fonte, como os engenheiros chamavam a catapulta extra-dimensional.

Era o maior objeto jamais construído pelos humanos.

Na Terra havia uma ponte ligando a América do Sul, África e Oceania, mas a Fonte conseguia ser maior ainda. Quando acionada, os dois anéis começavam a girar em sentidos opostos e o clarão iluminava as cidades mergulhadas na noite terrestre. Todos acordavam e contemplavam o magnífico espetáculo celeste.

O objeto entrava ali e era arremessado para algum lugar do Universo, na proporção de 1 ano-luz por segundo.

Portanto um objeto jogado na direção de Alpha Centauri chegaria ali em pouco mais de 4 segundos.

O problema é que o objeto não poderia parar, a não ser que fosse recebido pelo que chamaram de Fonte Remota.

Se mirassem uma estrela, o objeto também seria recebido, mas como é que mandariam uma nave espacial ao interior de uma estrela?

Por isso, poderiam apenas mandar ondas fotomagnéticas (idênticas às que formavam a Tela) na direção das estrelas, que as refletiriam e assim seria possível conversar com espaçonaves que estivessem próximas às estrelas.

Desta maneira, conseguiram falar com Alpha Centauri, enviando instruções para que os engenheiros das naves construíssem a Fonte Remota ali, criando uma ponte instantânea entre os dois Sistemas Solares.

O Centro de Engenharia não teve dúvidas.

Distribuíram as instruções e iniciaram imediatamente a construção da Fonte Remota. 50

sondas ficaram por ali, enquanto a Nave de Apoio regressou ao Cinturão de Cometas para encontrar a Nave de Investigação e relatar as ocorrências.

22

A Universidade Espacial, que havia projetado e construído a Fonte, não estava satisfeita.

Havia o projeto da Auto-Fonte, que seria uma Fonte capaz de se construir por si própria, após informações refletidas pelas estrelas.

- Poderemos chegar nos planetas galáticos em até dois dias. Até aí tudo bem. O problema é que levaremos mais de um ano para chegar nas galáxias mais próximas.
- Voltaremos à estaca zero. Missões espaciais não podem durar mais do que um ano.
- Sim, mas para chegar nas galáxias mais longínquas, como galáxias situadas a mais de 1 bilhão de anos-luz, levaremos centenas de anos.
- Vamos continuar pesquisando. Deve existir uma maneira de escapar à todas as dimensões e viajar a qualquer ponto do Universo em menos de um segundo.

23

Meu caro leitor, preciso contar algo sobre Santa Maria, do contrário, não vai poder entender o restante da história.

Em primeiro lugar, uma revelação que guardei para contar agora: você sabia que uma resolução da ONU havia determinado que todas sondas e naves que pousassem em qualquer corpo celeste em que não houvesse nenhum tipo de vida deveria deixar ali insetos, fungos e outros microorganismos?

Isto fazia parte do Projeto Semear Cósmico, que tinha como objetivo garantir a sobrevivência da vida terrestre no Universo, caso fôssemos destruídos.

Havia o mini-ecossistema em todo o Sistema Solar e agora também em Alpha Centauri, onde se teve certeza da não ocorrência de vida, como no Planeta Primavera.

Parte dos organismos morria na chegada, mas alguns, preparados, continuavam lá e se adaptavam.

Se você quiser visitar Marte é melhor não ter medo de baratas.

Pois bem, voltando a nossa história, a Missão de Resgate vasculhou o Cinturão de Oort em busca de Santa Maria, mas não a localizou.

Teria se desintegrado totalmente?

Não, pois haveria vestígios do mesmo jeito.

Localizaram os vestígios do acidente, mas alguns milhares de quilômetros adiante, o rastro simplesmente sumira.

Frearam a Nave de Resgate e concluíram:

- Neste ponto, Santa Maria desapareceu. Mas o que teria acontecido exatamente com ela?

24

Doutor Euclides tinha uma característica curiosa.

Muitas vezes ficava estático olhando para as estrelas, com os braços cruzados ou com uma mão segurando o queixo.

Ficava assim horas e ninguém o incomodava, pois todos sabiam de uma coisa: ele estava pensando.

E cada pensamento seu trazia grandes resultados.

Observando as três estrelas de Alpha Centauri a olho nu, reuniu a tripulação da Nave de

Investigação e anunciou:

- Eu sei o que significa o sinal enviado em 2006. Significa "não venham a Alpha Centauri".

Ninguém teve dúvidas do que significava o sinal, mas todos queriam saber o porquê da tradução realizada por Doutor Euclides.

- Como surgiu a comunicação humana? - perguntou Doutor Euclides e alguém respondeu:

- Foi durante o período glacial. Os caçadores deixavam mensagens entre si.

- Ou seja, comunicavam-se que não estavam mais ali e estavam indo para outro lugar. - explicou Doutor Euclides.

- Isto significa que os alphas nos avisaram que estavam indo embora de Alpha Centauri e não deveríamos vir aqui?

- Correto. Eles sempre souberam de nossa existência, desde que passamos a transmitir ondas de rádio pelo espaço. Mas nunca vieram aqui pois na cabeça deles estes sinais significavam "não venham para a Terra". No caminho entre a Terra e Alpha Centauri não encontramos nenhuma nave dos nossos vizinhos e aparentemente o local está desabitado, como vemos pelos telescópios.

- E a Missão Alpha 1 parece estar desaparecida também.

O que fazer? Investigar ou fugir?

Doutor Euclides pensava: aconteceu alguma coisa aqui que fez toda uma civilização ir embora. Os primeiros humanos chegaram e sumiram também.

Um grupo de voluntários decidiu entrar no complexo, através de sondas e contar a descoberta a Nave de Apoio.

Algumas semanas depois, quando estavam quase se encontrando, visualizaram Pinta retornando a Alpha A e Alpha B. Tentaram se comunicar com Pinta, mas não tiveram resposta.

As sondas entraram na Nave de Apoio, que seguiu Pinta.

A Nave de Investigação também havia visto Pinta e a estava seguindo.

Pinta parecia ter visto a Nave de Apoio, pois reduziu a velocidade e fez a manobra de acoplamento.

- Devemos abrir a escotilha?

- Melhor termos certeza de que não há perigo.

Enviaram um robô para Pinta, com o objetivo de captar imagens do interior da nave.

O robô aproximou-se de algumas janelas e transmitiu imagens da tripulação de pé, quase em posição de sentido, em silêncio absoluto e com os rostos serenos.

Um deles viu o robô e fez um sinal com o braço direito, girando-o próximo da orelha e todos os astronautas humanos sabiam que este sinal significava "Pode abrir a porta pois está tudo bem".

- Vamos colocar as toucas.

Na Nave de Apoio, todo mundo retirou a touca do bolso e colocou na cabeça, pois ela poderia protegê-los de qualquer contágio.

A tripulação de Pinta estava evidentemente com problemas. Não seguiram nenhum procedimento de acoplagem, além da manobra.

As naves foram acopladas e quando já iam abrir a escotilha, Doutor Euclides, na Nave de Investigação próxima do local, entrou em contato com a Nave de Apoio.

- Não abram! A tripulação de Pinta está tomada por parasitas! Desacoplem!

Ninguém desobedeceria ao Doutor Euclides.

- Desacoplar! - gritaram dentro da Nave de Apoio.

Não deu tempo.

A escotilha da Nave foi destruída com o explosivo de emergência da escotilha de Pinta. Este dispositivo poderia ser usado caso a porta da nave que estivesse sendo abandonada emperrasse.

A explosão feriu vários tripulantes, que caíram no chão.

A Nave de Investigação afastou-se. Prepararam-se para combate. Mas não imaginaram que teriam que combater outros humanos...

Em alguns minutos, o parasita espalhou-se pela Nave de Apoio, contaminando a todos, pois a touca não tinha poder de obstruí-lo.

Como a Nave de Apoio tinha melhor qualidade que Pinta, todos os tripulantes contaminados passaram para esta nave e foram em direção às obras da Fonte Remota.

26

- Por que os contaminados voltaram? – alguém perguntou.

A tripulação da Nave de Investigação estava chocada.

- Se o parasita chegar no Sistema Solar, contaminarão todos os humanos. – outro comentou.

- Por que não vieram atrás de nós?

- Porque sabiam que iríamos destruí-los.

- O que deve ter no centro de Alpha Centauri?

- Vamos segui-los e atirar neles.

- Na verdade... - iniciou Doutor Euclides. - Uma nave não pode atingir outra. Há dispositivos de segurança que não podem ser removidos.

- É mesmo...

- Vamos seguir a Nave de Apoio e ver o que acontece. Não podemos chegar perto deles. Nem podemos encostar em nada aqui neste Sistema. - orientava Doutor Euclides. - É por isso que os alphas foram embora. Esse lugar está infestado de parasitas.

Alguns meses depois, viram a Fonte Remota quase pronta.

- O que é isto? – perguntaram-se.

- É uma construção humana... - deduziram ao observar sondas em volta do objeto.

Os engenheiros da Fonte Remota entraram em contato.

- Que bom que voltaram. Venham nos ajudar a terminar a construção da Fonte Remota.

- O que é a Fonte Remota? - perguntaram da Nave de Investigação.

- O pessoal da Nave de Apoio não contou? É uma ponte extra-dimensional, vamos voltar para a Terra em 4 segundos.

As velhas teorias de 100 anos dos buracos de minhoca e das supercordas enfim tornadas realidade, pensou Doutor Euclides.

- Senhores, aqui é o Doutor Euclides. Prestem muita atenção no que vou dizer.

E Doutor Euclides contou que os tripulantes de Missão Alpha Centauri 1 e os tripulantes da Nave de Apoio estavam tomados por um parasita e caso chegassem à Terra, poderiam contaminar todos os humanos.

Irmão Flávio, quieto até então, mas com o cérebro também tomado pelo parasita, falou:

- Colegas, vocês conhecem o Doutor Euclides. Ele não está se sentindo bem novamente.

Como os engenheiros da Fonte Remota eram da equipe de Irmão Flávio, preferiram acreditar nele, pois o psiquiatra já havia tratado Doutor Euclides algumas vezes.

- Que vamos fazer? - perguntaram-se, desesperados, o pessoal da Nave de Investigação, sentindo-se impotentes.

Não poderiam destruir a Nave de Apoio nem a Fonte Remota, pois as armas nem sequer poderiam ser acionadas.

Irmão Flávio pediu para todas as sondas entrarem na nave de Apoio e quando os engenheiros saíram das sondas, imediatamente foram contaminados.

Agora havia muito mais gente e equipamento para terminar a construção da Fonte Remota.

Em menos de um dia ficaria pronta.

Mas Doutor Euclides tinha um plano.

27

Algumas horas depois, A Nave de Investigação, que havia se afastado, retornou vagorosamente e aproximou-se da Fonte Remota.

Os contaminados não se importaram, pois sabiam que nada poderiam fazer contra eles nem contra a Fonte Remota.

A Nave de Investigação acoplou-se à Fonte. Como esta não era grande como a Fonte primária, lá na Terra, cabia apenas uma nave por vez e a Nave de Apoio já estava lá dentro.

Quando tudo ficou pronto, a Fonte Remota foi ligada e os dois anéis começaram a girar em sentidos opostos, gerando o famoso clarão ofuscante.

Só neste momento um robô dentro da Nave de Investigação terminou o procedimento de auto-destruição. Não poderia terminar antes pois os parasitas iriam perceber.

Mas o arremesso era muito mais rápido do que Doutor Euclides imaginava.

Quando os anéis começaram a girar, em dez segundos a Fonte estava pronta para despachar o que estivesse em seu interior.

Quando a auto-destruição da Nave de Investigação destruiu também a Fonte Remota, a Nave de Apoio já estava a caminho da Terra.

28

Ao meio-dia do dia 26 de outubro de 2071, a Fonte começou a girar sozinha.

O comando da Fonte não esperava isto. Significava que alguém estava chegando sem avisar e só poderia vir de Alpha Centauri.

Não havia instruções na planta da Fonte Remota para que o pessoal de Alpha Centauri retornasse, ainda mais sem programar antes.

- Quem está chegando? - perguntaram na sala de comando.

Um dos operadores verificou num monitor que era a Nave de Apoio 1 da Missão Alpha Centauri 2.

- Ótima invenção esta Fonte, ótima invenção... - lamentava ironicamente um dos chefes operacionais da Fonte. - Que Diabo pode ter aí dentro desta nave?

Imediatamente a ONU foi avisada e esta avisou o Comando das Forças Anti-Alienígenas, que até então não haviam tido trabalho nenhum.

29

Desde 2021 havia os boinas-roxas, soldados da ONU que formavam o Comando das Forças Anti-Alienígenas, com quartéis no Sistema Solar todo, preparados para enfrentar as mais poderosas forças alienígenas que resolvessem invadir nosso sistema.

Os boinas-roxas sabiam que alienígenas poderiam chegar em naves gigantes e com armamento nuclear, por isso havia monitoramento além da órbita de Plutão e também além do eixo do Sol, na circunferência perpendicular [como Alpha Centauri, que se localiza na direção do eixo meridional do Sol]. Se alguma espaçonave dotada deste tipo de armamento se aproximasse, a ordem era destruí-la sem perguntar nada. Não poderíamos correr o risco de deixar entrar no Sistema Solar alguém com uma bomba nuclear debaixo do braço.

Mas os boinas-roxas, espertos, sabiam que a ameaça poderia ser microscópica ou biológica. Alguns exobiólogos acreditavam que certos vírus e bactérias eram de origem extraterrestre. Haviam vagado milhões de anos pelo espaço e chegado a Terra, utilizando seres vivos como hospedeiros. Afinal, qual o objetivo de um microorganismo

ao entrar num corpo e se reproduzir? Eles têm consciência de que deixam os seres doentes? Claro que não, seu único interesse é continuar seu ciclo de vida.

A ameaça microscópica era a mais complicada de ser monitorada. No lugar da profilaxia, como faziam com o monitoramento anti-nuclear, desenvolveram contra-ataques e vacinas inteligentes, capazes de detectar a presença de um microorganismo nocivo ao corpo e destruí-lo.

Mas eram vacinas quase inteligentes, pois às vezes pensavam que objetos benéficos como remédios ou fetos eram agressivos ao corpo e os destruíam. Muitas pessoas recusavam-se a tomar as vacinas inteligentes por isso.

Havia também a ameaça invisível. Poderíamos ser invadidos por seres que nossa inteligência não poderia detectar. Alguns destes seres poderiam ser inocentes, interessados apenas em arranjar um lar. Outros poderiam ver os humanos como inimigos e tentar nos destruir para poder sobreviver.

Enquanto alguns poderiam nos parasitar. Utilizar nossa espécie e nosso Sistema Solar ou nosso planeta Terra para viver, tornando-nos escravos.

30

E por falar nisto, a Nave de Apoio acelerou em direção à Terra, sem cumprimentar os funcionários da Fonte.

123 mil quilômetros dali, a Torre, como os boinas-roxas carinhosamente chamavam a Estação de Vigilância Orbital Terrestre, estava em alerta laranja.

O cruzador Alaska, construído pelos americanos, que costumava ficar estacionado na Torre, quando não estava em treinamento, partiu quase à velocidade da luz, em direção a Nave de Apoio, colocando-se à frente dela.

Também tentaram comunicar-se com a Nave, sem obter resposta.

- Preparar para acoplamento. - ordenou Capitão John Morales, norte-americano de 35 anos e boina-roxa desde os 20.

O cruzador Alaska iniciou a manobra de acoplamento, posicionando-se acima da Nave de Apoio. Era como uma formiga subindo num elefante.

A Nave de Apoio continuou do mesmo jeito, aproximando-se vagarosamente da Terra, como fazia em Alpha Centauri, quando se aproximava de algum objeto espacial.

Precisaria colocar-se a cerca de 300 km de altura, antes de lançar as sondas.

E era isto o que o Alaska estava imaginando, que a Nave de Apoio estava se aproximando da Terra para que as sondas descessem. Mais uma prova de que estavam numa posição ameaçadora. O esperado era que as naves interplanetárias regressassem a seu pátio original, a Universidade Espacial. Por qual motivo a tripulação da Nave de Apoio estava em silêncio absoluto e queriam descer diretamente na Terra?

Munidos de seus lançadores de nitrogênio (versão espacial para o fuzil automático), os robôs do Alaska entraram na nave, mas a tripulação contaminada estava do mesmo jeito. Todo mundo de pé, sem se mexer, olhando para os robôs tranquilamente. Os robôs

retornaram, mas quando reentraram no cruzador Alaska, toda a tripulação, incluindo o Capitão John Morales, estava contaminada pelo parasita.

31

O cruzador Alaska, como todas as espaçonaves militares, era preparado para entrar em atmosferas, como a terrestre. Por sinal, havia sido construído na Terra mesmo, em Seattle, nos EUA.

O major James Valche, na Torre, tentava comunicar-se com o Alaska, aproximando-se dos EUA simultaneamente às 50 sondas da Nave de Apoio, descendo em 50 locais diferentes na Terra.

Vários caças subiram para interceptá-las mas quando receberam ordens para congelá-las com seus raios de hidrogênio, as sondas resolveram falar.

- Solicitamos permissão para pouso de emergência. Há várias pessoas feridas necessitando atendimento médico com urgência. Nós nos machucamos na Fonte.

Quanto ao cruzador, afirmaram que levavam os mais feridos para um hospital em Los Angeles.

As naves pousaram e abriram suas portas.

32

Jamais houve na Terra uma epidemia tão veloz e incontrolável, como durante a invasão do parasita de Alpha Centauri.

A contaminação ocorria na ordem de 10 metros por segundo.

Em um minuto, um raio de 600 metros de contaminação.

1 hora, 36 km.

Ou seja, Los Angeles estava quase inteiramente contaminada pelo parasita em apenas 1 hora.

As outras cidades contaminadas na primeira hora foram:

Nova York.

Quebec.

México.

Havana.

Bogotá.

São Paulo.

Buenos Aires.

Santiago.

Cidade do Cabo.

Lagos.

Cairo.

Bombaim.

Lisboa.

Londres.

Berlin.

Pequim.

Seul.

Tóquio.

Sydney.

Wellington.

Paris.

Roma.

Bruxelas.

Viena.

Moscou.

Kiev.

Nova Delhi.

Argel.

Atenas.

São Petersburgo.

Rio de Janeiro.

Assunção.

Lima.

Luanda.

Osaka.

Miami.

Vancouver.

Chicago.

Houston.

Recife.

Salvador.

Teerã.

Riad.

Tel Aviv.

Istambul.

Helsinque.

Budapeste.

Barcelona.

Lusaka.

Algumas pessoas que estavam em locais fechados não foram contaminadas imediatamente, mas acabaram sendo contaminadas depois.

O sintoma era sempre o mesmo.

Os doentes tornavam-se catatônicos e andavam pelas ruas espalhando o parasita. Todos abandonavam seus afazeres, abandonavam seus postos, seus veículos, suas casas e

empresas e também começavam a andar pelas ruas.

Mesmo bebês.

Os animais também começaram a seguir os contaminados.

E não adiantava nada fugir ou atirar nos contaminados, pois o parasita havia encontrado na atmosfera terrestre seu veículo propagador mais eficiente.

33

Em um dia, a propagação havia atingido mais de 800 km de raio.

A Europa foi o primeiro continente totalmente contaminado no primeiro dia.

O parasita absorvia a inteligência dos humanos, colocando-os a seu serviço. Estes utilizavam a mentira para penetrar nos esconderijos mais isolados.

Muitos contaminados fingiam que não estavam contaminados apenas para se aproximar dos sadios, contaminando-os também.

O espaço também estava sendo contaminado, mas o parasita tinha mais dificuldade de se aproximar dos habitantes do espaço, pois onde não havia ar, os contaminados precisavam chegar perto dos sadios.

Inúmeras colônias estavam resistindo, mas logo descobriram que simplesmente matar os hospedeiros não destruía os parasitas, que os contaminavam do mesmo jeito.

No segundo dia, o espaço estava em guerra.

Uma guerra absurda, sem objetivo, pois ninguém conseguia saber quais naves estavam contaminadas e quais não estavam, já que os parasitas continuavam utilizando o expediente da mentira para se aproximar dos sãos.

Isto fez com que ninguém mais confiasse em ninguém. A melhor maneira de continuar vivo era se afastando o mais rápido possível de outras naves, pois a aproximação de uma delas poderia significar ameaça de contaminação.

O lançador de nitrogênio logo foi abandonado, dando lugar ao raio laser e raio eletromagnético, que desligava qualquer equipamento, como espaçonaves.

O parasita, no entanto, utilizou a Fonte para chegar a alguns pontos do Sistema Solar, exceto aqueles onde a Fonte Remota havia sido destruída, como em Saturno e Plutão.

Mas isso não trouxe muitos resultados, pois os alienígenas conseguiram chegar em todos os pontos do Sistema Solar em poucos minutos, após tomar algumas das naves

mais velozes.

34

Após uma semana, todo o Sistema Solar tinha a presença de humanos contaminados pelo parasita misterioso de Alpha Centauri.

Algumas pessoas ainda estavam escondidas. Mas seria uma questão de tempo para que reaparecessem, pois iriam necessitar de suprimentos.

Ninguém poderia abandonar o Sistema Solar, pois os parasitas haviam tomado as naves interestelares da Missão Alpha Centauri 3 e Missão Barnard (que seria a Missão Barnard 2, antes que a Missão Barnard se convertesse em Missão Sírius).

O que os parasitas tentavam, a todo custo, sem muito sucesso, era encontrar o projeto da Auto-Fonte, que havia sumido das 27 instituições que trabalhavam no novo mecanismo de lançamentos espaciais.

Os cientistas que desenvolviam o projeto estavam escondidos em algum lugar da Terra. Iriam guardar o projeto dentro de sua própria cabeça, pois haviam destruído os arquivos.

Tentariam evitar que os invasores encontrassem o projeto, pois em pouco tempo chegariam nas galáxias mais próximas.

Um dos cientistas, Abrahan Jadefudifmanja, nascido em Titã e que vivia na Terra desde os 28 anos, a convite da Universidade de Tel Aviv (porque era de origem judaica), era matemático.

Um dia antes da invasão, havia enviado mensagem ao Departamento de Matemática da Universidade, que ajudava no desenvolvimento da Auto-Fonte, informando haver descoberto uma maneira de cancelar o tempo da viagem dentro da Auto-Fonte.

Ele se preparava para sair de casa, num confortável bairro residencial de Tel Aviv, quando foi invadida por oito boinas-roxas que o retiraram da cozinha, o colocaram num jato que estava pousado no seu jardim e o levaram para o esconderijo.

Sentado numa cadeira, comendo um sanduíche, Jadefudifmanja pensava: "Jamais vou revelar minha idéia a ninguém".

Ele não sabia que se fosse contaminado, o parasita encontraria a idéia dentro de seu cérebro.

35

Apenas um general sabia da existência do bunker subterrâneo no meio da Antártica.

Lá no miolo da Antártica havia um laboratório soviético de análise do gelo, com centenas de metros de profundidade. Ficava perto do Polo Sul.

Com o fim da União Soviética, em 1991 e as conseqüentes dificuldades financeiras da Rússia e das ex-repúblicas, o laboratório foi gradativamente desativado, sendo comprado pelo Exército dos EUA, em nome de uma universidade americana.

A ONU designou o general Felix Costanopolus para construir um bunker secreto, em local que não deveria revelar nem à própria ONU, onde deveria esconder algumas das pessoas que considerasse chaves para manter a integridade humana, caso a Terra fosse invadida por alienígenas.

Durante seis meses, Costanopolus estudou alguns locais e recrutou 60 homens para seu pelotão.

Apresentando-se como chefe de um centro de estudos de armas biológicas, Costanopolus adquiriu, junto ao Exército, o comando do laboratório soviético na Antártica e lá seus homens construíram o bunker, ao passo em que identificaram cerca de 150 pessoas que seriam levadas ao local, em caso de invasão alienígena.

No momento em que o General Costanopolus recebeu o informe do Comando Anti-Alienígena de que a Nave de Apoio havia regressado a Terra, através da Fonte, sem avisar e não estava respondendo aos chamados, entrou em contato com seus 60 soldados, dizendo apenas uma frase:

- O Sol se apagou. Atenção, soldados, o Sol se apagou.

Este era o código.

O pelotão foi dividido em 10 grupos. Cada grupo tinha apenas um minuto para resgatar cada pessoa. Como eram 150 humanos-chaves, em 15 minutos, os dez jatos do General Costanopolus já estavam a caminho da Antártica.

Algumas destas pessoas estavam em áreas contaminadas na primeira hora. Demorassem alguns minutos mais, a missão não teria sucesso nenhum, pois levariam o parasita para dentro do bunker.

Entre os 150, havia os 14 cientistas dedicados ao projeto da Auto-Fonte, que pediram aos oficiais do grupamento que destruíssem as anotações e arquivos. Foi feito segundos antes da partida dos jatos, pois estavam treinados para isto também.

Dentro do bunker, os 150, juntamente com os 61 militares, estavam apreensivos e deprimidos. Todos imaginavam estar perdendo seus familiares, na medida em que assistiam transmissões da Tela.

A Tela era uma mistura de televisão, internet, rádio, cinema, imprensa, que havia surgido em 2038 e existia em todo o Sistema Solar.

Projetada em toda parte, funcionava com sinais manuais que geravam uma tela foto-magnética audiovisual a frente do espectador, onde poderia realizar milhares de serviços.

A Tela funcionou por algumas horas, até que os projetores foram desligados pelos parasitas.

Os 211 ficaram isolados.

General Felix Costanopolus tomou a palavra.

36

- Senhoras e senhores, em primeiro lugar acalmem-se e sentem-se.

Os 150 estavam impressionados com um auditório onde as cadeiras estavam com seus nomes.

- Podem se sentar nas cadeiras reservadas ou em qualquer lugar.

Poucos sentaram-se em cadeiras onde haviam seus nomes. Os outros sentaram-se em qualquer lugar pois estavam mais preocupados com seu futuro e com o futuro da humanidade do que em achar as poltronas com seus nomes.

- Eu sou o General Felix Costanopolus. Todos aqui entendem inglês? Se não entenderem, podem pegar fones de ouvido ao lado das poltronas pois vamos traduzir os discursos em cinco idiomas. Inglês, francês, espanhol, chinês e russo. E também no dialeto espacial.

Abrahan ficou aliviado, pois entendia melhor o dialeto espacial do que outros idiomas, principalmente em situações de stress.

O dialeto espacial era uma mistura dos idiomas mais comuns no espaço com gírias que haviam surgido entre os cosmonautas.

Por exemplo "tchu-tchu", que tinha inúmeros significados, como "Hora do almoço". Nas missões interestelares, o dialeto se intensificou de tal maneira que alguém no Sistema Solar não seria capaz de entender o que duas pessoas que passassem vários anos isoladas numa jornada longínqua estivessem conversando. Não é preciso dizer que algumas estações tinham gírias próprias. E quanto mais isolada fosse a estação, mas gírias continha. Por exemplo, as quatro estações em Plutão, que não se comunicavam em tempo real com a Terra, já haviam quase criado um dialeto próprio. No século 21 ninguém nasceu em Plutão. (Só houve gente dando à luz nas estações orbitais da Terra, Lua, Marte, Júpiter e Saturno. Em solo extraterrestre, apenas na Lua e Marte; eram lugares preparados para receber gestantes e crianças. Quando uma mulher engravidava

fora destes locais, imediatamente era removida para estas estações. Não havia interesse em sacrificar crianças, fazendo-as nascer em locais tão inóspitos quando as estações exteriores de Urano, Netuno e Plutão - no entanto, era necessário continuar a vida humana durante as missões interestelares). Plutão tinha que esperar em média 15 horas para estabelecer contato com a Terra. Portanto, a comunicação era feita em massa. Todos os dias, um bloco de dados era recebido da Terra e um outro bloco de dados era devolvido por Plutão. E já que as estações não conversavam com mais ninguém em tempo real, não demorou a surgir uma linguagem própria no local.

Voltando à Antártica...

- Somos um grupamento de resgate de pessoas-chaves para o prosseguimento da espécie humana, durante invasões alienígenas. Todos vocês devem ter ouvido falar neste grupamento, mas ele sempre foi negado pela ONU. Nós não fazemos parte dos boinas-roxas. Nem prestamos conta a nenhum Exército. Somos um grupamento secreto mantido pela ONU. Mas apenas eu sei das atividades deste grupo, juntamente com os 60 homens que os resgataram hoje.

Estamos no laboratório do gelo abandonado pela Rússia, na Antártica.

- Que bom, estamos em casa. - disseram os cientistas russos que estavam entre os 150.

- Estão vendo isto aqui? - Costanopolus tirou uma barata do bolso. - Não é uma barata de verdade, é um robô espião. No entanto, é idêntica a uma barata. Se for esmagada, vai ficar daquele jeito que as baratas ficam quando são esmagadas. Dezenas delas vão sair pelo planeta, investigando a situação da invasão e depois retornarão ao nosso esconderijo. No entanto, se formos descobertos, explodiremos tudo aqui, pois pelo que vimos hoje, os alienígenas estão controlando as nossas mentes. Eu não vou ser controlado por alienígenas e não vou permitir que nenhum de vocês também sejam. Não sei quanto à opinião de vocês, mas eu sou militar. Eu prefiro morrer do que ser escravo de alienígenas.

Mas todos revelaram ter a mesma opinião.

- Dependendo do que acontecer lá fora, tomaremos as medidas necessárias. Tem 211 pessoas inteligentes aqui dentro que poderão descobrir um jeito de salvar a humanidade.

Depois disto, os 150 conheceram seus alojamentos e conheceram as outras instalações.

- Uma pergunta. - disse um dos cientistas para um oficial. - Temos provisões para quantos dias?

- Podemos ficar aqui para sempre. - respondeu.

Então os notórios humanos se lembraram que viajar pelo espaço ou para dentro do planeta exigia quase a mesma tecnologia. Perceberam que as instalações eram semelhantes às naves interestelares que alguns deles haviam projetado anos antes.

Após a primeira reunião, no entanto, General Costanopolus chamou os projetistas da Auto-Fonte numa sala reservada.

- Eu não quis falar na frente deles. Parece que os alienígenas estão procurando por vocês. Apenas vocês têm o projeto da Auto-Fonte.

- Sim, mas isto não significa que não podem desenvolver o mesmo projeto. - disse Abrahan.

- Acho que não é preocupante. Os alienígenas não parecem muito inteligentes. Eles apenas aproveitam uma parte do cérebro dos hospedeiros, apenas a parte que garante sua sobrevivência. Mas acredito que se vocês forem contaminados, vão descobrir o projeto da Auto-Fonte e se espalhar pelo Universo.

- Não podemos continuar vivos. - disse José Maria Oliveira, astrônomo português.

Outros concordaram que deveriam ser sacrificados.

- Senhores, prestem atenção. - Iniciou Costanopolus - Eu me tornei militar para proteger a humanidade. Nem todos os militares têm a mesma visão que eu, mas eu tenho esta. E sinto que minha obrigação é combater este parasita alienígena de alguma maneira. Eu tenho uma sugestão a vocês: construam a Auto-Fonte aqui dentro. Vamos sair do Sistema Solar e isolá-lo ou talvez destruí-lo, para que o invasor não chegue mais a nenhum outro sistema planetário.

Os 150 foram reunidos e Costanopolus passou a instrução a eles.

Que coisa... A Fonte, lá no espaço, a milhares de quilômetros de altura, tinha quase o tamanho da Antártica e havia custado trilhões de dólares.

E o General Costanopolus queria construir uma Fonte mais avançada ainda dentro de uma caverna, sem recurso nenhum

Ok, mãos à obra. Não havia tempo a perder.

Se você, leitor, começou a ler este livro no começo, deve se lembrar que quando o parasita entrou na Nave de Apoio, não encontrou resistência nas toucas de proteção, penetrando-as.

Lá no bunker antártico, os 211 não sabiam que o parasita já havia dominado todo o gelo e procurava frestas microscópicas nas paredes do abrigo, além de tentar se fortalecer para penetrar suas paredes.

Não levou uma semana para que ele conseguisse invadir o abrigo e capturar todos ali dentro.

Agora o parasita sabia como construir a Auto-Fonte, mas não sabia como cancelar o tempo e acelerar a viagem, pois Abrahan estava enganado.

38

Todos os seres humanos na Terra e no Sistema Solar estavam dominados pelo parasita, à exceção daqueles que morreram em combate.

O parasita era um desgraçado que conseguia evoluir muito rápido. Conseguiu se alastrar com mais velocidade e penetrar em qualquer objeto.

E agora estavam construindo a Auto-Fonte, lá na Terra mesmo, no deserto do Saara.

Todas as fábricas do mundo dedicavam-se a construir espaçonaves velozes, daquelas que viajavam quase à velocidade da luz, para contaminar todos os planetas do Universo.

A Auto-Fonte era criada da seguinte forma:

A Terra mirava uma estrela, através do reflexo do Big Crush. Junto com a Luz, enviava também átomos decompostos que se reaglutinavam formando Fontes Remotas.

Obviamente as Fontes Remotas da Auto-Fonte eram muito diferentes das Fontes Remotas originais. Enquanto as primeiras eram construídas fundindo-se placas sólidas (como fizeram o pessoal da Nave de Apoio, em Alpha Centauri, transformando objetos na Fonte Remota), a Auto-Fonte era como uma única gigantesca molécula. No caso, de ferro, que era o minério mais abundante na Terra. Mas poderia ser formada de qualquer outro átomo.

Os parasitas esperariam pacientemente os quatro meses que duraria a construção da Auto-Fonte no deserto da Líbia.

Mas os parasitas não conseguiriam aguentar tanto tempo antes de eclodir.

39

O ser humano tem uma gestação de nove meses. Após esse período, o bebê nasce em qualquer lugar, pois a genitora não pode impedir seu nascimento.

Os parasitas eram mais ou menos assim. Até conseguiam segurar a gestação, mas não por quatro meses.

Decidiram eclodir-se aos poucos.

Primeiro com os animais.

As raízes azuladas fixaram-se na terra, enquanto galhos e folhas avançavam no ambiente, transformando, em questão de segundos, os animais da Terra em plantas azuladas com tamanhos equivalentes a dez vezes o dos hospedeiros.

Em seguida, eclodiram os bebês e inválidos e todos aqueles que não participavam da construção da Auto-Fonte ou dos veículos que seriam colocados lá dentro.

Alguns dias antes da conclusão da Auto-Fonte, humanos em todo o Sistema Solar estavam transformados em plantas azuis.

40

Então o mundo acabou? - pode pensar o leitor.

O Universo acabou? Foi totalmente dominado por parasitas?

E como é que estou vivo aqui, lendo este livro? E como o narrador sobreviveu para contar a história?

Calma, meu amigo ou minha amiga.

Você está se esquecendo de alguns detalhes:

1 - Onde foi parar a nave Alpha Centauri 1?

2 - O que aconteceu com a Missão Barnard 1 (Missão Sírius)?

3 - Onde foram parar os habitantes originais de Alpha Centauri, que abandonaram o sistema?

4 - O que aconteceu com Doutor Euclides Viana e a tripulação da nave de investigação?

Portanto, tranquilize-se, pois esta história está muito longe de acabar.

41

Você se lembra que mais de 80 pessoas haviam desaparecido, durante o resgate da tripulação de Santa Maria?

Elas, na verdade, se esconderam, pois queriam ficar ali a deriva no espaço, por todo o sempre, considerando que estavam verdadeiramente sob os desígnios de Deus.

Temos comida e água. Vamos ficar por aqui, girando pelo espaço, pois alguma coisa vai acontecer. Deus vai aparecer ou vamos todos morrer.

Os perdidos de Santa Maria passavam o dia cantando músicas religiosas (ou o que eles acreditavam que fossem músicas religiosas, cantando palavras aleatórias ou inventadas na hora). Comiam a comida estocada, quando se lembravam que estavam com fome e esgotavam o reservatório de água, pois o reciclador estava desligado, já que não havia energia elétrica na nave, nem ninguém se lembrou de ligar nas baterias de emergência.

Estas baterias, que geravam luz e calor automaticamente, logo se esgotariam e a nave mergulharia na escuridão.

Os tripulantes enlouquecidos, vítimas da crescente queda no oxigênio, que se perdia no espaço, começavam a viver toda sorte de alucinações.

Mais assassinatos, mais suicídios, mais estupros, mais surtos psicóticos, como já havia acontecido em menor escala durante a jornada da Missão Alpha Centauri 1.

Ao menos uma alucinação todos viram ao mesmo tempo: uma espécie de aranha de um metro de altura que havia surgido no Clube dos Tripulantes e estava parada ao lado da piscina, movendo um dos cinco membros vagarosamente de cada vez, como se fosse uma aranha mesmo esperando alguma coisa.

42

A nave 1 da Missão Barnard 1 que foi transformada em Nave de Resgate da Missão Alpha Centauri 2 e transformada em Missão Sírius seguia seu rumo solitário em direção a esta estrela. Sírius não era a estrela mais próxima da Terra, mas era estrela mais próxima do local onde estavam, próximos da rota alpha-centaurina, no eixo meridional do Sol.

Os mil jovens tripulantes da Missão Sírius achavam que o nome da nave (Missão Sírius) era muito impessoal e elaboraram um concurso para decidir o nome com o qual batizariam a nave.

O agente de manutenção dos robôs Dan Kse, nascido em Marte de pais nascidos nas Ilhas Maldivas, pensou:

"Embora Ptolomeu fosse grego, ele podia ver Alpha Centauri, tendo registrado no seu Almagesto o nome da estrela. Não estamos mais indo para Alpha Centauri mas só estamos aqui por culpa da mensagem enviada por Alpha Centauri em 2006, para onde nossos colegas da Missão Barnard original estão indo. Por isso, em homenagem a Ptolomeu e a nossos amigos, nossa nave deverá se chamar Almagesto".

Venceu o concurso.

A Missão Sírius passou a se chamar Almagesto.

E já que a nave se chamava Almagesto, resolveram batizar aquele ser silencioso e inofensivo que apareceu na piscina do Clube dos Tripulantes, semelhante a uma aranha de cinco pernas e um metro de altura, de Ptolomeu.

43

Doutor Euclides foi o primeiro humano a ter certeza que o parasita de Alpha Centauri era uma ameaça à espécie humana.

Colocou todos os tripulantes da Nave de Investigação nas sondas e as acoplou, formando uma única nave circular.

Fez a nova nave passar pelo eixo gravitacional das estrelas gêmeas de Alpha Centauri, ganhando um impulso violento que a arremessou num ponto seguro do Universo - o trajeto para lugar nenhum.

Sim, lugar nenhum, ele explicou aos preocupados companheiros.

- Em que lugar o parasita vai procurar seres vivos, incluindo nós, humanos? Em lugares onde haja algo, onde haja estrelas ou nebulosas ou seja lá o que for. Então vamos vagar por lugar nenhum e nunca seremos achados.

- Mas, Doutor Euclides, isto é semelhante à morte.

- Não é. Vamos viver congelados. De tempos em tempos vamos nos revezar e sair da criogenia até termos certeza de que achamos um lugar seguro para viver. Então enfrentaremos o parasita.

A equipe da Nave de Investigação, foragida nas sondas acopladas, resistiu e após muita discussão, chegaram à conclusão que Doutor Euclides estava certo. As sondas não tinham provisões para mais de um ano, mas em estado de criogenia, os membros poderiam sobreviver por milhares ou talvez milhões de anos.

Mercedes Hernandez, filipina, foi escolhida por Doutor para ser a próxima a ficar

acordada, quando o matemático resolvesse "dormir".

Euclides botou todo mundo para dormir, num momento emocionante, como um pai botando os filhos para dormir como se fosse a única maneira de sobreviverem.

Quando fechou a última cápsula, o baiano olhou para sua própria cápsula e foi fazer um café (seu maior prazer).

Ele pensou: "Tenho comida e água para 500 anos. Mudei de idéia. Vou ficar acordado, tomando conta dos últimos humanos, até não aguentar mais. Daqui uns 50 anos, acordo Mercedes".

44

Não demorou muito para Doutor Euclides entender como funcionava o contágio do parasita.

- É intramolecular. Então o parasita é uma radiação. Uma radiação... Inacreditável... No século passado as pessoas pensavam que os extraterrestres eram homenzinhos verdes de olhos gigantes, mas os primeiros seres inteligentes que encontramos tem a forma de radiação, enquanto os outros que fugiram tem um pensamento contrário ao do ser humano. Como podemos contra-atacar, meu Deus, como podemos contra-atacar... Já que precisam de seres orgânicos ou ao menos podem utilizar seres orgânicos como os humanos, então os parasitas são formados por radiação que se multiplica dentro dos seres vivos. Como uma radiação se multiplica dentro de uma célula?

45

Doutor Euclides morreu antes de acordar Mercedes. Como resultado, ninguém mais acordou durante milhões de anos, até que as sondas acopladas foram recebidas por um gigantesco cilindro, milhares de vezes maior do que as naves interestelares da Terra.

Uma gigantesca mão semelhante ao um pé de pato segurou as sondas e as depositou sobre uma espécie de mesa.

Dentro das cápsulas, a criogenia foi desligada e em algumas horas, todos já estavam acordados. Muitos choraram ao ver o corpo mumificado de Doutor Euclides, ao lado de sua cápsula que nunca havia sido usada.

- Onde estamos?

Os terráqueos perceberam que as sondas estavam pousadas num lugar muito claro e

silencioso.

Do lado de fora, havia um ser humanóide gigante que deixou a todos apavorados.

A tela foi acionada dentro das sondas e surgiu uma mensagem no dialeto espacial.

"Não tenham medo. Estávamos esperando por vocês há muito tempo. Queremos lhes agradecer."

Do que estavam falando? Como conheciam o dialeto espacial? Decidiram responder.

"Quem são vocês?" os humanos perguntaram.

"Nós não temos o hábito de dar nomes às coisas, como os humanos fazem. Podem nos chamar de betas".

"Betas? Por que?"

"Vocês chamavam os habitantes de Alpha Centauri de alphas. Então podem nos chamar de betas, pois somos de Beta Centauri."

Os humanos ficaram emocionados. Perguntaram, ainda através da tela:

- Como aprenderam nossa língua? Como aprenderam a usar a tela audiovisual?

- Milhões de anos atrás, acreditamos que os humanos haviam nos enviado uma mensagem, com instruções para construirmos um artefato chamado Fonte Remota. Tentamos durante muitos anos entender aquela mensagem e através dela, reformulamos toda nossa cultura e nossa civilização. Foi por isso que ficamos parecidos com os humanos, pois tivemos que adaptar nosso corpo aos equipamentos que vocês nos haviam ensinado a construir. Só depois de muitos séculos pudemos entender o que era a Fonte Remota. Também descobrimos que vocês haviam nos enviado a mensagem por engano. Havia enviado a mensagem para Alpha Centauri, mas a mensagem foi projetada pelo espaço e chegou até aqui, sendo captada por nós. No entanto, assimilamos quase completamente a cultura humana, como a linguagem.

Alguns humanos até choravam. Perguntaram aos betas:

- Por que dizem milhões de anos?

- Sim, vocês estão vagando pelo espaço, em círculos, há 23 milhões de anos, aproximadamente.

- E o que aconteceu com os outros humanos?

- Nós visitamos a Terra e não encontramos nada lá, apenas as plantas azuis.

- Que plantas azuis?

- Vocês não sabem? Os parasitas que vocês encontraram em Alpha Centauri utilizou os

corpos humanos e de todos os outros animais como hospedeiros, para que pudessem se reproduzir e se transformar nas plantas azuis. Toda vez que encontram seres vivos em algum planeta eles os dominam e os substituem. Antes eram apenas seres orgânicos animais. Passaram a dominar também vegetais e em seguida até mesmo os não cometários, como nós.

- Não cometários?

- Sim, tanto os humanos quanto os alphas tiveram origem em cometas. Mas há muitos outros tipo de seres no Universo, como nós, que somos pulsarianos.

Sensacional, pensavam os humanos, os betas são muito mais antigos do que os terrestres.

- E o que aconteceu com os parasitas?

- Eles retornam de milhão em milhão de anos, em busca de novos seres, mas sempre nos escondemos. Já dominaram 1/3 do Universo. Não conseguiram dominar os seres vivos que eles não entendem como seres vivos. E eles conseguiram fazer isto com uma invenção humana.

- A Fonte?

- Algo mais evoluído que a Fonte. Uma coisa chamada Auto-Fonte, que se auto-constrói em qualquer parte do Universo sem ferramenta nenhuma.

- Meu Deus!

- Eles encontraram outros seres inteligentes por aí mas nenhum havia desenvolvido um artefato tão sensacional quanto a Auto-Fonte.

- Somos os seres mais inteligentes do Universo?

- Depende do que vocês entendem por inteligência. Alguns seres inteligentes não nos reconhecem como inteligentes, por isso há três tipos de inteligência no Universo: os irracionais como os animais e insetos, que não tem consciência do Universo. Os racionais, como os humanos, alphas, parasitas, betas, que tem consciência do Universo e os supra-rationais, que vivem à margem das Físicas Espaço-Temporal e Extra-Dimensional do Universo e são como deuses. Mas eles nos ignoram categoricamente. Para os supra-rationais, os racionais não são nada.

- Não existem mais humanos no Universo?

- Infelizmente devemos lhes informar que não.

- E quanto aos alphas?

- Também desapareceram desde que abandonaram Alpha Centauri.

Os últimos humanos do Universo estavam com o coração vazio.

- Queremos lhes fazer um convite. - iniciou o beta gigante lá fora, através da tela. - Queremos lhes convidar a vir morar no nosso planeta e reiniciar a espécie humana.

- Como? Vejam o tamanho de vocês e vejam o nosso.

- Aparência não importa. O que importa é atitude. - respondeu o gigante.

Sua nave partiu para Beta Centauri.

No caminho, perguntaram ao beta:

- Você saberia nos dizer de onde veio o parasita de Alpha Centauri? De Alpha Centauri mesmo?

- Amigos, o Universo tem bilhões de galáxias e cada galáxia tem bilhões de estrelas. Quem pode saber o que se esconde em cada canto do Universo?

- Sem considerar que podem existir outros Universos. - disse Mercedes.

46

Voltando no tempo, na Santa Maria, a aranha começou a aumentar de tamanho. Novos braços surgiram e braços surgiram dos braços.

Foi engolindo tudo a sua volta, inclusive os humanos que estavam lá dentro, que tentavam fugir ou ferir o organismo, sem sucesso.

Ele continuou crescendo até ocupar todo o espaço do interior de Santa Maria, quando atravessou a fuselagem da nave e a engoliu inteira também.

Desapareceu num instante e ninguém conseguia entender o que havia acontecido. Mas alguém olhou para fora da nave e percebeu que o Universo havia mudado de cor. A profundidade do Universo estava branca e as estrelas, negras, como se fosse um negativo.

47

O mesmo aconteceu em Almagesto. Também a tripulação entrou em desespero e após Ptolomeu engolir a nave, voltou a ser uma simples aranha de cinco patas, perto da piscina.

Também os tripulantes olharam para fora e viram o negativo do Universo, mas ao lado de Almagesto estava Santa Maria.

A aranha passou a emitir o mesmo som que a Terra havia recebido em 2006 e os tripulantes de Almagesto perceberam que Ptolomeu era um alpha-centaurino.

Enquanto uma parte da equipe analisava Santa Maria, outra parte tentava se comunicar com Ptolomeu

Acionaram a tela a frente de Ptolomeu e mostraram uma ilustração do Sistema Solar e de Alpha Centauri. Mostraram a Terra e pediram para Ptolomeu mostrar o planeta dele em Alpha. Ptolomeu respondeu, enviando um outro som, que os humanos não entenderam.

Perguntaram a Ptolomeu qual o som correspondente a Terra, mas ele não falava nossa língua.

- Temos que ensiná-lo o dialeto espacial. Assim ele poderá nos ensinar sua língua.

Começaram a ensinar Ptolomeu como se este fosse uma criança.

No último andar, discutiam o resgate dos tripulantes de Santa Maria, mas temiam que eles fizessem uma balbúrdia em Almagesto. Havia agora apenas 38 sobreviventes, pois os outros haviam se matado. Decidiram entrar na nave e capturá-los. Seriam levados ao hospital e curados de sua loucura.

48

Foi como capturar cães vira-latas raivosos, mas após algumas horas todos estavam no hospital de Almagesto. Desacoplaram Santa Maria, que continuou girando como uma doida pelo negativo do espaço.

Após alguns dias, conseguiram criar um programa de tradução do idioma de Almagesto e já durante o aprendizado, haviam realizado duas descobertas fenomenais:

1 - A aranha era toda a população de Alpha Centauri. Mais de 600 quatrilhões de centaurinos do tamanho de células, concentrados num único corpo. Era desta maneira que viviam há 2 bilhões, desde que evoluíram do ser anterior, que não viviam junto num único corpo nem era inteligente.

2 - Há 500 milhões de anos, o seu planeta de origem começou a ser engolido por Alpha A, uma das estrelas. Iriam padecer, pois não poderiam sobreviver em nenhuma outra estrela. A Natureza porém desenvolveu neles a capacidade de penetrar numa outra dimensão do Universo, aquela para onde haviam enviado as duas naves humanas. Mas não poderiam ficar ali muito tempo. De tempos em tempos precisavam retornar ao espaço-tempo, como um anfíbio ou cetáceo que volta a superfície para respirar.

Em seguida, relataram a ocorrência do parasita em seu mundo.

Quando o parasita chegou em Alpha Centauri, os alphas, ou seja, Ptolomeu, tentou fugir pelos planetas do sistema. Acreditavam que poderiam fugir pelo tempo que fosse necessário, mas o parasita parecia estar se alastrando através dos dejetos do próprio Ptolomeu. Ou seja, pelo cocô alpha.

Incapazes de viajar longas distâncias na dimensão "negativa" do Universo, que não sabiam explicar, pediram ajuda a Terra. A mensagem de Ptolomeu, diferente do que Doutor Euclides acreditava, significava exatamente o equivalente ao nosso SOS. O fato de possuir exatos três segundos com um segundo de intervalo foi apenas... coincidência! O Universo tem acasos extraordinários...

O parasita se alastrou então por todo o sistema Alpha Centauri e Ptolomeu não teve dúvidas em abandonar o sistema. Do contrário, padeceria sob o parasita.

Ficaram a deriva pelo cinturão de Finados, em busca de seu alimento: carbonatos de ferro, que havia em pouca quantidade ali. Percebendo que não havia muita coisa ali, decidiram pular para o Cinturão de Oort e de lá iriam para o Sistema Solar, onde teriam comida suficiente. No caminho, encontraram Santa Maria e ao perceber que os parasitas começavam a dominar os humanos, decidiram esconder tanto esta nave quanto Almagesto em sua dimensão.

Ptolomeu tinha uma visão longínqua. Enxergava o Universo através desta subdimensão ou dimensão negativa e comunicava-se apenas por uma incrível onda de rádio que viajava o espaço. Esta capacidade existia há 2 bilhões de anos, desde que Ptolomeu era um ser dividido e suas partes viviam em partes diferentes de Alpha Centauri.

- Que faremos agora? - os humanos se perguntavam.

Ptolomeu respondeu que o parasita não poderia penetrar na subdimensão e eles poderiam ficar ali para sempre, onde o tempo quase não existia e os humanos conseguiriam viver milhões de anos sem envelhecer.

49

Voltando a Missão Alpha Centauri 1, no momento em que as sondas de Pinta desceram no Planeta Primavera.

Querem saber o que aconteceu com os trinta astronautas que lá pousaram?

Após um mês começaram a ser contaminados pelo parasita.

Uma outra equipe desceu num planeta interior da anã vermelha chamada Próxima Centauri. Contaminados pelo parasita, também após um mês. Você se lembra do capítulo 19?

"Quase todas as sondas desceram nos planetas interiores.

Diferente do que imaginou-se, em volta das estrelas não havia nenhum cometa ou planeta com vida, semelhante a Terra.

Não havia nem sequer microorganismos, pelos menos não foram encontrados nas pesquisas iniciais.

Lá em cima, na solitária Pinta, sempre havia ao menos 100 tripulantes que se revezavam com os outros. No final, todo mundo havia descido.

Quatro meses depois, Pinta regressou a Próxima Centauri para recuperar os primeiros cientistas que passariam um ano no local.

E quando chegaram lá, houve uma grande surpresa."

Qual surpresa?

No Planeta Interior, os cientistas haviam se transformado em plantas azuis. Partiram velozmente para o Planeta Primavera e resgataram os exploradores, acreditando que estavam bem, mas quando estes entraram na nave, contaminaram a todos os outros.

Pinta decidiu partir para a Terra, mas quando avistaram a Missão Alpha Centauri 2, retornaram para contaminar mais humanos.

50

Os 23 milhões de anos passaram em Almagesto como se fossem 23 anos.

E por incrível que pareça, a civilização que foi criada lá dentro logo se acostumou com o novo mundo.

Mas não deixaram de buscar uma maneira de um dia vencer o parasita, que havia conquistado grande parte do Universo.

Nunca abandonaram a região. Ptolomeu captava seu alimento ora no Sistema Solar, ora em Alpha Centauri e os humanos, no entanto, tinham uma nave interestelar onde produziam tudo o que precisavam para viver.

Após 23 anos, havia cerca de 15 mil pessoas lá dentro. Conseguiram ampliar a nave e ampliariam novamente, pois os 15 mil iriam se multiplicar outra vez.

51

Foi Ptolomeu quem avistou as sondas do Doutor Euclides passando perto de Almagesto.

Almagesto resolveu segui-la.

Muito estranho o fato destas sondas terem reaparecido, após milhões de anos. A curiosidade dos habitantes de Almagesto era incontrolável.

Ficaram extasiados ao descobrir um planeta com seres racionais que não haviam sido contaminados pelos parasitas e que haviam recebido calorosamente os humanos.

- Devemos aparecer para eles? - Almagesto pensava.

Debateram por longos dias e decidiram arriscar.

52

Os sobreviventes das sondas do Doutor Euclides batizaram o planeta dos betas de Terra Beta, pois o planeta era uma versão gigantesca e aquática da Terra.

Tudo aquilo havia sido construído com um projeto de um equipamento humano.

Os betas eram totalmente humanóides, na escala 1:1.000.000 ou mais.

No entanto, seus braços e pernas eram como nadadeiras, pois viviam dentro de um mar heterogêneo. Às vezes ficava branco, às vezes amarelo, azul, verde... Os betas, no entanto, pareciam ficar mais à vontade no mar esbranquiçado, semelhante ao que havia dentro da nave que os havia resgatado, no espaço.

Os humanos foram recebidos como celebridades. Sabe quando um artista famoso chega numa cidadezinha? Foi bem assim.

Todos os betas apareceram para sinalizar. Eles desfilavam na mão do gigante, que os colocou dentro de uma espécie de alojamento e lhes disse, através da tela.

- Podem sair das sondas. Aí dentro vocês tem oxigênio, pressão atmosférica e temperatura adequadas aos humanos. Tudo o que precisarem, é só pedir.

Mas algumas horas depois, o gigante reapareceu com uma notícia:

- Vocês tem visitas.

- Visitas?

- Sim, vocês conhecem a Nave de Resgate da Missão Alpha Centauri 2?

- Claro que conhecemos! Eles partiram para Sírius.
- Não foram. Eles foram salvos pelos alphas, que estão aqui com eles.

53

Agora a salvação do Universo estava nas mãos destes três seres racionais. Humanos - alphas - betas.

54

Nós temos três armas.

Os humanos construíram a Auto-Fonte.

Os alphas conseguem viajar por uma subdimensão.

Os betas conseguem ficar invisíveis aos parasitas.

Com esforço, inteligência e paciência, vamos vencer os parasitas e libertar o Universo.

55

A vida nos planetas começa por volta de um ou dois bilhões de anos de existência.

Foi assim no Sistema Solar, em Alpha Centauri ou Beta Centauri.

É o momento em que um sistema planetário está pronto para gerar vida.

Não importa se esse sistema tem um planeta gostosinho como a Terra ou planetas inóspitos como em alpha centauri ou gigantes líquidos como Terra Beta.

A vida tem que surgir de alguma maneira, como se a vida fosse a verdadeira vocação do Universo.

O Universo surgiu para que surgisse a vida.

Os seres humanos já foram antropocêntricos. Acreditavam não apenas que eram o ser mais importante do Universo, como o único.

No século 20, cientistas garantiam não existir vida em nenhuma outra parte do

Universo, apenas na Terra, por um acaso inacreditável.

Encontramos vida em Alpha Centauri, a estrela mais próxima da Terra e agora, 23 milhões de anos depois, sabíamos que não apenas existia vida no Universo inteiro, como vida inteligente no Universo inteiro, como há formas de vida tão inteligentes que elas nos desprezam completamente, como desprezamos os mais

insignificantes microorganismos.

No século 16, os europeus chegaram aos mais distantes rincões do mundo, com suas caravelas, contaminando populações nativas com seus vírus e bactérias.

No século 21, com suas novas caravelas, o ser humano voltou a espalhar um parasita aparentemente indestrutível, também nos mais distantes rincões do Universo.

Agora, no século 240.000, teríamos que criar um anticorpo, como tivemos que criar nos cinco séculos subsequentes ao início da exploração dos europeus, para que as populações nativas não fossem dizimadas completamente.

Como se combate um parasita, eles pensavam.

Aquele parasita de Alpha Centauri não tinha DNA. Pelo jeito, pelas anotações do Doutor Euclides, inclusive, era um parasita em forma de radiação.

E de radiação só se pode fugir, não combater.

Era impossível capturar uma gota de radiação para analisá-la e criar uma anti-radiação.

Mas poderíamos analisá-la de perto e entendê-la, a fim de que pudéssemos criar um antídoto.

E como chegar perto dos parasitas sem sermos contaminados?

Fácil: através de laboratórios móveis invisíveis.

56

O primeiro passo dos humanos, alphas e betas, foi desenvolver um laboratório invisível.

Eles seriam criados com a tecnologia de invisibilidade dos alphas e betas e lançados nos confins do Universo com a Auto-Fonte, mas não a Alto-Fonte comum e sim, uma Alto-Fonte invisível.

Com o projeto da Fonte Remota, que os betas conheciam de cor e salteado, não foi difícil criar a Alto-Fonte invisível.

Dentro do L.M.I., uma comissão de investigação formada por humanos seria enviada ao

planeta mais próximo, dominado pelas plantas azuis.

57

Chegamos numa espécie de pântano ácido. Um lugar em que nenhum outro ser poderia pisar, à exceção do maldito parasita.

Havia a tal planta azul, com mais de 50 metros de altura, em todo lugar. Isto significava que os pobres seres originais tinham cerca de 5 metros de altura e viviam dentro do ácido.

A cápsula do C.M.I. sobrevoou o pântano, tentando analisar microscopicamente as plantas azuis assustadoras.

Aparentemente eram feitas do mesmo material do local, ácido.

A expedição chegou à conclusão de que deveriam analisar o parasita antes de eclodir.

Para isto, deveriam monitorar a movimentação do parasita pelo Universo.

Voltaram a Beta Centauri para perguntar ao betas como conseguiam enxergar tão longe no Universo.

Sua visibilidade longínqua também tinha surgido durante sua evolução, pois só quem pudesse enxergar longe dentro do mar de Terra Beta, que era milhões de vezes maior do que a Terra, poderia sobreviver.

Era espantoso isso. Os seres vivos rompem com as leis da física para poder evoluir e sobreviver.

Pedimos um mapa da presença dos parasitas embrionários aos betas e eles nos deram.

58

Mandaram-nos a outra galáxia, 8 bilhões de anos-luz dali.

A galáxia tinha só dois bilhões de anos e a vida estava começando a surgir.

O parasita ligou uma Auto-Fonte no centro da galáxia e segundos depois, acionamos nossa Auto-Fonte invisível bem ao lado.

Era revoltante perceber que utilizavam uma nave semelhante às humanas.

Eles chegaram num planeta de rotação ultra-veloz, parecia um pião no espaço.

O C.M.I. ficou na cola da nave deles.

- Vamos entrar na nave.

Entramos.

Havia uma geléia dentro da nave. Que seria aquilo? Um dos seres que haviam capturado em algum lugar, de aspecto gelatinoso? Certamente.

Sony Eberson, exobiólogo, achou ter matado a charada.

- Já sei do que o parasita é feito.

59

Os seres humanos são feitos do que? Carbono, hidrogênio, oxigênio. Ou seja, átomos. Mas dentro de nosso corpo, circula energia elétrica.

Nem os alphas nem os betas funcionam com energia elétrica. Os alphas movem-se com ondas de rádio e os betas com aquela energia das marés do planeta deles, ou seja, vivem literalmente, de inércia. Melhor dizendo, são seres magnéticos. Não fossem os maremotos e vulcões submarinos que há em Terra Beta, eles não existiriam.

Os parasitas são feitos de luz conduzida por raios ultra-violeta. Quando eclodem, os raios ultra-violeta se dissipam e libertam a luz que deforma os corpos que contaminam.

Fazia muito sentido. Num mundo afetado por duas estrelas como Alpha Centauri, a radiação era intensa. Se o parasita não tivesse surgido ali, teria ao menos se desenvolvido ali.

Qual o objetivo de uma estrela? Gerar vida. É para isto que ela existe.

Alpha Centauri havia criado um mecanismo para disseminar vida por todo o Universo.

Então eram as nossas grandes vilãs: as estrelas gêmeas de Alpha Centauri, que amávamos tanto, eram duas terríveis criminosas, interessadas em destruir toda forma de vida no Universo para ficar no lugar delas.

Canalhas! Canalhas! E nunca pensamos nisto antes. Achávamos que Alpha Centauri havia sido vítima, mas era a vilã.

Tudo bem. Na "cabeça" de Alpha Centauri não estavam fazendo nada demais, apenas seguindo sua missão de gerar vida. Pelo jeito, as estrelas gêmeas haviam exagerado.

Só faltava uma coisa: descobrir como combatê-la.

60

A C.M.I. voltou a Terra Beta.

- É o seguinte, amigos. Temos que criar um antídoto para os raios ultra-violeta.
- Fácil. Vocês querem apagar a luz do Universo. - disseram os outros humanos que ficaram no planeta.
- Veneno de cobra se combate com veneno de cobra.
- Há um pequeno problema. - começou um gigante. - O parasita deverá ser destruído de uma vez só. Não se esqueçam que há parasitas em bilhões de galáxias. Teríamos que construir Auto-Fontes em todos estes lugares.
- Temos que descobrir uma maneira de fazer o próprio parasita arrastar o antídoto para dentro de suas casas. É assim que combatemos pragas na Terra. As pragas carregam o veneno para dentro do habitat e mata todo mundo lá dentro.
- Ou seja, temos que criar o parasita do parasita.

Empolgante, empolgante. Iríamos criar um contra-parasita.

61

A cidade abobadada que os betas construíram para os humanos tinha 100 km<sup>2</sup>.

A abóbada transparente que protegia a cidade humana tinha 2 km de altura. Servia para proteger os humanos contra o mar violento de Terra Beta, mas também permitia a entrada dos raios solares de Beta Centauri.

Era uma cidade idêntica a qualquer cidadezinha terrestre, à exceção das cores. Cada rio colorido que passava lá em cima mudava as cores na cidadezinha dos humanos. Logo todos se acostumaram.

Os betas faziam o possível para os humanos se sentirem em casa. Tanto que permitiram que humanos tivessem representantes no Senado de Terra Beta. Pois é, os betas foram tão influenciados pelos humanos que tinham até governo.

Mas a população era relativamente pequena, em comparação com o tamanho do planeta. Aproximadamente 15 milhões de betas.

É que o nascimento de um gigante daquele era complicado.

Os betas tinham rainhas, algo como 1 para cada 100 deles, que gerava um ou dois betas

ao longo de toda sua vida. Não havia mortes.

A única crítica que os betas faziam aos humanos era quanto a sua alimentação. Ficavam horrorizados ao ver os humanos se alimentando de plantas ou animais. Diziam que os humanos eram os únicos cometários que se alimentavam de si próprios, já que para eles, todos os seres que tinham DNA eram uma espécie só. os próprios alphas se alimentavam do mar nutritivo de Terra Beta.

Por falar nisso, os alphas continuaram morando em qualquer lugar, pois se adaptavam a qualquer ambiente. Não tiveram qualquer dificuldade em adotar o mar terra-betano como habitat.

Os químicos humanos ficaram fascinados com esse mar. Havia milhões de moléculas diferentes dentro dele. Num dia distinguiam cem moléculas, no outro dia apareciam mais 100 e assim sucessivamente.

Bilhões de galáxias com bilhões de estrelas com dezenas de planetas e satélites evoluindo por bilhões de anos... Este era nosso Universo.

62

O contra-parasita não foi tão simples de ser criado.

Anos se passaram.

Até que alguém teve a idéia.

A luz não escapa dos buracos negros, não é verdade?

É a força gravitacional dos buracos negros que atrai a luz?

Não.

É que as estrelas ocupam todas as dimensões do Universo. Quando um buraco negro engole uma estrela, ele deixa um buraco no Universo, para onde a luz consegue fugir. Pois a luz não é original deste Universo. É um elemento que veio de outro lugar, de outro Universo ou outra dimensão. E por isso ela viaja a 300 mil km/s, porque passa a vida inteira em busca de uma saída.

Um buraco negro gera a ponte para a fuga da luz em direção a seu lugar de origem.

Temos que criar então uma arma que gere essa ponte para que o ultra-violeta dos parasitas possa escapar e ser banido do nosso Universo.

63

A idéia era simples mas de difícil realização, como foi a Auto-Fonte.

Como criar mini-buracos negros junto a cada colônia de parasitas do Universo?

Sabemos que os átomos podem guardar informações. A memória da tela e dos robôs, por exemplo, era atômica.

Poderíamos programar os átomos a se comportarem como buracos-negros por alguns instantes, o suficiente para o parasita ser expulso.

Sem esquecer de um pequeno detalhe: o parasita estava em bilhões de galáxias.

A solução veio dos alphas.

Em sua subdimensão, o tempo não existia. Os alphas propuseram colocar Terra Beta inteiro dentro de sua subdimensão e lá reproduzir a arma subatômica no Universo todo.

64

O Senado aprovou a idéia.

Levou algumas semanas para os alphas engolirem o planeta inteiro, mas o fizeram.

Lá, as super fábricas líquidas dos betas desenvolveram 100 octilhões de nanorobôs atômicos e os espalharam pelo Universo, através da Auto-Fonte invisível.

65

- Será que já há átomos suficientes no Universo?

- Tem até mais. Pulverizamos inseticida no Universo todo.

66

A estratégia teve efeitos colaterais.

Nos planetas em que o parasita havia acabado de chegar, milhares deles, o ultra-violeta

estava espalhado por todo o ambiente. Nestes casos, o nanorobôs tiveram que passar vários segundos em forma de buraco-negros, o que acabou gerando buracos-negros de verdade, incontroláveis.

Sistemas solares inteiros foram sugados, o que deixou a todos muito tristes.

- Foi como sacrificar animais contaminados.
- Poderíamos ter tentado destruir o parasita sem exterminar sistemas inteiros.
- Esperamos não acabar com o Universo, com estes novos buracos-negros que criamos.

Sim, porque o Universo tinha um número adequado de buracos-negros que garantia sua própria estabilidade. Os buracos-negros eram como um contrapeso. Ou não?

Muitas vezes, teorias apresentavam-se erradas. Os alphas e os betas eram uma prova disto. Os alphas viviam em mais de uma dimensão do Universo e os betas enxergavam o Universo todo. Como era possível? Qual a explicação para isto?

Quando pensamos que demos todas as respostas, surgem novas perguntas.

Os alphas devolveram Terra Beta ao Universo. Haviam se passado dois milhões de anos.

Restava aos humanos visitar a Terra e ver como é que estava lá.

67

O L.M.I chegou lá e percebeu que as plantas azuis haviam morrido. O solo e a água tinha apenas vestígios das raízes.

No entanto, a Terra estava mergulhada numa era glacial.

Deveríamos retornar a nosso planeta deste jeito ou esperar pelo fim da era?

Poderia ser uma era de 50 mil anos ou 50 milhões de anos, quem poderia saber?

Ou poderíamos descongelar o planeta e torná-lo agradável.

Tínhamos tecnologia para tudo, afinal. Não existe desafio insuperável para os seres inteligentes.

Mas e se os parasitas voltassem? Ou se não tivessem sido suficientemente expulsos do nosso Universo?

Vamos vacinar todo mundo, então, colocar um nanorobô dentro de cada pessoa.

68

E assim, os humanos retornaram a Terra, cada um com um mini-buraco-negro-virtual dentro da cabeça.

A Terra estava preparada para ser recolonizada pelos seus próprios moradores de origem.

Todas as nossas instalações estavam ali. Construções e máquinas. As mesmas deixadas ali durante 250 mil séculos. Éram ruínas agora.

Alguns humanos haviam nascido na Terra. Eram os membros originais da Missão Barnard/Sírus.

Estavam velhos e ficaram emocionados ao voltar para casa, 25 milhões de anos depois.

Os 15 mil dividiram-se em 6 grupos, cada grupo ocupando um continente.

Os alphas também voltaram para casa.

69

A noite chegou e a reação de todos foi a mesma. Olharam para o céu, em busca de Alpha Centauri e Beta Centauri.

Mas após 25 milhões de anos, o céu havia se modificado. Havia novas constelações e novas estrelas nas abóbadas celestes.

A constelação do Centauro não estava mais no hemisfério sul.

No entanto, havia uma estrela muito mais brilhante no céu: Alpha Centauri, que havia se aproximado ainda mais do Sol.

Já a Lua havia se afastado e aparecia menor no espaço.

70

Às vezes visitamos nossos amigos alphas e betas. Não existiam outros seres racionais nas imediações. Também éramos visitados por eles e mantínhamos colaboração científica.

Decidimos desligar a Auto-Fonte e deixar as civilizações distantes para lá. Não

deveríamos incomodá-las ou ser incomodadas por elas. No entanto, ainda levariam bilhões de anos para surgirem tais civilizações, porque o maldito parasita havia exterminado com todas. Talvez existissem outros seres invisíveis, como os alphas e os betas, mas jamais saberíamos.

Este era o princípio número um da exploração espacial: uma civilização não deve incomodar outra.

Princípio número dois: uma civilização tem o dever de salvar outra do extermínio.

Foi o que fizemos com os alphas e foi o que os betas fizeram conosco.

71

Os humanos tinham agora outro objetivo.

Reconstruir a civilização humana. Éramos apenas 15 mil e tínhamos apenas mais 5 bilhões de anos, antes que o Sol se transformasse numa gigante vermelha e destruísse a Terra.

72

Tudo bem, sei que exagerei. É que como os humanos haviam vivido 25 milhões de anos, o que equivalia a 0,5% do tempo antes do fim do mundo. Além do que a Terra de fato havia acabado ou seja, a vida na Terra havia acabado e agora estava sendo reiniciada, 25 milhões de anos depois.

Por isso o ser humano estava com um sentimento de urgência em resolvera as coisas da vida, como a continuidade da vida humana ou da vida terrestre.

Como os parasitas haviam destruído até os insetos, só o que havia na Terra agora eram, além dos humanos, os galináceos, peixes e vegetais que nos serviam de alimento, além das bactérias e vírus que nos acompanhavam costumeiramente.

Eu gostaria agora de contar a história de Richard Benkley Jr., meu avô.

Ele havia nascido em Terra Beta e chegou a Terra ainda bebê, no colo de minha bisavó Tereza Grumieri, que era médica. Minha bisavó havia mantido relacionamento com o astrônomo Richard Benkley, da Missão Barnard/Sírius.

Quando chegaram a Terra, vieram morar na região de origem de minha avó, que seria São Paulo, junto com uma das cinco re-colônias que se espalharam pela América.

Nova York, Los Angeles, México, São Paulo, Buenos Aires. Estas seriam as cidades que seriam reconstruídas. Em cada uma delas, trezentas pessoas construiriam suas casas e suas roças, como se fossem os primeiros a chegar na América.

73

Destas 300 pessoas, havia 18 crianças, como vovô Richard Benkley Jr.

Aos 3 anos, ele começou a frequentar a escola, tornando-se historiador, aos 22.

Meu avô foi o primeiro a escrever livros sobre a experiência de seus antepassados.

Iniciou a busca por documentos enterrados, que contavam a história do planeta Terra.

Teve mais oito irmãos, pois as pessoas tinham agora muitos filhos, diferente dos antepassados, que, quando muito, tinham um ou dois filhos.

74

Trinta anos depois do retorno, havia 1.000 pessoas em São Paulo.

Mais trinta anos, éramos 10.000.

Em um século, o número passaria de 300 para 50.000.

Esperávamos reconstituir os 6 bilhões de habitantes na Terra em 500 anos.

75

Meu avô teve 11 filhos.

Meu pai, Tiago Benkley, um deles.

Não quis seguir a profissão do pai. Tornou-se poeta, após ler os inúmeros livros de poema que meu avô havia achado.

Embora tivéssemos aprendido o português, que era o idioma de São Paulo, continuamos falando o dialeto espacial. Continuamos chamando comida de "tchu tchu". Só que era, na verdade, o dialeto da Missão Barnard/Sírius, pois nossos avós haviam passado mais de vinte anos ali dentro.

76

Meu bisavô, Richard Benkley, me convidou a visitar Barnard ou Sírius. Ele tinha esse sonho de ir até lá, pois desde que nascera, tinha esse projeto.

Recusei.

O espaço era traumático para os humanos e poucos estavam interessados em sair do planeta. Quando muito, visitávamos Alpha e Beta Centauri, mas eu mesmo nunca quis sair daqui.

Passei a maior parte de minha vida aqui em São Paulo mesmo, embora tenha me tornado arqueólogo, seguindo os passos de meu avô. Ajudei a descobrir muitas instalações importantes aqui em São Paulo e as documentei.

Meu bisavô foi para Sírius e nunca mais voltou. Ficou por lá até morrer, embora também realizasse algumas missões em Barnard.

77

Este livro que estou escrevendo é um resumo da história.

Comecei a escrever por sugestão de minha filha Maria Clara.

Porque ela tentou ler os livros do meu avô ou o livro de memórias do meu bisavô e achou que eram muito longos e complicados.

De fato "O que aconteceu quando enfrentamos o Parasita", livro de memórias do meu bisavô, com suas 2.558 páginas detalhadas e "História da Civilização Espacial", em 12 volumes, do meu avô, eram livros meio difíceis para crianças.

Então resolvi escrever um livro basiquinho, para minha filha e outras crianças lerem. Claro que tive que consultar estes dois livros e outros, como o clássico "Ciência Extraterrestre", do médico Contardo Ferrari, da Missão Barnard/Sírius, que o tempo todo fez anotações científicas sobre a experiência.

Havia outros livros de memórias e livros científicos. Sociológicos, médicos, químicos, psicológicos.

Os exobiólogos escreveram sobre os extraterrestres também. Havia livros dedicados não apenas ao parasita, como também aos alphas, aos betas e a outros seres de outros planetas e sistemas.

De imagens, tínhamos milhões de horas gravadas. Eu mesmo assisti a muitos documentários e fiquei tão horrorizado que houve uma época em que eu tinha pesadelos.

78

Muitos humanos têm pesadelos diários.

Alguns de nossos antepassados tinham pesadelos com os nazistas, mesmo sabendo que eles estavam mortos e não voltariam a mandá-los a campos de concentração.

No entanto, a idéia de que os parasitas ainda estão em algum lugar e podem achar um buraco para voltar ao Universo assombra muita gente, principalmente o pessoal da Missão Barnard/Sírius, que teve de passar 23 milhões de anos escondida. Também havia o receio de que em alguma parte do Universo acabaria surgindo outro ser ameaçador à espécie humana.

79

Quando a nave do retorno, construída em Terra Beta, pelos betas, chegou à Terra com os 15 mil humanos, a experiência sensorial foi a mais excitante.

Não apenas aqueles que não andavam de pés descalços e sentiam o vento batendo no rosto há 25 milhões de anos, ficaram abobalhados, como também aqueles que haviam nascido no espaço, crescido em ambientes fechados, sem céu, com a mesma temperatura e a mesma iluminação e ausência de gravidade.

A primeira sensação era a dificuldade em se mexer, pois o corpo era puxado para a terra.

Em seguida, o vento, a ofuscante luz do Sol, temperaturas muito mais baixas do que lá em cima.

Estávamos numa era glacial e nos trópicos a temperatura chegava a no máximo, dez graus, no verão, durante o dia.

O pessoal que foi para os continentes ao norte tiveram de enfrentar temperaturas de mais de 50 abaixo de zero.

Decidimos não tentar mudar o clima do planeta. A Terra deveria ter seus motivos para ficar gelada de vez em quando.

Nossos avós descobriram também a chuva, a neve e a noite. O mar e as montanhas e o restante da natureza terrestre, que ainda tentaremos reconstruir, pelos próximos 500 anos.

80

O Departamento de Saúde Mental da Universidade Espacial, mesmo antes de 2.061, quando partiu a primeira Missão Alpha Centauri, já discutia os efeitos psicológicos, neurológicos e endocrinológicos daqueles que passavam muito tempo no espaço.

Não apenas os efeitos patológicos da falta ou excesso de oxigênio ou a falta de gravidade, às vezes excesso de gravidade, causavam alterações no comportamento dos espaçonautas, mas também o fato de sentirem-se "mortos" ou "mais perto de Deus", por não estar protegidos pelo planeta natal e seu solo e sua abóbada celeste, causavam efeitos psicológicos.

A maioria dos cosmonautas desenvolvia um intenso misticismo, outros sofriam alucinações com seres imaginários que lhes apavoravam ou lhes davam ordens.

Em seguida, surgiam os crimes. Assassinatos, suicídios, estupros, entre outros.

Entupir os exploradores espaciais de remédios não trazia resultados a longo prazo, além do quê, muitos se queixavam de não conseguirem raciocinar direito ao tomar os medicamentos.

Surgiu então uma solução cruel mas indispensável:

Desenvolver uma geração cosmonáutica.

Ou seja, incentivar o nascimento de humanos no espaço, para que estes fossem preparados desde crianças para a exploração espacial. E também trazer crianças da Terra.

Meu bisavô, Richard Benkley, nasceu na Estação Orbital de Júpiter, a maior estação espacial depois da Universidade Espacial.

Era filho de dois agentes de manutenção da estação e havia crescido com a presença do gigante gasoso lá fora.

Aos 4 anos de idade, tinha 1,15m de altura e entrou na Escola Virtual, gerada desde a Universidade Espacial e dedicada ao ensino fundamental das crianças que nasceriam no espaço. Todos os dias saía do alojamento de seus pais e flutuava em direção à ala infantil da estação, onde estudava junto com outras 16 crianças.

Ele havia nascido em 2049.

Os professores não incentivavam os alunos a seguir as profissões dos pais. No entanto, o currículo era de tal maneira voltado para a cosmonáutica, que ao chegar à idade adulta, nenhuma criança iria desenvolver outro tipo de vocação além da exploração espacial. As aulas, originalmente ministradas em vários idiomas, aos poucos foram absorvendo o dialeto espacial.

Aos 10 anos, Richard Benkley já sabia a sua vocação: astronomia.

Aos 15, ingressou na Universidade Espacial, onde logo no primeiro ano foi convidado a fazer parte da Missão Barnard. Por um motivo: não sofria de qualquer distúrbio de comportamento.

A Universidade Espacial estava satisfeita com a estratégia de fazer nascer uma verdadeira civilização astronáutica.

Os membros da Missão Alpha Centauri 1 foram escolhidos por inteligência e capacidade técnica.

Os tripulantes da Missão Barnard, que já estava em desenvolvimento desde 2062, seriam escolhidos por estabilidade emocional.

81

Em 2.065, no entanto, a Terra recebeu um comunicado da Missão Alpha Centauri: o acidente terrível com Santa Maria.

A ONU deu ordens para que as naves fossem concluídas imediatamente e a Missão Barnard fosse convertida em Missão de Apoio e Resgate a Missão Alpha Centauri 1. Mas a Universidade Espacial mudou o nome, informalmente, para Missão Alpha Centauri 2. Teve gente até que começou a dizer "MAC 2".

Como Richard Benkley era estudante de astronomia, seria instalado numa das Naves de Apoio, mas como não sobrou espaço, foi designado para a Nave de Resgate, onde aproveitaria para analisar de perto aquela região do Cinturão de Oort.

(As áreas mais longínquas da Terra do Cinturão de Oort, como aquelas que ficavam nos topos dos hemisférios, eram pouco estudadas). E para falar a verdade, ninguém nunca tinha chegado ali, fossem naves tripuladas ou não, pois ficavam a 1 ano-luz de distância da Terra, ou 25 vezes mais longe do que Plutão.

O Cinturão de Oort era o limite do Sistema Solar. Era o berço dos cometas e, diziam, a origem da vida na Terra.

Que você acha disto, Maria Clara? Só estamos aqui porque meu avô não teve lugar na nave certa.

Nesta época ele ainda não pensava em se reproduzir e mantinha só alguns relacionamentos sem compromisso com algumas garotas da nave, como fazia na Universidade Espacial.

Benkley era dos "estrelonautas" (como às vezes chamavam aqueles que deveriam visitar outras estrelas) mais jovens da Missão Alpha Centauri 2. Era um dos que chamavam a missão de MAC 2. Eles só não mudaram o nome da Nave de Resgate, pois achavam esse nome bonito e importante.

82

Um ano e meio depois, chegaram no Cinturão de Oort e começaram a procurar Santa Maria, mas ela havia desaparecido, como já relatei.

Ficaram por ali quase três meses, até relatar que possivelmente Santa Maria havia se desintegrado.

Mandaram mensagem a Terra: não iriam seguir para Alpha Centauri, pois lá já tinha muitas naves terrestres.

Já que a ordem era resgatar Santa Maria e trazer de volta a Terra, como não encontraram a nave, decidiram partir para Sírius. E assim mudaram por conta própria o nome para Missão Sírius, mas depois trocaram o nome para Almagesto, como contei também.

83

Um ano depois, surge Ptolomeu, no Clube dos Tripulantes.

Ptolomeu se estica todo, engole Almagesto e coloca a nave na sua subdimensão.

Os tripulantes enlouquecidos de Santa Maria são capturados.

Ptolomeu conta a todos que um parasita em Alpha Centauri iria dominar todos os humanos, por isso tinham que ficar ali escondidos.

Isso tudo você já sabe.

84

O que não sabe é que Richard Benkley apaixonou-se por um membro da tripulação de Santa Maria: a médica Tereza Grumieri, de 39 anos, que estava em tratamento psiquiátrico, no hospital de Almagesto.

Mas ela não se interessou por um guri de 16 anos, nem por nenhum outro homem.

Seis semanas depois, quando já se sentia melhor, pôde atuar no hospital como médica, não mais como paciente.

Richard a visitava diariamente, na esperança de que ela o aceitasse, mas ela recusava o galanteio sempre.

Meu avô acabou se envolvendo com outras mulheres mais jovens, da tripulação de Almagesto e teve, segundo contou, mais de 40 filhos lá dentro. Havia pouca monogamia.

E durante 23 milhões de anos, ficou ali na subdimensão analisando o avesso do Universo.

85

Até que avistaram as sondas da Nave de Investigação e as perseguiram, chegando em Beta Centauri.

Lá em Beta, Richard voltou a se apaixonar. Por Helena Grimm, exobióloga de 45 anos.

Agora Richard tinha 39 anos e não seria rejeitado.

Ele e Helena iniciaram um flerte, mas Tereza ficou enciumada e deu em cima do meu bisavô. Estava com 62 anos mas havia descoberto que não queria passar o resto da vida sozinha.

Como havia esnobado todo mundo, dentro de Almagesto, ao chegar em Terra Beta, percebeu que ninguém mais se interessava por ela.

Richard decidiu aceitá-la. Ainda era uma boa coroa.

Casaram-se e tiveram um filho, Richard Benkley Jr.

Meu avô decidiu dar este nome a ele pois seria o primeiro filho que ele cuidaria pessoalmente. Seria seu xodozinho.

Minha filha pediu mais detalhes da Missão Alpha Centauri 1 pois não falei dela ao longo do livro todo.

Alguns dias atrás foi localizada por acaso, pelos alphas, a caixa-preta de Nina, perdida no Cinturão de Finados.

Foi trazida por eles e entregue a Universidade de São Paulo, centro de referência em historiografia espacial.

Estamos analisando os dados. O trabalho vai levar muito anos, mas já dá para compreender os últimos momentos de vida de Nina, antes do choque com um cometa no Cinturão de Finados.

O que os tripulantes, formados por cientistas (75%), técnicos (15%) e operadores (5%) propuseram-se a fazer, assim que saíram da Terra?

As naves não passariam por nenhum planeta solar, pois Alpha Centauri fica no hemisfério sul, mas também pode ser vista no hemisfério norte.

Quando acabou o período glacial, cerca de 10 mil anos antes de Cristo, nossos ancestrais olharam para o céu e enxergaram desenhos formados pelas estrelas.

Ali onde há Alpha Centauri e também o Cruzeiro do Sul, os antigos enxergaram um centauro. Figura mitológica formada pela metade do corpo de um cavalo e metade do corpo de um homem. Um artrópode de seis membros...

Ptolomeu, astrônomo grego, resolveu organizar todas as estrelas que poderia ver, em seu livro *Almagesto*. À estrela mais brilhante da constelação do Centauro, deu o nome de Alpha Centauri.

Mas ela era a terceira mais brilhante do céu, após Sirius e Canopus que, no entanto, ficam mais longe do que Alpha Centauri.

Depois descobriu-se que Alpha Centauri era formada por três estrelas e este tipo de formação era o mais comum no Universo. Raramente uma estrela nasceu e cresceu sozinha, como o Sol.

E curiosamente, quando estávamos em Beta Centauri ou outras estrelas distantes, quando olhávamos para o Sol, ele sempre estava no meio de um aglomerado de estrelas formado por Alpha Centauri, Barnard e outras.

E então Alpha Centauri enviou mensagem a Terra.

E os tripulantes da Missão Alpha Centauri tinham medo do que poderiam encontrar pela frente. Por isso, o que se dedicavam mais, informalmente, era descobrir o significado

daquele sinal.

Diariamente observávamos Alpha Centauri, na esperança de que as características do sistema estelar nos indicassem o significado daquele som.

Rolando Menares, de quem falei, no capítulo 11, era agente de manutenção de Santa Maria.

Ninguém conhecia melhor aquela nave mas com o tempo ele passou a não monitorar tanto o funcionamento da mesma, delegando a responsabilidade para os computadores e robôs.

Mesmo assim, sempre dava um jeito de passar pela monitoria dos propulsores, para ver aquela linda e triste moça chamada Disajef Judo.

87

Rolando conhecia Disajef da Universidade Espacial, mas lá ela mantinha relacionamento com um dos desistentes.

A paquera durou aproximadamente um mês, até Rolando levar Disajef para seu alojamento pela primeira vez e iniciaram um romance caloroso.

Dois anos depois, no Cinturão de Oort, a nave teve aquele problema mas Disajef foi uma das desaparecidas.

Ante de sair da nave, Rolando vasculhou todas as instalações, mas não achou sua mulher em nenhum lugar.

Bastante deprimido, foi obrigado a sair de Santa Maria, ingressando em Nina.

88

Em Nina, Rolando ganhou um novo alojamento, quando terminaram de construir novos.

E foi em seu novo alojamento que Rolando começou a ter alucinações com Disajef, dizendo que deveria traduzir o sinal de Alpha Centauri, pois iria "descobrir a verdade".

Ele comentou o fato a seus colegas que aos poucos começaram a ter alucinações semelhantes.

Uns viam seus pais, outros viam professores da Universidade Espacial, alguns viam deuses, outros, diabos.

Um exobiólogo, o canadense Tom Kalimo, tentou matar Rolando, mas este se defendeu e conseguiu tomar sua barra de ferro, matando-o.

Rolando, sem saber o que fazer, começando a demonstrar esquizofrenia, jogou o corpo na piscina.

Em seguida, o corpo foi retirado por outros esquizofrênicos, que o assaram e comeram.

Até que um dia tocaram a campainha da cabine de Rolando. Ele abriu, armado com a barra de ferro, mas a psiquiatra Ana Michels, peruana, disse a Rolando que todos os que estavam traduzindo o sinal deveriam comparecer à sala de comando, para encontrar Moisés.

- Moisés, aquele da Bíblia. - ela falou. - Ele está aqui.

Rolando subiu ao quinto andar e se entrou na sala de comando.

- O que é isso, à frente? - perguntou Rolando, referindo-se ao Cinturão de Finados.

- É Moisés, respondeu Dr. Willian Bunkeh, médico congolês, observando o Cinturão de Finados.

- Qual a tradução do sinal? - perguntou Rolando.

- Alpha Centauri é Deus. - respondeu Bunkeh e os outros confirmaram com gritos de aprovação.

Rolando concordou com eles. Estavam corretíssimos. Alpha Centauri era Deus!

89

- Não devemos contar a Pinta. - sugeriu Rolando. - Se eles souberem que descobrimos que Alpha Centauri é Deus, virão aqui nos matar.

- Por que diz isto, irmão? - perguntavam.

- Porque os escolhidos vieram para Nina e os inimigos ficaram em Pinta.

- Sim, tem razão, irmão Rolando tem razão!

Nina abandonou a ciência e nos quatro anos de trajeto ao Cinturão de Finados, que crescia na janela da sala de comando de Nina, desenvolveram o culto ao Cinturão, que consideravam Moisés, protegendo Jeová, dentro de dele.

Mas alguns tripulantes de Nina deixaram de acreditar na doutrina do Doutor Bunkeh e tentaram convencer os outros tripulantes de que estavam loucos, mas foram mortos por estes e jogados na piscina, que era onde consideravam que deveriam "curtir" os mortos,

antes de comê-los.

Pinta, por sua vez, estava com tantos problemas semelhantes, que não tinham tempo de monitorar as atividades em Nina. Esta respondia de maneira evasiva, quando contatada por Pinta.

Faltando um ano para chegar no Cinturão de Finados, a seita "lembrou-se", baseada em conceitos bíblicos, de que ser humano algum deveria ver Deus.

E portanto, Nina deveria ser destruído.

90

Não se lembraram do dispositivo de auto-destruição, que poderia ser acionado se a tripulação acreditasse que suas vidas ou a vida terrestre pudesse correr perigo.

Preferiram chocar Nina com um cometa do Cinturão, mas para isto, tiveram que desligar a auto-navegação, pois jamais conseguiriam fazer a nave se chocar com algum corpo.

Não foi fácil. A auto-navegação não era opcional, mas um dispositivo incluído na construção das naves, na Universidade Espacial.

Tiveram que abrir um buraco na fuselagem para destruir o processador que ligava os sensores da nave aos propulsores. Como os propulsores foram desligados imediatamente, através de outro dispositivo de segurança, tiveram que religá-los sem a auto-navegação.

Um dia antes do choque, a tripulação esquizofrênica de Nina enfim entrou em contato com Pinta, para tentar convencê-los de que não deveriam invadir Alpha Centauri, pois humanos não poderiam ver Deus.

Parte da tripulação de Pinta acreditou no que diziam, pois também estavam sofrendo de distúrbios mentais, mas os sãos da nave conseguiram imobilizá-los. Mas eles conseguiram cometer suicídio, no hospital, roubando vasodilatadores da farmácia e injetando altas-doses em seus corpos.

Nina chocou-se com um cometa de 100 km<sup>2</sup>, a 150 mil km/s, sendo pulverizada imediatamente.

91

Olá, minha trineta, estou feliz que você tenha me escrito.

Hoje é muito melhor viajar e viver pelo espaço, pois recebemos mensagens em tempo real, embora o Congresso da Terra (instituição outrora de ficção científica que se tornou uma realidade, graças ao Parasita) queira proibir todo o tráfego extradimensional. Projeto de lei inútil pois as leis da Ciência não podem ser regidas por leis políticas. Nem sequer as leis da Natureza são regidas por leis dos seres vivos. Observe os humanos, os nossos amigos alphas e betas, podemos vencer as leis do Universo, pois muitas vezes nossa sobrevivência depende disto.

O Parasita foi criado pelas estrelas solares de Alpha Centauri (que seu pai erroneamente chama de estrelas gêmeas, pois não são gêmeas). Com a melhor das intenções - queria semear vida por todo o Universo - Isto não aconteceu pois os alphas haviam desenvolvido sua extradimensionalidade, bem como os betas. E com a ajuda de uma invenção humana, a Auto-Fonte, conseguimos destruí-lo ou como acreditam alguns, expulsá-lo para outro Universo.

Isto me faz pensar: para garantir nossa sobrevivência, enviamos a morte para outro lugar. Estaria o maldito destruindo os possíveis seres vivos que lá existam? Talvez não devêssemos um dia visitar tal lugar e fiscalizar o comportamento deste ser em seu novo lar?

Imagine os riscos que correríamos... O ser humano quase finalizou a espécie humana por culpa de uma visita à estrela mais próxima. E se estamos vivos, foi graças a um acaso: o acidente com Santa Maria, que isolou os últimos sobreviventes da espécie humana.

Não fosse pelo acidente, todos chegaríamos em Alpha Centauri e a espécie humana estaria extinta, neste momento, como estão bilhões e bilhões de espécies no Universo.

Maria Clara, você já parou para analisar o quanto nosso pensamento deve escolher caminhos antagônicos a ser seguidos?

Explico: ou temos que acreditar que a vida é feita de acasos, como o que garantiu a sobrevivência da espécie humana ou temos que acreditar que na vida não há acaso nenhum, que tudo é predestinado.

Não acredito na segunda hipótese. Não acredito que uma inteligência superior (Deus, por exemplo) tenha predestinado a destruição de quase toda a vida espaço-temporal do Universo.

Mas há a teoria matemática do "Deus Intelligens Decurrens", o Deus que evoluirá a partir dos seres inteligentes, com 100.000 de QI e capacidade para reiniciar o Universo tantas vezes quanto necessário. A teoria coincide com a dos Supra-Racionais, dos betas. Os betas relatam a existência de seres tão inteligentes que vivem à parte de todos os

Universos e todas as dimensões (leia "Civilização Extraterrestre", do meu amigo Contardo Ferrari).

Talvez esse Deus Intelligens Decurrens ou os Supra-Racionais tenham decidido exterminar todas as civilizações ou quase todas, com algum objetivo que nossa inteligência não é capaz de assimilar.

Respondendo sua pergunta inicial, estou bem sim. Ter 98 anos no espaço é diferente de ter 98 anos na Terra. Não esqueça que tenho muito mais do que 98 anos. Passei 25 milhões de anos escondido, mas pareceram 25 apenas.

Minha rotina na Estação Orbital Média de Sírius não é entediante, como muitos poderiam pensar.

Tenho dormido bastante, oito ou dez horas seguidas. Não posso dizer que durmo oito ou dez horas por noite, porque aqui não tem noite, só um eterno dia, graças às gigantes de Sírius.

Faço o desjejum e em seguida exercícios. No espaço temos que fazer mais exercícios do que na Terra.

No refeitório e no Clube dos Exploradores, sempre nos relatam muitas novidades.

Quando chego no meu gabinete, há toneladas de relatórios que tenho que resumir e enviar a Terra, para ser publicada na Tela.

Após o almoço é o mesmo. Descanço após o jantar. Deito em minha cama (porque a E.O.M.S. tem gravidade artificial, felizmente!), coloco meus fones-de-ouvido e ouço boa música até adormecer.

Nenhum dia é igual ao outro, acredite. Claro que não tenho mais a empolgação de ir lá para baixo, com os jovens. Deixo a pesquisa de campo para eles.

Fico aqui. Escreva-me sempre, pois vou me sentir em casa.

92

Maria Clara, minha trineta querida, como vai?

Fico sempre muito feliz em receber suas mensagens.

Sim, já estou recuperado do acidente. A E.O.M.S. está bem também, é uma estação muito forte e o trabalho dos robôs foi perfeito. Os robôs estão cada vez mais inteligentes, embora não saibamos se um dia terão raciocínio natural, como o nosso. Contardo Ferrari diz que não pode haver dois seres inteligentes num mesmo mundo. Um sempre acaba dominando o outro. Ele cita o exemplo dos alphas e betas. Pareciam

nossos aliados mas nossa sobrevivência dependia da boa vontade deles. Enquanto a Estação era consertada, fiquei esperando na Estação Exterior.

Respondendo a suas perguntas:

1 - Sim, ainda tenho pesadelos. Todos os que enfrentaram o Parasita tem.

2 - Não, não acredito em Deus. Acho que poderíamos ter desconfiado, de alguma maneira, da existência dele. Claro que você pode acreditar em Deus, mas não deixe que isso interfira em sua sanidade mental. Lembre-se do que aconteceu nas primeiras missões interplanetárias. E como eu já disse, há a teoria do Deus Intelligens Decurrens e a lei que diz: "Se Deus ainda não existe, um dia vai existir, pois Deus é a evolução natural dos seres inteligentes".

3 - Sim, é verdade que estou me relacionando com uma pessoa.

4 - A Vacina Atômica que você tem em seu cérebro é totalmente segura. Não a remova jamais.

5 - Concordo que a Tela Neural é modismo. Uma inovação científica só se torna cultural, como a Tela comum, quando aprovada espontaneamente por toda a humanidade, como foi o telefone, o computador, a televisão, etc. Tanto é que todos estes artefatos foram fundidos num só, a Tela. Mas já na época em que surgiu eu já ouvia falar da tal Tela Neural e nunca acreditei que se tornasse cultural. Para falar a verdade, o ser humano é uma espécie caracteristicamente discreta, que necessita de uma certa privacidade. É a nossa natureza.

Agora tenho duas perguntas a você:

1 - Já leu meu livro inteiro? O do seu pai é muito vago e cheio de erros, não entende nada da Ciência Espacial, embora eu reconheça que escreveu um livro introdutório empolgante sobre a Experiência, bom para crianças mesmo. Curiosamente ele conta histórias que eu desconhecia completamente, como a do bunker na Antártica. Será que ainda existe? Já que seu pai é arqueólogo, mande-o investigar. Estou lhe enviando um livro muito legal, escrito por Jonatas Anello, nascido na Missão Sirius. Ele era filho de um dos resgatados de Santa Maria. É o ponto de vista de alguém nascido em outra dimensão e que veio morar na Terra. Imagine como deve ser a psicologia de alguém que cresceu como um espírito desencarnado... Por isso o livro dele se chama "Eu, Alma Penada". O livro dele me causou o mesmo impacto dos livros de Primo Levi sobre o Holocausto, que eu espero que você leia também, caso ainda não tenha lido.

2 - Quando você vem me visitar? Já pensou em fazer uma viagem interestelar? Ver o Sol a partir de outra estrela é muito interessante.

Meu bisneto, como vai?

Já li seu livro e vou fazer uma crítica completa. Mas primeiro, gostaria de saber mais detalhes do abrigo dos cientistas na Antártica, que nunca ouvi falar. Quem lhe contou isto? Existe alguma equipe investigando o local? Você mesmo conta que era uma agência militar ultra-secreta.

Mande notícias sempre, pois sinto falta de vocês. Não posso visitar a Terra, por enquanto.

94

Foi a última mensagem do meu bisavô, que dormiu e não acordou mais. Agora ele nunca mais teria pesadelos. Não pude contar a ele como descobri a história do abrigo antártico.

Não sei se vou publicar este livro.

Porque tento descobrir como eu sabia a história do abrigo e não consigo.

Na busca da minha biblioteca particular, não achei nenhuma referência ao abrigo.

Na biblioteca da USP também não.

Pensei em consultar outras bibliotecas mas temi que se os Sobreviventes soubessem de alguém que conhecia um segredo da invasão, me convocassem para esclarecimentos.

Pois todas as instituições do mundo são comandadas por Sobreviventes.

Aqui em São Paulo a promotoria não tem muito o que fazer, então eu seria um prato cheio.

Decidi escavar a Antártica em busca das provas.

Só não sabia como conseguiria recursos para ir até lá. A USP me forneceria material facilmente, desde que apresentasse uma tese.

Mas eu não tinha nenhuma fonte.

Não poderia obter financiamento particular, pelos mesmos motivos: as grandes empresas estão também nas mãos dos Sobreviventes.

Fui ter uma conversa particular com o Doutor Álvaro Sobral, diretor do Departamento de Arqueologia da USP.

95

- Doutor, preciso ir a Antártica.
  - Claro. Busca o que, lá?
  - O Exército americano tinha um bunker lá, onde escondeu muitos cientistas importantes, durante a Invasão.
  - Nós não podemos escavar um terreno do Exército americano.
  - Este é o problema. Eles não sabem que aquilo existe. Era um abrigo ultra-secreto construído por uma agência ultra-secreta criada pela ONU.
  - Como você sabe?
  - Este é outro problema. Eu também não sei. Acho que ouvi falar quando criança, não sei. Eu não tenho nenhuma fonte, mas eu sei que este sítio existe.
  - Que coisa complicada...
  - Veja, Doutor, no lugar havia antes um laboratório soviético de pesquisas do gelo. Os russos da Universidade de Paris não vão reclamar.
  - Vai ser uma pesquisa falsa?
  - Doutor Álvaro, talvez neste abrigo tenha anotações científicas que sejam como pedras preciosas. Sabe quem foi abrigado lá? Os criadores da Auto-Fonte.
- Doutor Álvaro se esparramou em sua poltrona. Parecia o Rei da Espanha mandando Cristóvão Colombo para a América.
- Vá o mais rápido que puder. - sentenciou o arqueólogo-chefe da USP.

96

Num jato dos Correios (colaboradores extensos do nosso departamento), eu, minha equipe e os robôs viajamos para a Antártica.

O jato pousou no local exato, perto do pólo sul, onde só havia, óbvio, gelo.

O jato partiu.

Parte dos robôs começaram a construir nosso alojamento e a outra parte a cavar 25 milhões de anos de gelo.

Morrendo de frio, aguardamos ansiosamente o término da construção do alojamento.

E só uma coisa rondava minha cabeça, enfiada dentro do capuz pesado que me protegia dos -70o C: como eu sabia em detalhes aquilo tudo.

E no fundo, eu não tinha vontade de encontrar lá no fundo, nada. Não queria que meu conhecimento fosse comprovado e provado. Eu queria estar enganado.

Mas não estava.

97

A 3.476m, os robôs acharam o abrigo.

Os vestígios das raízes das plantas azuis, que eu encontrava em todas as escavações, estavam lá também. Mas foi o sítio arqueológico mais bem conservado que encontrei em minha vida.

Depois que os robôs fotografaram tudo, recolhemos as roupas caídas no chão e entregamos aos mesmos robôs para que guardassem nos contâineres.

Guardamos os processadores pessoais para analisá-los e também arquivos e documentos em papel.

Começamos a decifrar tudo, enquanto os robôs desmontavam o abrigo e o traziam para o laboratório. Iríamos analisá-lo microscopicamente. Não tínhamos planos de guardar ruínas, como fazíamos em outros lugares.

Textos escritos em dezenas de idiomas. Os cientistas tentaram registrar seu conhecimento da melhor maneira, mas evidentemente não tiveram tempo, pois os textos se encerravam abruptamente.

Lá no meio, o projeto da Auto-Fonte.

98

Voltei para São Paulo numa excitação inédita. Meu pavor havia dado lugar ao êxtase, desde que tive em minhas mãos o projeto da Auto-Fonte, escrito à mão, por um batalhão de cientistas.

Também havia outros estudos interessantes, sobre medicina, sociologia, etc. Não sei o que ainda poderia ser aproveitado.

Mas à noite, cheguei em casa, deitei em minha cama e fiquei pensando...

Como eu sabia? Como eu sabia? Como eu sabia? Como eu sabia?

99

Hipótese.

Eu estava infectado por uma espécie latente do Parasita.

Estava hospedado dentro de mim, esperando o momento certo de se manifestar.

Talvez não pudesse se manifestar, restrito pela Vacina Atômica.

Mas iria se manifestar um dia.

Já estava tentando se manifestar, gerando, por exemplo, um pensamento em mim.

Não, não, não, não, era tudo paranóia isto.

O Parasita estava totalmente banido e a Vacina Atômica era completamente eficaz. Eliminaria o Parasita antes que eu pudesse perceber ter sido infectado por ele.

Restava a dúvida: como eu sabia do abrigo antártico?

100

Tive a resposta quando cheguei no Aeroporto Campo de Marte, uma das edificações antigas, que havia sido reconstruída. Na verdade, aproveitaram só a planície e construíram outro aeroporto por cima.

Ao passar pelo check in, o alarme soou.

Os policiais me chamaram e me revistaram.

Perguntaram-me porque eu estava emitindo tanto raio X. Estava com alguma bomba em meu corpo?

Bomba? Impossível. Podem me revistar o quanto quiserem, falei.

Voltaram a me revistar e mais uma vez me disseram que eu estava radioativo e deveria ser levado a um local isolado, no aeroporto.

Fiquei quinze minutos numa salinha do setor de manutenção do aeroporto, até chegar o

Grupamento de Operações Táticas Especiais da Polícia Federal.

Coloram-me um macacão anti-radioativo e me levaram ao setor de descontaminação do Hospital Municipal.

Diagnóstico: eu estava emitindo raios X.

Em outras palavras, mutação genética.

Fizeram um exame e descobriram um gene novo em meu DNA.

Analisaram também minha família e todos tinham o mesmo gene, mas só estava se manifestando em mim.

Eu fechei os olhos e me concentrei. Imaginei que a emissão de raio X era reduzida e o contador a meu lado imediatamente retrocedeu abruptamente.

Fiquei brincando com o aparelho. Com minha mente, podia controlar a emissão de raio X.

A alteração genética surgiu em Alpha Centauri.

Não era um parasita só, mas dois, da mesma família.

Um evidentemente agressivo e ao mesmo tempo limitado.

Outro, aparentemente inofensivo mas que havia penetrado até mesmo na subdimensão dos alphas e se instalado em nosso DNA.

Por isso eu sabia segredos dos Parasitas, como o abrigo. Porque o ultra-violeta e o raio X guardavam a mesma memória.

101

Os mamíferos não botam ovos por culpa de uma virose que alterou nossa genética.

O mesmo aconteceu com o raio X.

Teria este parasita escolhido uma maneira pacífica de sobreviver no Universo?

Ou estaria preparando o ataque?

Por via das dúvidas, melhor retirar o gene de nosso DNA.

Mas como alterar a genética de insetos, bactérias, vegetais? Todos estavam adulterados, inclusive os alphas e os betas.

[fim]

escrito em Guarulhos e São Paulo, entre julho e agosto de 2005

Gostou desse livro? Mande um e-mail para [papoy3@gmail.com](mailto:papoy3@gmail.com)